



**Talita Corrêa
de Sousa**

**Coletânea biográfica feminina infantojuvenil: uma
tendência editorial em análise**



**Talita Corrêa
de Sousa**

**Coletânea biográfica feminina infantojuvenil: uma
tendência editorial em análise**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho às mulheres mais importantes da minha trajetória existencial, Maria Helena, Juliana, Thaísa e Tatiana.

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Sara Raquel Duarte Reis da Silva
Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho (arguente)

Professora Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

À Coordenadora e Professora do Mestrado em Estudos Editoriais, Cristina Carrington, que desde 2016 me acolhe com um carinho maternal. Seu auxílio e suas palavras de incentivo foram um grande alívio nos momentos de aflição.

À Professora Ana Margarida Ramos, que aceitou orientar este trabalho com a sua generosidade e seu conhecimento. Agradeço a paciência, a compreensão e as críticas construtivas que me ajudaram a concretizar esta pesquisa.

Ao Adilson Santos, companheiro desta e de tantas outras jornadas. Obrigada pelo apoio incansável e pela confiança na minha capacidade de superação.

À Mariana Ruas, grande amiga desde sempre, pelos conselhos acadêmicos e, principalmente, pelo apoio emocional.

Aos amigos do curso, especialmente à Jéssica Spilla e à Tainá Amado, com as quais compartilhei as dificuldades e as alegrias de ser uma aluna estrangeira.

Ao plano espiritual, que me encaminhou a este momento.

palavras-chave

Literatura infantojuvenil, biografia, feminismo, Portugal, Brasil

resumo

Este trabalho propõe uma análise da tendência editorial das biografias femininas direcionadas para o público infantojuvenil, nomeadamente as coletâneas *Portuguesas com M grande* e *Portuguesas extraordinárias*, editadas em Portugal, e *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias*, produzidas no Brasil. Partindo de um enquadramento teórico que envolve as relações entre o gênero «biografia» e os textos não ficcionais, a desconstrução dos estereótipos de gênero e a literatura infantojuvenil, e a temática feminista e o mercado editorial, realiza-se um panorama ilustrativo do fenómeno no contexto de publicação ocidental. Analisa-se, em seguida, as obras do *corpus*, pela metodologia comparativa, em aspectos relevantes na perspectiva editorial e social, visando contribuir com reflexões acerca do comportamento editorial e dos contextos que subjazem as publicações portuguesas e brasileiras nas suas proximidades e nos seus distanciamentos. Por fim, retoma-se os pontos conclusivos indicados nos exames detalhados das obras, buscando sintetizar as percepções mais significativas desenvolvidas no percurso investigativo.

keywords

Children's literature, biography, feminism, Portugal, Brazil

abstract

This research intends to analyze the publishing tendency of feminine biographies directed for the child and youth public, namely the collections *Portuguesas com M grande* and *Portuguesas extraordinárias*, edited in Portugal, and *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* and *Extraordinárias*, made in Brazil. Originating from a theoretical framework which involves the relationship among the «biography» genre and the non-fictional texts, the gender stereotype deconstruction and the children's literature, the feminist theme and publishing market, it performs an illustrative overview of this phenomena in the western publishing context. Following, it analyzes the research *corpus*, through the comparative methodology, on the relevant aspects in the publishing and social perspective, aiming to contribute with reflections regarding the publishing behavior and the background that underlies the Portuguese and Brazilian publications in their proximities and distances. Lastly, it resumes the conclusive topics presented in detailed examination of each literary work, with the goal of summarize the most significant perceptions developed from the investigative path.

LISTA DE FIGURAS	03
INTRODUÇÃO	09
1. MOTIVAÇÃO E FORMULAÇÃO DA PESQUISA	09
2. ESTRUTURA DO TRABALHO	10
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-MERCADOLÓGICO	13
1. A NÃO FICÇÃO E O GÊNERO BIOGRAFIA	13
2. OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E A LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	16
3. A TEMÁTICA FEMININA/FEMINISTA E O MERCADO EDITORIAL	19
4. PANORAMA DE PRODUÇÃO EDITORIAL INFANTOJUVENIL DE BIOGRAFIAS FEMININAS	27
4.1. Publicações internacionais e traduções em Portugal e no Brasil	28
4.2. Publicações portuguesas	41
4.3. Publicações brasileiras	43
4.4. Reflexões acerca do panorama	44
CAPÍTULO II: COLETÂNEAS PORTUGUESAS	47
1. <i>PORTUGUESAS COM M GRANDE</i>	47
1.1. Características gerais/formais	47
1.2. Ilustração	49
1.3. Texto	52
1.4. Análise social	53
2. <i>PORTUGUESAS EXTRAORDINÁRIAS</i>	56
2.1. Características gerais/formais	57
2.2. Ilustração	58
2.3. Texto	60
2.4. Análise social	61
3. <i>PORTUGUESAS COM M GRANDE VERSUS PORTUGUESAS EXTRAORDINÁRIAS</i>	65
3.1. Características gerais/formais	65
3.2. Ilustração	66
3.3. Texto	68
3.4. Análise social	69
CAPÍTULO III: COLETÂNEAS BRASILEIRAS	73
1. <i>50 BRASILEIRAS INCRÍVEIS PARA CONHECER ANTES DE CRESCER</i>	73
1.1. Características gerais/formais	73
1.2. Ilustração	74
1.3. Texto	77
1.4. Análise social	78
2. <i>EXTRAORDINÁRIAS</i>	82
2.1. Características gerais/formais	83
2.2. Ilustração	85
2.3. Texto	87
2.4. Análise social	88
3. <i>50 BRASILEIRAS INCRÍVEIS PARA CONHECER ANTES DE CRESCER VERSUS EXTRAORDINÁRIAS</i>	93
3.1. Características gerais/formais	93

3.2. Ilustração	95
3.3. Texto	96
3.4. Análise social	97
CAPÍTULO IV: COLETÂNEAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS	103
1. CARACTERÍSTICAS GERAIS/FORMAIS	105
2. ILUSTRAÇÃO	108
3. TEXTO	110
4. ANÁLISE SOCIAL	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
BIBLIOGRAFIA ATIVA	121
BIBLIOGRAFIA PASSIVA	122
ANEXOS	125

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 Capas da coleção <i>Antiprincesas</i> pela Tinta da China, Portugal (2017)	29
Fig. 2 Capa do volume 1 de <i>Good Night Stories for Rebel Girls</i> (2016)	30
Fig. 3 Capa do volume 2 de <i>Good Night Stories for Rebel Girls</i> (2017)	30
Fig. 4 Capa de <i>Rad American Women A-Z</i> (2015)	31
Fig. 5 Capa de <i>Rad Women Worldwide</i> (2017)	31
Fig. 6 Capa de <i>Rad Girls Can</i> (2018)	31
Fig. 7 Capa de <i>Women in Science</i> (2016)	32
Fig. 8 Capa de <i>Women in Sports</i> (2017)	32
Fig. 9 Capa de <i>Modern Herstory</i> (2018)	33
Fig. 10 Capa de <i>Fantastically Great Women Who Changed the World</i> (2016)	34
Fig. 11 Capa de <i>Fantastically Great Women Who Made History</i> (2018)	34
Fig. 12 Capa de <i>Fantastically Great Women Who Worked Wonders</i> (2019)	34
Fig. 13 Capas da coleção <i>Little People, BIG DREAMS</i> (2016-2019)	35
Fig. 14 Capa de <i>Le tue antenate: donne pioniere nella società e nella scienza dall'antichità ai giorni nostri</i> (2009)	36
Fig. 15 Capa de <i>Storie e vite di superdonne che hanno fatto la scienza</i> (2017)	36
Fig. 16 Capa de <i>Cattive ragazze: 15 storie di donne audaci e creative</i> (2017)	36
Fig. 17 Capa de <i>Ragazze con i numeri</i> (2018)	36
Fig. 18 Capa de <i>Le più belle storie di donne coraggiose</i> (2019)	36
Fig. 19 Capa de <i>La storia di Greta</i> (2019)	36
Fig. 20 Capa de <i>GIRL POWER: Les sportives</i> (2017)	37
Fig. 21 Capa de <i>Il était une fois des femmes fabuleuses</i> (2018)	37
Fig. 22 Capa de <i>10 femmes qui ont changé l'Histoire du monde</i> (2018)	37
Fig. 23 Capa de <i>Nos héroïnes: 40 portraits de femmes québécoises</i> (2018)	37
Fig. 24 Capa de <i>Las chicas son guerreras</i> (2016)	37
Fig. 25 Capa de <i>Las chicas son de ciencias</i> (2018)	37
Fig. 26 Capa de <i>Las chicas van donde quieren</i> (2019)	37
Fig. 27 Capa de <i>Mujeres</i> (2016)	38
Fig. 28 Capa de <i>Supermujeres, superinventoras: ideas brillantes que transformaron nuestra vida</i> (2018)	38
Fig. 29 Capa de <i>100 mujeres que cambiaron el mundo</i> (2018)	38
Fig. 30 Capa de <i>Cuentos para niños que sueñan con cambiar el mundo</i> (2018)	38

Fig. 31 Capa de <i>Stories for Boys Who Dare to be Different</i> (2018)	38
Fig. 32 Capa de e <i>Stories for Boys Who Dare to be Different 2</i> (2019)	38
Fig. 33 Publicidade da coleção <i>Mujeres extraordinarias</i> (2019)	39
Fig. 34 Capa de <i>Mi primer libro sobre ellas</i> (2011)	40
Fig. 35 Capa de <i>Ellas hicieron Historia</i> (2011)	40
Fig. 36 Capa de <i>Pioneras: Mujeres que abrieron camino</i> (2011)	40
Fig. 37 Capa de <i>Mujeres bacanas</i> (2017)	40
Fig. 38 Capa de <i>Mujeres bacanas latinas</i> (2019)	40
Fig. 39 Capa de <i>Chilenas rebeldes</i> (2018)	40
Fig. 40 Capa de <i>A minha primeira Sophia</i> (2009)	41
Fig. 41 Capa de <i>A minha primeira Amália</i> (2012)	41
Fig. 42 Capa de <i>Ana de Castro Osório: A mulher que votou na literatura</i> (2015)	42
Fig. 43 Capa de <i>Antónia Ferreira: A desenhadora de paisagens</i> (2017)	42
Fig. 44 Capa de <i>Marquesa de Alorna: Querida Leonor</i> (2017)	42
Fig. 45 Capa de <i>O pequeno livro das grandes heroínas</i> (2019)	43
Fig. 46 Capa de <i>O pequeno livro dos grandes heróis</i> (2019)	43
Fig. 47 Capa de <i>Carmen: A grande pequena notável</i> (2014)	44
Fig. 48 Capa de <i>Malala: A menina que queria ir para a escola</i> (2015)	44
Fig. 49 Capa de <i>ABCDelas</i> (2019)	44
Fig. 50 Contracapa, lombada e capa de <i>Portuguesas com M grande</i> (2018)	48
Fig. 51 Guardas de <i>Portuguesas com M grande</i>	48
Fig. 52 Verso da guarda inicial e folha de rosto de <i>Portuguesas com M grande</i>	48
Fig. 53 Ficha técnica e verso da guarda final de <i>Portuguesas com M grande</i>	48
Fig. 54 Dupla página da biografia de Preta Fernanda em <i>Portuguesas com M grande</i>	49
Fig. 55 Dupla página da biografia das Mulheres anônimas em <i>Portuguesas com M grande</i>	49
Fig. 56 Glossário de nomes de <i>Portuguesas com M grande</i>	49
Fig. 57 Biografias da ilustradora e da autora em <i>Portuguesas com M grande</i>	49
Fig. 58 Ilustração de Maria Archer em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 59 Ilustração de Celeste Mousaco em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 60 Ilustração de Catarina Eufémia em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 61 Ilustração de Maria Veleda em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 62 Ilustração de Maria de Lourdes Pintasilgo em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 63 Ilustração de Sacuntala de Miranda em <i>Portuguesas com M grande</i>	50
Fig. 64 Ilustração de Paula Rego em <i>Portuguesas com M grande</i>	51
Fig. 65 Ilustração de Virgínia Moura em <i>Portuguesas com M grande</i>	51

Fig. 66 Ilustração de Branca Edmeé Marques em <i>Portuguesas com M grande</i>	51
Fig. 67 Ilustração de Vieira da Silva em <i>Portuguesas com M grande</i>	51
Fig. 68 Ilustração de Antónia Rodrigues em <i>Portuguesas com M grande</i>	51
Fig. 69 Contracapa, lombada e capa de <i>Portuguesas extraordinárias</i>	57
Fig. 70 Guardas de <i>Portuguesas extraordinárias</i>	57
Fig. 71 Folha de rosto de <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 72 Biografias da autora e da ilustradora em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 73 Dupla página de Outras feministas extraordinárias em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 74 Dupla página de Outras atrizes extraordinárias em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 75 Dupla página de Outras escritoras extraordinárias em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 76 Dupla página de Primeiras em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	58
Fig. 77 Dupla página da biografia de Maria Lamas em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	59
Fig. 78 Dupla página da biografia de Antónia Pusich em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	59
Fig. 79 Dupla página da biografia de Brites de Almeida em <i>Portuguesas com M grande</i>	67
Fig. 80 Dupla página da biografia de Brites de Almeida em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	67
Fig. 81 Dupla página da biografia de Ferreirinha em <i>Portuguesas com M grande</i>	67
Fig. 82 Dupla página da biografia de Ferreirinha em <i>Portuguesas extraordinárias</i>	67
Fig. 83 Contracapa, lombada e capa de <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 84 Badana inicial e falsa folha de rosto de <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 85 Sumário de <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 86 Secção Suas heroínas em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 87 Créditos de ilustração e design de <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 88 Créditos de tipografia de <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	74
Fig. 89 Ilustração de Liberata por Mónica Crema em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75
Fig. 90 Ilustração de Bidu Sayão por Mónica Crema em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75
Fig. 91 Ilustração de Leila Diniz por Mónica Crema em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75
Fig. 92 Ilustração de Paraguaçu por Rafamon em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75
Fig. 93 Ilustração de Elza Soares por Rafamon em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75
Fig. 94 Ilustração de Bertha Lutz por Rafamon em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	75

Fig. 95 Ilustração de Graziela Maciel Barroso por Juliana Fiorense em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	76
Fig. 96 Ilustração de Anita Garibaldi por Juliana Fiorense em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	76
Fig. 97 Ilustração de Aracy de Carvalho por Juliana Fiorense em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	76
Fig. 98 Ilustrações originais de Carmen Miranda e Ada Rogato por Juliana Rabelo em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	76
Fig. 99 Ilustrações originais coloridas de Carmen Miranda e Ada Rogato por Juliana Rabelo em <i>50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer</i>	76
Fig. 100 Contracapa, lombada e capa de <i>Extraordinárias</i>	83
Fig. 101 Badana inicial e falsa folha de rosto de <i>Extraordinárias</i>	83
Fig. 102 Colofão e badana final de <i>Extraordinárias</i>	84
Fig. 103 Sumário de <i>Extraordinárias</i>	84
Fig. 104 Linha do tempo de <i>Extraordinárias</i>	84
Fig. 105 Referências por biografia de <i>Extraordinárias</i>	84
Fig. 106 Apresentação das ilustradoras de <i>Extraordinárias</i>	84
Fig. 107 Ilustração de Dandara por Lole em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 108 Ilustração de Anita Mafalitti por Lole em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 109 Ilustração de Cacilda Becker por Lole em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 110 Ilustração de Marta Vieira por Lole em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 111 Ilustração de Bertha Lutz por Bárbara Malagoni em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 112 Ilustração de Pagu por Bárbara Malagoni em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 113 Ilustração de Dona Ivone Lara por Bárbara Malagoni em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 114 Ilustração de Anita Garibaldi por Bárbara Malagoni em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 115 Ilustração de Madalena Caramuru por Joana Lira em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 116 Ilustração de Maria Firmina dos Reis por Joana Lira em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 117 Ilustração de Nise da Silveira por Joana Lira em <i>Extraordinárias</i>	86
Fig. 118 Ilustração de Zuzu Angel por Joana Lira em <i>Extraordinárias</i>	86

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a Terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e pelos desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino.

Simone de Beauvoir, *O segundo sexo: A experiência vivida*

Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial. Por favor, veja Chizalum como indivíduo. Não como uma menina que deve ser de tal ou tal jeito. Veja os seus pontos fortes e seus pontos fracos de maneira individual. Não a meça pelo que uma menina deve ser. Meça-a pela melhor versão de si mesma.

Chimamanda Ngozi Adichie, *Para educar crianças feministas*

1. MOTIVAÇÃO E FORMULAÇÃO DA PESQUISA

Uma das questões mais frequentes e estimuladas durante o percurso do Mestrado em Estudos Editoriais diz respeito ao aprimoramento da percepção e da atenção para com os movimentos do mercado editorial e as especificidades encontradas em diferentes contextos e nichos de produção. Dessa forma, a observação de um número significativo de publicações biográficas infantojuvenis, notadamente femininas, nos últimos anos em Portugal e no Brasil, deu origem a este trabalho de investigação, com o intuito de, a partir da metodologia comparativa, mapear uma tendência editorial em franco desenvolvimento e relacioná-la com as suas sociedades circundantes, através das obras locais portuguesas e brasileiras.

Considerando as relações incontornáveis do fenômeno de que esta dissertação se ocupa com o movimento feminista no estágio atual, assim como com o processo de desconstrução de estereótipos de gênero na literatura infantojuvenil, a pesquisa é norteadada por questões que se mostram relevantes para entender o objeto de análise em ambos os países em suas perspectivas tanto editorial quanto social: O que o feminismo atual tem a dizer às crianças? Quando as histórias de princesas à espera do príncipe encantado não dão mais conta de um mundo em que mulheres chefiam suas casas, suas carreiras e suas vidas, o que acontece com as histórias infantis no tocante ao papel representado pelas mulheres? O que mulheres reais e suas histórias emblemáticas têm a dizer a essas crianças? Por que e como o gênero «biografia» atravessou os livros para adultos e chegou aos livros infantis e juvenis? Por que tantos livros que contam histórias de mulheres, as mais diversas na História do mundo, ganham espaço no mercado editorial português e brasileiro voltado para as crianças e jovens na contemporaneidade?

Tendo esses questionamentos em vista e o foco de análise no âmbito dos Estudos Editoriais, o trabalho se estrutura de modo a contextualizar, explicar, detalhar e contribuir com discussões acerca de seu objeto de estudo: «coletânea biográfica feminina infantojuvenil». O desafio que se coloca, para tal consecução, localiza-se na interdisciplinaridade que a temática subjacente carrega. Sociologia, História, Psicologia,

além das já tipicamente presentes na cadeia do livro, como Marketing, Literatura, Design, entre tantas outras áreas de conhecimento e fonte de saberes, imbricam-se ao se examinar detidamente as coletâneas biográficas femininas infantojuvenis. Desenvolver este estudo, portanto, é, indissociavelmente, tocar em assuntos para além dos Estudos Editoriais. Com o objetivo de não desviar do propósito primordial, que é a análise das obras e do mercado editorial em relação dialética com a sociedade consumidora/leitadora, busca-se, sempre que necessário, explicar sucintamente as questões e os aspectos que impactam e influenciam a edição, com ênfase nos contextos português e brasileiro.

2. ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está organizada em quatro capítulos, seguindo uma abordagem sequencial que desenvolve os elementos teóricos, estabelece um panorama mercadológico para a tendência objeto da pesquisa, analisa as obras portuguesas e brasileiras individualmente, com posterior cotejamento entre as obras do mesmo país, realiza o exame comparativo entre as quatro obras do *corpus* e apresenta as considerações finais das análises.

O primeiro capítulo se dedica às questões teóricas relevantes para o desenvolvimento das análises seguintes, discorrendo sobre as questões consideradas principais e primordiais para a análise do objeto «coletânea biográfica feminina infantojuvenil», ou seja, as relações entre o gênero «biografia» e a não ficção, entre os estereótipos de gênero e a literatura infantojuvenil, e entre a temática feminina/feminista e o mercado editorial. Busca-se, nesta abordagem teórica, privilegiar os estudos realizados por pesquisadores portugueses e brasileiros, sempre que possível, e com um recorte temporal que enfatiza referências situadas entre as décadas finais do século XX e os dias atuais, visando embasar as análises em pesquisas mais recentes e contextualizadas nos dois países-alvo desta dissertação. Neste capítulo, realiza-se, também, um panorama exemplificativo da produção editorial infantojuvenil de biografias femininas no mercado ocidental, com um recorte de análise de 10 anos retroativos, e insere as produções e os movimentos mercadológicos de Portugal e do Brasil nesse cenário em exame.

Em seguida, nos capítulos 2 e 3, tem lugar, respectivamente, a análise das obras portuguesas *Portuguesas com M grande* e *Portuguesas extraordinárias*, e das obras brasileiras *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias*, que compõem o *corpus* de exame detido desta dissertação. Em cada capítulo, os livros são

analisados individualmente, a partir do contexto editorial, através das características gerais/formais, da ilustração, do texto e da análise social. A análise social, por sua vez, desdobra-se em cinco critérios, escolhidos pela sua relevância, pela consonância com os estudos feministas atuais e pela viabilidade de acesso às informações para as quatro obras examinadas, a saber: período histórico, atuação, localização, origem econômica e origem étnica. As descrições, observações e reflexões elaboradas para cada obra se situam, prioritariamente, nos elementos mais relevantes identificados em cada objeto-livro estudado, buscando enfatizar as especificidades e os diferenciais de cada obra analisada. Após as análises individuais, em cada capítulo, realiza-se o cotejamento das duas obras de cada país, com o intuito de perceber as proximidades e os distanciamentos entre as coletâneas em mesmo contexto de publicação.

No capítulo 4, a partir das análises realizadas anteriormente, compara-se todo o *corpus*, como forma de estabelecer as semelhanças e diferenciações entre as obras portuguesas e as obras brasileiras, visto que partem de conjunturas sociais distintas, mas cujos percursos históricos guardam relações indissolúveis. Enfoca-se, ademais, os aspectos que se sobressaem em cada coletânea, relacionando com os públicos-alvo identificados para cada produto editorial que forma o *corpus*.

Por fim, as considerações finais arrematam as análises e as conclusões elaboradas no desenvolvimento desta dissertação, pretendendo contribuir com as discussões e reflexões acerca do objeto de estudo da investigação, em constante relação com o mercado editorial em que se circunscreve e com a sociedade de que faz parte.

Esta dissertação está redigida conforme a variante ortográfica brasileira da língua portuguesa e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. A ortografia das citações é mantida como no original.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-MERCADOLÓGICO

Para se chegar ao objeto de estudo desta dissertação – coletânea biográfica feminina infantojuvenil –, há que ter em conta um conjunto de aspectos e relações que se estabelecem em direção ao resultado editorial que será analisado. Em outras palavras, o exame da tendência editorial em foco implica a relação entre o «gênero biografia» pelo qual as histórias são contadas, a «temática feminina/feminista» que se mostra em evidência a partir de um processo social contínuo que desemboca no momento atual e o «público infantojuvenil» a que se destinam as obras. Como preparação e embasamento ao exame detido das obras portuguesas e brasileiras que formam o *corpus* da pesquisa, parte-se, portanto, do detalhamento de alguns aspectos relevantes ao entendimento desses elementos e de como eles foram e estão sendo conjugados nos diversos resultados editoriais identificados nos últimos anos em diversos países.

1. A NÃO FICÇÃO E O GÊNERO BIOGRAFIA

Alfabeto, números, cores, animais, plantas, conceitos, momentos históricos, pessoas, absolutamente tudo que existe de forma natural ou pela criação humana pode se tornar objeto para as mais incríveis histórias, sejam pautadas unicamente na realidade, sejam o ponto de partida para a elaboração de mundos ficcionais. Nesse sentido, o tratamento, o propósito e o desenvolvimento, a proximidade ou o distanciamento, a continuidade ou a ruptura que cada autor dá ao que se conhece no mundo real determinam se o resultado editorial será ficcional ou não ficcional. Dessa forma, elementos ou aspectos semelhantes em obras diversas adquirem efeitos, reações, mensagens subliminares, possibilidades interpretativas variadas e distintas e, também, funções diferentes no constructo estético e literário do leitor.

Como os textos biográficos, de modo geral, discorrem sobre vidas reais e acontecimentos ocorridos no plano factual¹, são categorizados normalmente como não ficcionais, quaisquer que sejam as faixas etárias a que se destinam, pois a matéria-prima da qual se originam se

¹ O gênero «biografia» pode ser utilizado no plano ficcional e tratar de personagens igualmente ficcionais. O que se toma aqui é o uso mais comum e frequente.

localiza no âmbito da realidade. Tal distinção é relevante quando se pensa na organização catalográfica e nas categorizações usadas como critérios para a avaliação dos livros em premiações em todo o mundo. No entanto, vale salientar que muitas obras quebram as categorias estanques e subvertem o que, a princípio, pode parecer bastante claro e separado.

Dito isso, considera-se que os textos não ficcionais, ou também denominados «informativos», pelo menos os que alcançam um resultado de boa qualidade, dificilmente se limitam à descrição, explicação e narração realista dos fatos, com salienta Russell Freedman (1992):

Certainly the basic purpose of nonfiction is to inform, to instruct, hopefully to enlighten. But that's not enough. An effective nonfiction book must animate its subject, infuse it with life. It must create a vivid and believable world that the reader will enter willingly and leave only with reluctance. A good nonfiction book should be a pleasure to read. It should be just as compelling as a good story. After all, there's a story to everything. The task of the nonfiction writer is to find the story – the narrative line – that exists in nearly every subject. (p. 13)

Essa linha narrativa, segundo o autor, não encontra melhor espaço para ser desenvolvida do que no gênero biográfico: «I think it can be said that the best biographies have always told wonderful stories. So it's not surprising that biography is one of the oldest and most popular forms of literature for children.» (p. 14) Dessa forma, a percepção de Russell Freedman coaduna com o significado de «biografia» que se encontra no *E-Dicionário de Termos Literários*, organizado por Carlos Ceia, em que ela é definida como um gênero textual que descreve e narra a vida de pessoas, em que se pretende uma aliança entre a verdade (*bíos*-vida) e a imaginação (*grápho*-escrever). Nesse sentido, a definição elaborada neste dicionário por Sofia Rosado (2009) conclui que:

Em termos estéticos, o biógrafo deve assumir uma responsabilidade para com a verdade que não anule a imaginação. Ao inventar ou suprimir material para criar um determinado efeito, falha na verdade; se se contentar com o relato dos factos, falha na arte. Esta tensão valoriza a tarefa biográfica enquanto tarefa artística.

Diante da relação entre o âmbito da realidade e a criação artística, que se estabelece para este gênero textual, não se pode deixar de mencionar a controvérsia que há sobre biografia ser considerada ou não um gênero literário. Muitos dos que depreciam tal gênero textual se baseiam na ideia de que a não ficcionalidade da biografia seria por si só a justificação para a ausência de possível literariedade nestes textos. O modelo visual de Penny Colman

(2007) auxilia na desmistificação dessa dicotomia simplista entre os gêneros ficcionais e não ficcionais e a sua valoração literária. Segundo a autora, qualquer gênero pode ser analisado, caso a caso, com base em 9 categorias em *continuum*: a quantidade de material criado pelo autor, a quantidade de informação utilizada, a complexidade da estrutura textual, a quantidade de texto do tipo narrativo, a quantidade de texto do tipo expositivo, os recursos literários, a presença da voz do autor, a presença de pré-textuais e pós-textuais e o material visual utilizado. Inúmeras possibilidades de conjugação desses aspectos das mais diferentes formas e intensidades evidenciam os mais diferentes efeitos e valores literários, independentemente de serem gêneros ficcionais ou não.

Assim, um gênero tido como não ficcional, como o biográfico, *a priori*, não deveria ser simplesmente considerado uma compilação de fatos e informações. A escolha vocabular, a linguagem metafórica, a estrutura textual, o uso de recursos estilísticos, a seleção e mescla de fatos e imaginação, dentre tantas outras variáveis, podem criar textos biográficos literários ou não literários, a depender do trabalho qualitativo autoral e do objetivo de cada material editorial. Nesse sentido, Margaret Mallett (2004), ao analisar textos não ficcionais ou *information books* para crianças, também chama atenção para o tratamento qualitativo nestes textos e seu efeito positivo nos leitores: «Each year some of the best non-fiction texts published do much more than what Peggy Heeks would call ‘assembling and ordering facts’. They awaken genuine interest and excitement in the young reader by linking with their interests and experience (...)» (p. 630) Dessa forma, é necessário reconsiderar a importância e a função deste tipo de livros para o público em desenvolvimento, que abarcam desde os conhecimentos da vida prática aos valores e princípios de formação social, como Penny Colman (2007) salienta:

Nonfiction material is the crucible within which readers can gain the knowledge and skills that enable them to reach sound decisions in all arenas of life, avoid gullibility born of ignorance, and participate in an informed and active citizenry. Nonfiction is the currency with which public policies and legislation are enacted, societal needs are discussed, cultural aesthetics are defined, life lessons are conveyed, scientific findings and historical narratives are transmitted, and matters of war and peace are decided. (p. 257)

No contexto brasileiro, por exemplo, a quantidade e a qualidade dos livros informativos ou não ficcionais para as crianças e os jovens vêm evoluindo, como observa João Luís Ceccantini (2015) ao analisar a produção editorial infantojuvenil no biênio 2012/2013:

O nicho dos livros informativos é outro que, tal como no caso do reconto, vive um momento de franca expansão no mercado nacional. Não é demais lembrar que há cerca de uma década ou pouco mais os livros informativos disponíveis para a criança e o jovem no Brasil eram poucos e, em sua maior parte, traduções. Hoje a situação é outra, predominando em larga vantagem os livros informativos brasileiros, que tratam de questões muito específicas nossas e com um nível de qualidade muito bom, seja no que concerne à natureza do texto, seja no que diz respeito ao projeto gráfico. Trata-se de um momento de maturidade, em que há diversidade de títulos e são produzidas obras criativas e que abordam temas bastante atraentes. (p. 102)

Diante do exposto, sem desconsiderar as diferenças e os propósitos dos livros ficcionais e dos não ficcionais para o público infantojuvenil, toma-se, neste estudo, o posicionamento de que a qualidade literária pode ser encontrada em gêneros textuais diversos, e de que, sobretudo, a competição valorativa entre a ficção e não ficção, por si só, não faz sentido e enfraquece o que deveria ser estimulado: a produção de objetos editoriais cuidados, refletidos e com a consciência da relevância que adquirem na vida dos pequenos leitores, sejam esses produtos classificados no âmbito da ficcionalidade ou não. Ambos os tipos são necessários e devem caminhar juntos no desenvolvimento dos hábitos de leituras dos mais novos, pois assim os leitores iniciantes poderão aceder aos benefícios e às descobertas que cada tipo propõe e estimula.

2. OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO² E A LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantojuvenil, como não poderia deixar de ser, influencia e é influenciada pelos movimentos sociais, pelas mudanças ou estagnações sentidas e processadas pela sociedade como um todo. Afinal, como construção artística de um dado momento histórico e social, a literatura reflete os avanços e retrocessos do contexto em que se insere. Constituídas em sistemas patriarcais, tanto a sociedade portuguesa quanto a brasileira deixaram e deixam suas marcas e seus reflexos socioculturais nas obras dedicadas ao público mais jovem.

² Quando se fala em questão de gênero no contexto atual, não se pode pensar apenas na existência do feminino e do masculino. Os estudos, os debates e as situações reais mostram que a identificação de gênero extrapola o que dicotomicamente se construiu na mentalidade social ao longo do tempo. Questões tidas como definidas, como a origem biológica pura e simples do sexo, passam a ser desconstruídas em favor de uma multiplicidade de formas de ser e estar no mundo em relação à identificação sexual ou de gênero. Não desconsiderando a relevância e a complexidade dessas questões, mas focando o objeto e a extensão deste trabalho, decidiu-se desenvolver as análises e as observações relativas ao gênero baseadas no percurso feminista e nos seus impactos na produção editorial, especialmente na dedicada ao público infantojuvenil.

Em relação aos comportamentos esperados dos homens e das mulheres, ao longo do tempo foram sendo constituídas ideias preconcebidas e generalizantes aplicadas continuamente sobre a realidade para avaliá-la e interpretá-la, numa espécie de consenso que modelou modos de ser distintos entre os gêneros: *os estereótipos sexuais ou de gênero*. Assim, esses estereótipos, como os de qualquer outro tipo, possuem, ao mesmo tempo, um caráter descritivo, prescritivo e proscritivo, pois nomeiam e classificam a realidade, recomendam os modos de ser e de agir e estabelecem proibições. Seus desdobramentos são nocivos na convivência social, como esclarece Chantal Castelli (2015):

Vê-se então que os estereótipos não são neutros. Ao contrário, são veículo para a manifestação de preconceitos, orientando o tratamento que se dá a determinados grupos e pessoas. Quando o tomamos como verdade imutável, sem refletir criticamente sobre ele, fechamos os olhos à diversidade de situações, grupos e indivíduos, com suas múltiplas singularidades, experiências e maneiras de ser. As pessoas são então classificadas e julgadas de acordo com sua idade, aparência física, etnia, sexo, meio social, orientação sexual, religião etc. A adesão aos estereótipos pode dar margem a discursos e práticas discriminatórios; daí a importância de desconstruí-los. (p. 2)

Num estudo pioneiro em Portugal sobre a presença de estereótipos sexuais em obras portuguesas voltadas ao público infantil dos quatro primeiros anos de escolaridade, Ivone Leal (1982) identifica, em um conjunto de 65 obras, a recorrência de determinados elementos que demonstram como a organização do mundo era (e ainda é) distinta para meninos e meninas e como isso se refletia nas histórias. O vestuário masculino, por exemplo, é descrito como meio de localizar a personagem em uma classe social, enquanto as roupas das meninas parecem ser um atributo compulsório de seu sexo biológico. O espaço geográfico definido (a escola, a casa) é um ambiente em que aparecem ambas as personagens, mas o cenário sem limites (a rua, a praia, as dunas, os campos, as florestas) fica destinado apenas aos meninos e, conseqüentemente, as aventuras e descobertas se tornam possíveis apenas para eles. A eles cabe também a aspiração a profissões, aos estudos e às transformações da realidade, ao passo que a elas o futuro se apresenta em forma de filhos. O comportamento das personagens resume as caracterizações sexistas que se depreendem das obras que a estudiosa analisa:

O desinteresse, a ignorância, a passividade, a insegurança e a dependência afetiva das raparigas contrapõem-se à curiosidade, aos conhecimentos, à capacidade de decisão, à autonomia dos rapazes. Mas não só. Rapazes e raparigas brincam juntos, por vezes. As mesmas brincadeiras, mas atitudes diferentes. Rapazes a orientarem, raparigas a seguirem. Rapazes fisicamente

mais resistentes e mais rápidos. Mais ativos. Mais inventivos. Raparigas fisicamente inferiores. Mais acomodáticas e rotineiras. (p. 28)

Tendo em vista essa representação da realidade colocada aos mais pequenos através das histórias infantis, percebe-se a força dos estereótipos de gênero, que passam a ser naturalizados no cotidiano e nas produções literárias, como esclarecem Andressa Botton e Marlene Neves Strey (2016):

Tais associações de comportamentos, características e objetos a um dos sexos soa tão automática que, por instantes, podemos esquecer que são resultados de construções históricas e sociais. Usar vestido e ter cabelos compridos para as mulheres, as cores distintas para os dois universos e os símbolos, conjuntamente, associados ao sexo foram, ao longo do tempo, sendo entendidos como representantes do que é masculino e do que é feminino, auxiliando na cristalização dessas características e, conseqüentemente, dos estereótipos de gênero, não sobrando espaço para diferentes formas de expressão ou de relação/relacionamento entre os sujeitos. (p. 922)

Considerando, portanto, os trabalhos de Ivone Leal (1982) e de Andressa Botton e Marlene Neves Strey (2016), no tocante aos livros destinados ao público infantojuvenil, cabe salientar que não só as falas, os comportamentos e as descrições das personagens veiculam estereótipos, como lembram Karine Camilo Canazart e Oziel de Souza (2017), «podendo estar expressos em todo o material literário, ou seja, através da linguagem, das cores usadas no livro, do perfil físico das personagens, do tipo de material e da arte em que a obra foi impressa, bem como através de toda a estética do livro como um produto comercial voltado para determinado gênero». (p. 724)

Esse tipo de caracterização e divisão do mundo dicotomicamente em gêneros se torna menos frequente e mais objeto de questionamento quanto mais avançamos nas discussões sobre a questão dos estereótipos e sobre a equidade de oportunidades e direitos, independentemente do gênero, por um lado, e quanto mais as mulheres conquistam lugares e promovem a mudança lenta e contínua nos padrões sociais de seus contextos, por outro. Assim, as mudanças sociais processadas ao longo do tempo, mais especificamente nas décadas finais do século XX aos dias atuais no que diz respeito ao papel da mulher no mundo e às discussões teóricas que se desenvolveram desde então, colocam as histórias de princesas à espera do príncipe encantado em um lugar insuficiente para explicar, pelo menos como uma única fonte de conhecimento da realidade através da leitura, um mundo em que mulheres chefiam suas casas, suas carreiras e suas vidas. Assim como a sociedade,

inevitavelmente as histórias infantis, no tocante ao papel representado pelas mulheres, têm passado por transformações.

Se Ivone Leal, em 1982, identificava estereótipos arraigados nas caracterizações femininas e masculinas na literatura infantil nas obras que analisa, Natércia Rocha, em 2001, já percebe mudanças sociais em diversas representações nas histórias infantojuvenis em sua *Breve história da literatura para crianças em Portugal*:

Caminha-se para um maior realismo que permita à criança uma leitura integrada da história. Por isso a família urbana reduz-se a pais e filhos, não inclui animais domésticos, nem grandes espaços, a não ser em situações de contraste: férias, visita ocasional a familiares, viagens. O êxito escolar, que foi obsessão no século XIX, passa a ser menos evocado e perde o seu valor de objectivo único ou prioritário; quando aparece, é mais uma realidade do que um mito, um acontecimento natural entre tantos outros. A figura de rapariga torna-se mais frequente e com menos subalternidade em relação às realizações dos rapazes. Também a figura da mulher é valorizada. (p. 173)

Dito isto, caminha-se para uma representação literária nas obras voltadas aos mais novos em que os estereótipos, notadamente os de gênero, começam a ser desconstruídos em favor de uma maior liberdade de modos de ser e estar no mundo para meninos e meninas. Essas diferenças identificadas pelos estudiosos ao analisarem diversos livros encontram sua origem nas modificações sociais que vêm se processando, especialmente nas últimas décadas, e que se fazem refletir na produção editorial destinada aos pequenos leitores. Nesse sentido, o movimento feminista toma um lugar e uma relevância ímpares nessa mudança de paradigma de representação do mundo dicotomicamente em feminino e masculino, onde, claramente, as meninas são desfavorecidas e subjugadas.

3. A TEMÁTICA FEMININA/FEMINISTA E O MERCADO EDITORIAL

As transformações sociais que tiveram lugar nas últimas décadas e configuraram o movimento feminista atual começaram em tempos dificilmente demarcáveis. As biografias analisadas neste estudo demonstram a luta e o combate aos estereótipos e preconceitos desde há muitos séculos, em Portugal, no Brasil e em outros países. Muito antes do termo «feminismo» começar a ser utilizado, as mulheres já buscavam alternativas para se desvincilharem dos padrões comportamentais a que eram submetidas, tanto na esfera privada quanto na arena pública. Um exemplo bastante nítido disso é a utilização dos aprendizados artísticos que eram destinados às mulheres para se «formarem» como boas

esposas e mães como um meio muito empregado de entrada no mercado de trabalho e de obtenção de rendimentos próprios.

Paulatinamente, e de formas e intensidades diferentes em cada conjuntura social, as conquistas foram se firmando e gerando força para novas lutas. Alguns momentos históricos marcam a expressividade crescente das reivindicações de reconhecimento mundial, como Marcha das Mulheres do Mercado em 1789 em Versalhes e a Luta das Trabalhadoras Fabris em 1857 em Nova York. Atualmente, é comum encontrar os movimentos reivindicatórios robustos mais recentes agrupados em fases ou ondas, podendo tanto significar um conjunto de demandas convergentes quanto um período histórico em que se concentra uma militância efervescente. Essa organização se dá meramente para fins didáticos, visto que as teorias se complexificaram e os movimentos se especificaram. Dito isso, considera-se que se pode falar de três momentos simbólicos da luta feminina ou feminista.

A *primeira fase* se localiza entre fins do século XIX e meados do século XX e se caracteriza, de modo geral, pela luta pelo direito à participação política por meio do voto e por melhores condições no trabalho fabril. Dos anos de 1950 aos de 1990 surgiram trabalhos teórico-acadêmicos que buscavam identificar a origem da opressão feminina, dando lugar à *segunda fase*, em que questões como sexualidade e maternidade começam a ser debatidas e se inicia a distinção em muitas teorias entre o «sexo» (condição biológica) e o «gênero» (construção social). A partir dos anos de 1990, quando a *terceira fase* começa a se desenvolver, um novo conceito passa a ser adotado, a «interseccionalidade», que inclui no debate as questões como raça/etnia³, classe econômica e opção sexual na construção dos modos de opressão contra as mulheres. Neste momento, a ideia universalizante do «ser feminino» é desmobilizada pela desconstrução de uma luta única e igual para mulheres em diferentes condições de vida dentro da sociedade.

Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2017), considera que a questão de gênero só pode ser pensada considerando as outras variáveis que compõem cada vida feminina específica:

³ Optou-se nesta dissertação em utilizar preferencialmente o termo «etnia» em vez de «raça», em consonância com os estudos científicos que já comprovaram a inexistência biológica de variedade racial entre os seres humanos e em concordância com os aspectos sociais, culturais e históricos que aproximam os grupos humanos e nos quais se baseiam as diferenças étnicas.

Contudo, além das ficções fundadoras que suportam a noção do sujeito, há o problema político que o feminismo encontra no pressuposto de que o termo mulheres denota uma identidade comum. Mais do que um significante estável que reclama a concordância daquelas que pretende descrever e representar, mulheres, mesmo no plural, tornou-se um termo problemático, um lugar de disputa, uma causa de ansiedade. (...) Se se «for» uma mulher, certamente não se é apenas isso, o termo não consegue ser exaustivo, não porque uma «pessoa» antes do gênero transcenda a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre constitui de forma coerente ou consistente em diferentes contextos históricos, e porque gênero se intersecta com modalidades raciais, de classe, étnicas, sexuais e regionais de identidades constituídas discursivamente. Em resultado disso, torna-se impossível separar o «gênero» das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente se produz e se mantém. (pp. 56-57)

Nesse sentido, avançando nos estudos que propõem um olhar sobre as condições femininas a partir de toda a conjuntura social a que cada mulher está submetida, descartando a concepção de uma categoria universalizante e homogeneizante de mulheres, a filósofa Djamila Ribeiro (2017) toma a expressão «lugar de fala», cunhada pela teoria da comunicação como instrumento metodológico para explicar os diferentes lugares de onde falam os jornais populares e os de referência em relação às fontes e aos leitores, para tratar do feminismo e das vozes que dele se apropriam e que em nome dele se manifestam. Em outras palavras, ela propõe que todo mundo e cada um têm um lugar de fala na sociedade, e baseando em estudos voltados para o feminismo negro, como o de Patricia Hill Collins, explica que:

(...) quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem ou não lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.

Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar o gênero de uma outra forma.

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados. (pp. 63, 88)

Dessa forma, considerando todo o percurso das mulheres desde antes de se denominar a luta feminina como «feminismo» até os dias contemporâneos, sucintamente procurou

demonstrar-se o processo de mobilização social constante em prol de liberdade às mulheres e de igualdade entre os gêneros que culmina, neste momento, com discussões que partem do gênero em direção ao tecido estrutural das sociedades no qual se originam as relações de poder e os seus desdobramentos. Longe de um consenso, parte dos estudiosos dos movimentos feministas considera que entramos numa *quarta fase* de lutas, em que as redes sociais se tornam um poderoso instrumento de organização, propagação e conscientização das mais diferentes reivindicações e inclui questões próprias deste século, como a representação da mulher na mídia e a transformação dos termos «feminismo» e «igualdade de gênero» em jargões midiáticos voltados para o consumo.

Da produção de vestuário com frases que enaltecem o poder feminino ao mercado editorial (que republica autoras célebres, como Simone de Beauvoir e Judith Butler, edita diversas obras sobre os mais diferentes aspectos do feminismo de ontem e de hoje e lança livros dirigidos ao público infantojuvenil), estamos diante de uma efervescente retomada das discussões em um nível que extrapola o âmbito acadêmico ou os coletivos organizados e chega a pessoas que antes não eram atingidas por esses questionamentos. Potencializado pelas redes sociais e por diversas personalidades internacionais que levantam as bandeiras da igualdade de oportunidades, tratamento e julgamento independentemente do gênero, continuando uma luta que tem início muito antes deste século, pode considerar-se que a conscientização sobre o «ser mulher» e suas implicações nos vários contextos se alargou a uma «discussão globalizada».

Então, considerando o momento atual de desenvolvimento e propagação do feminismo, percebe-se que a sociedade, de um modo geral, tem se direcionado mais para as questões de gênero e muitos dos movimentos veiculados pelas redes sociais mostram como as mulheres estão se comportando diante de situações machistas e sexistas, como, por exemplo, o movimento #metoo, que ganhou repercussão mundial ao criar, em 2017, uma corrente nas redes sociais de testemunhos de experiências de assédio e abuso sexuais sofridos por mulheres. Com a participação de celebridades de Hollywood, como Gwyneth Paltrow, Jennifer Lawrence e Uma Thurman, o movimento tomou proporções gigantescas e escancarou o quão corriqueiro é a violência sexual contra as mulheres ao redor do mundo e o quão potente é, nesse momento atual do feminismo, o uso das redes sociais no combate a esses e outros comportamentos de subjugação da mulher.

Voltando ao mercado editorial e à cadeia do livro, que, atentos às demandas e às mudanças provenientes da sociedade, têm mostrado uma postura mais inclusiva tanto das profissionais mulheres quanto dos temas relacionados com as questões de gênero, identificam-se iniciativas variadas em direção à visibilização feminina neste âmbito de trabalho e de produção artística. Em Portugal, por exemplo, em 2015, no Porto, foi criada a Confraria Vermelha, primeira livraria portuguesa especializada em livros escritos por mulheres, em uma iniciativa já posta em prática na Espanha em várias cidades, como em Madrid, com a Librería Mujeres, que já existe há mais de 40 anos. Já em 2017, foi fundada a Sibila Publicações pela escritora e tradutora Inês Pedrosa, sendo uma editora que se posiciona no mercado como de publicação literária exclusivamente de autoria feminina, com o resgate de grandes nomes de Portugal e com traduções de autoras ainda não publicadas em terras lusitanas. Outro destaque no contexto português tem sido a editora Orfeu Negro, que vem se firmando na publicação da tradução de obras feministas célebres, como *Problemas de género*, de Judith Butler (2017), *Não serei eu mulher?*, de Bell Hooks (2018), e *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba (2019).

No Brasil, pode destacar-se a reedição em 2019 pela Editora Nova Fronteira de umas das obras mais relevantes do feminismo, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, numa versão especial de comemoração dos 70 anos da publicação original. A editora Pólen, por sua vez, relança também em 2019 a coleção Feminismos Plurais, que busca aliar o rigor acadêmico com uma linguagem acessível ao grande público e traz nomes, reconhecidos internacionalmente, de estudiosos brasileiros sobre as questões do gênero e do racismo. Já a 17.^a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), ocorrida em 2019, contou com a presença de escritoras que vêm se destacando em suas produções em vários lugares do mundo, em que a condição da mulher é colocada como matéria-prima para os seus trabalhos em intersecções com outros temas. Os resultados de vendas divulgados pela Travessa, livraria oficial do evento, confirmam esta como a edição mais diversa e plural, sendo, dos 5 livros mais vendidos, 4 escritos por negros e 1 por indígena, com os dois primeiros lugares ocupados por Grada Kilomba e Ayobami Adebayo, respectivamente; e dos 20 mais vendidos, 10 são de autoria feminina⁴.

⁴ Informações disponíveis em <https://www.publishnews.com.br/materias/2019/07/15/a-lista-mais-plural-da-historia-da-flip>

Assim, exemplificando o movimento do mercado editorial nos dois países, percebe-se um interesse crescente pela temática feminista em produtos editoriais, tanto em um resgate e releitura de obras do século XX quanto em produções contemporâneas. Como já referenciado, o movimento feminista de agora saiu do âmbito acadêmico e de grupos específicos e ganhou popularidade. E o mercado editorial vem acompanhando essa movimentação social com livros que atendam aos anseios de conhecimento de uma nova e significativa parcela de consumidores que, antes, não se interessavam por essas questões. Ademais das obras que abordam o feminismo no âmbito não ficcional ou de modo informativo, cresce a busca pela literatura ficcional de autoras, de narrativas que partam do olhar feminino diante dos acontecimentos, seja em obras contemporâneas ou não. Nesse sentido, há grupos que se organizam para a leitura e o debate de livros escritos por mulheres, como o Leia Mulheres, criado em 2015 no Brasil, ou o clube de leitura da Confraria Vermelha em Portugal.

Conclui-se, portanto, que estamos diante de uma relação de dupla direção entre os consumidores de livros e a produção editorial. O comportamento editorial se molda às tendências sociais em curso ao mesmo tempo que cria a demanda por novos títulos que preencham essa necessidade de mercado. Logicamente, integrado em um mercado global, a edição em Portugal e no Brasil faz parte de um movimento maior, pelo menos em âmbito ocidental, de visibilização da produção literária feminina de modo geral, com nomes como Chimamanda Ngozi Adichie a figurar nas listas de mais vendidos em diversos países.

Assim, considerando o público adulto e o mercado voltado para ele no tocante à temática em estudo e considerando que, na literatura infantojuvenil, há também um reflexo das modificações sociais e que este mercado consumidor é, ao fim e ao cabo, definido pelos responsáveis pelas compras e pela mediação de leitura para os mais novos, percebe-se que todo esse movimento que vem sendo construído lenta, gradativa e crescentemente no universo social e no mercado editorial adulto começa a ter uma influência mais significativa nos últimos 10 anos, com intensificação nos últimos 5 anos, de acordo com o panorama exemplificativo realizado, em relação aos livros de que trata este estudo. Apesar de não se ter acesso a números de vendas, a constante publicação das biografias femininas infantojuvenis, a quantidade de traduções e, também, as produções locais indicam uma aceitação positiva do mercado consumidor desses produtos, o que é reforçado pela exploração dos mais diversos formatos e critérios na seleção dos nomes biografados, a

edição de novos nomes em coleções e de novos volumes em séries. Todo esse conjunto em análise mostra claramente que esse tipo de objeto editorial tem dado resultados comerciais satisfatórios e promissores.

A continuidade do movimento feminista, que sucintamente foi exposto, mostra uma busca não só por direitos e melhores condições de vida para a mulher, mas, transversalmente, discute a relação com questões como etnia, classe social, identidade de gênero, entre outras, em um movimento que debate a diversidade, a tolerância e o respeito pela diferença. Isso tudo resulta, no que diz respeito ao mercado editorial infantojuvenil, em várias e significativas obras, muitas delas ficcionais, em que o tema da diversidade e da tolerância, sob diversos prismas, é abordado de forma muito inteligente, criativa, delicada e profunda. Assim, mais uma vez, retoma-se o processo em que questões discutidas, elaboradas e avançadas socialmente podem e são levadas ao universo infantojuvenil por meio de histórias e livros que, respeitando a linguagem e a complexidade do tema ao se dirigir a esse público-alvo, conseguem, muitas vezes com melhores resultados do que nas obras para os adultos, tocar em pontos nevrálgicos da sociedade e sensibilizar as gerações mais novas para uma crescente consciencialização da alteridade como parte também do «meu» modo de ser e estar no mundo.

Tendo em vista as modificações processadas na sociedade, sua relação com a produção editorial em geral e, sobretudo, com os reflexos sentidos nas representações e nas histórias naquela dedicada ao público infantojuvenil em Portugal e no Brasil, considera-se oportuno localizar a situação das mulheres na vida real nos dois contextos estudados a partir de dados mais recentes divulgados em ambos os países.

No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os números relativos à questão de gênero publicados em 2018 refletem condições desiguais verificadas em diversos aspectos. As mulheres, em média, dedicam-se cerca de 73% a mais de horas semanais que os homens nos trabalhos domésticos, representam mais que eles na educação de nível médio e superior, apesar de ganharem significativamente menos e ocuparem apenas um terço dos cargos gerenciais nas empresas. Em relação à representação política, elas estão presentes em apenas 10% das cadeiras na Câmara dos Deputados, diante de uma média mundial de 23%.

No contexto brasileiro, para além das estatísticas referentes às diferenças de condições entre homens e mulheres, outros fatores são considerados nas análises, como raça/etnia, localização regional e rural/urbana. Assim, ao se desdobrar os dados, percebe-se que a situação das mulheres negras ou pardas (mestiças) é ainda mais difícil do que a das mulheres brancas, assim como a das que vivem nas zonas rurais ou fora do eixo regional sul/sudeste do país. De uma forma geral, portanto, os dados mostram que o caminho em direção a um cenário de igualdade de oportunidades e direitos ainda está por fazer e que o trajeto é mais longo e tortuoso para as mulheres negras e pardas e para as que moram nas áreas mais pobres do Brasil.

Em estudos publicados em 2018 e 2019 pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), denominados *Igualdade de género ao longo da vida* e *As mulheres em Portugal, hoje: quem são, o que pensam e como se sentem*, respectivamente, identifica-se a situação feminina atual verificada no contexto português por meio de diversas mensurações estatísticas. As mulheres realizam mais de 74% do trabalho doméstico em relação ao companheiro. Apesar de se equipararem no ensino secundário, elas representam 53% das conclusões de cursos superiores, sendo delas 64% das vagas de emprego relativas a este nível de escolaridade, mas sendo as mais penalizadas com o desemprego nos outros níveis de estudo e com uma concentração em formas de trabalho precárias, que se caracterizam por poucas qualificações e salários baixos. Os estudos ainda apontam, em relação ao mercado de trabalho, que há dois tipos de segregação a que estão submetidas as mulheres: na vertical, os cargos de liderança e direção são maioritariamente ocupados por homens, e, na horizontal, quando ocupam a mesma atividade profissional, os homens recebem substancialmente melhores salários, chegando a disparidade de ganhos a 29%.

Diante do exposto, salientando que diversas outras frentes desiguais se colocam para as mulheres na contemporaneidade tanto em Portugal quanto no Brasil, como o cuidado com os filhos e com os idosos da família, a violência doméstica e o assédio sexual no ambiente profissional, o intuito é demonstrar o quão distante da equiparação entre os gêneros se encontram as sociedades brasileira e portuguesa. As questões como raça/etnia⁵ e classe socioeconômica intensificam ainda mais as dificuldades por que passam as mulheres

⁵ Em Portugal, a mensuração da raça/etnia ainda não é uma realidade. Discute-se a inclusão de perguntas sobre esta questão no Censo 2021.

quanto mais econômica e etnicamente subalternizadas elas são. Assim, retomando o estágio do movimento feminista atual e seus desdobramentos nas obras infantojuvenis que privilegiam a História das mulheres e seus percursos de superação, considera-se que esta produção editorial em tendência tem uma função social de extrema relevância para as novas gerações, sendo um veículo propagador da força feminina, do resgate das injustiças já sofridas e das condições que se colocam atualmente como desafios à geração mais jovem e às futuras.

As projeções dos estudos da FFMS consideram que, dada a velocidade dos progressos conseguidos pelas mulheres de hoje em relação às suas mães, seriam necessárias ainda seis gerações para que a equiparação de condições, direitos e oportunidades entre homens e mulheres se concretize no cenário português. Toma-se, assim, que a leitura, que a desconstrução dos estereótipos de gênero que muitas obras infantojuvenis (ficcionais e não ficcionais, originais ou traduções) têm proposto e que a abertura das discussões feministas à população «leiga», convertida em escolhas e mediações de livros às crianças e aos jovens mais em sintonia com a diversidade e o respeito, em conjunto, são um meio e um instrumento potente de mudanças sociais mais alargadas e aceleradas em direção à pretendida igualdade em termos concretos.

4. PANORAMA DE PRODUÇÃO EDITORIAL INFANTOJUVENIL DE BIOGRAFIAS FEMININAS

Na literatura adulta, os textos não ficcionais do tipo biográfico são muito recorrentes, sendo um gênero popular e pelo qual muitos livros se tornaram *best-sellers*. A vida de pessoas notáveis em diversas atividades constantemente se torna objeto de publicações, tendo resultados editoriais dos mais diferentes níveis de qualidade literária. O que se percebe, atualmente, é que este tipo de edição começa a se tornar mais comum e frequente nos livros dedicados aos leitores mais novos.

A tendência editorial das biografias, notadamente as femininas, infantojuvenis ganha espaço e força nos últimos anos. Muitas dessas publicações são traduções de apostas editoriais de outros países que se mostraram rentáveis e, portanto, objeto de interesse mercadológico em outras línguas e em outros lugares. Os formatos utilizados para essas biografias variam, sendo possível encontrar abecedários, coleções, coletâneas, álbuns, entre outras formas de apresentação das histórias. Os nomes selecionados também surgem com grande diversidade, sendo objeto de biografias mulheres de relevo mundial em áreas

diversas, mulheres de relevo mundial em áreas específicas, mulheres de relevo local (como no *corpus*), que figuram ora em livros dedicados a um só nome, ora como parte integrante de uma obra de compilação, ora como parte de uma coleção.

Para se chegar ao momento atual da tendência editorial em análise neste estudo, fez-se um recorte limite de 10 anos retroativos para exemplificar e comprovar em Portugal, no Brasil e em outros países o movimento crescente de publicações biográficas femininas infantojuvenis no contexto ocidental. Quando aplicável, foram feitas as devidas referências às biografias masculinas. Procurou-se, também, ao tratar de obras estrangeiras, localizar traduções nos dois países foco deste trabalho. O panorama a seguir, portanto, não se pretende exaustivo, mas exemplificativo de obras consoantes à tendência editorial em exame nesta dissertação, permitindo contextualizar as obras selecionadas num âmbito editorial mais vasto.

4.1. Publicações internacionais e traduções em Portugal e no Brasil

Apesar de se perceber um aumento de publicação de biografias femininas infantojuvenis nos anos de 2017 a 2019, nomeadamente em Portugal e no Brasil, o mercado vem mostrando o início dessa tendência em anos anteriores em diversos países. A coleção *Antiprincesas*, por exemplo, publicada originalmente na Argentina pela Editorial Chirimbote, em 2015, já foi distribuída em 17 países e traduzida para o inglês, turco, italiano e português, sendo no Brasil editada pela SUR Livros e em Portugal, pela Tinta da China, ambas em 2017.

Escrita por Nadia Fink e ilustrada por Pitu Saá, sob o mote «mesmo não tendo superpoderes, as antiprincesas são superpoderosas e sabem que a História é feita de mulheres reais», esta coleção se mostra, claramente, como uma resposta aos contos de fadas tradicionais e aos papéis passivos e submissos destinados às princesas dessas histórias e aos elementos sobrenaturais e fantasiosos de que se servem significativa parte das narrativas tradicionais infantis. As antiprincesas rompem com a fantasia e com os estereótipos de gênero ao trazer para o universo das crianças histórias de mulheres reais com forte apelo às ideias de desconstrução da dicotomia estereotipada entre feminino/masculino⁶. No tocante ao conteúdo textual e imagético, a coleção também busca

⁶ A Chirimbote editou também a versão anti-heróis, que busca combater os estereótipos destinados aos meninos pela desconstrução das ideias de que todos os garotos são valentes, durões, aventureiros.

quebrar com regras estanques, mesclando diálogo, descrição e narração de maneira incomum, e ilustrações com fotografias, jogando com a relação ficção/realidade. O resultado final, ideológico e literário, parece buscar a inovação, a quebra de paradigmas e a experimentação estética.



Figura 1 – Capas da coleção *Antiprincesas* pela Tinta da China, Portugal

Outra publicação, desta vez com escalas numéricas mais significativas do que a coleção *Antiprincesas*, e com o formato de coletânea, que tem se mostrado um padrão replicado em diversas outras obras, é *Good Night Stories for Rebel Girls*, cujo primeiro volume foi lançado em 2016 no Reino Unido. Em 2017, tem-se a tradução em Portugal, pela Nuvem de Tinta, sob o nome *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*, e no Brasil, pela V&R Editoras, com variação no título para *Histórias de ninar para garotas rebeldes*.

A produção editorial deste livro decorreu de um financiamento coletivo das autoras italianas, Elena Favilli e Francesca Cavallo, por meio da plataforma Kickstarter⁷. A campanha lançada em maio de 2016, com o objetivo de arrecadar \$40,000, chegou ao resultado de \$675,614, sendo um recorde registrado no *site* de maior valor recebido para um projeto editorial. Em 2017, novo patamar expressivo foi alcançado pela dupla de autoras. Ao iniciar a proposta de financiamento na mesma plataforma para um segundo volume de *Good Night Stories for Rebel Girls*, mais um recorde foi quebrado: o mais rápido valor solicitado atingido pela Kickstarter para a publicação de um livro. Em três horas, \$80,000 dos \$100,000 pedidos foram conseguidos, chegando ao total final de \$229,000 doados por 4.365 pessoas. Segundo as autoras, o primeiro volume já vendeu mais de um milhão de exemplares e foi traduzido para mais de 40 línguas⁸. Em 2018, o

⁷ Kickstarter é o maior site de financiamento coletivo do mundo, fundado em 2008.

⁸ Informações disponíveis em <https://mashable.com/2017/06/20/good-night-stories-for-rebel-girls-volume-2-kickstarter> e <https://www.telegraph.co.uk/women/life/return-rebel-girlsthe-runaway-success-stories-women-changed/>

segundo volume do que se tornou uma série chega a Portugal e ao Brasil pelas mesmas editoras do primeiro volume.

Cada edição biografava 100 mulheres de todo o mundo, sendo sua estrutura sempre de dupla página para cada personagem, com uma página para o texto biográfico e outra para a ilustração, que, em cada volume, conta com 60 ilustradoras de diversos países. Nessas obras, equipara-se a relevância entre texto e imagem, mantendo a separação entre os espaços de cada um. Ademais, os textos, apesar de não ficcionais, apresentam uma seleção de momentos, modos de narrar e escolha vocabular que, nitidamente, busca efeitos literários e reações emocionais nos leitores. A biografia da atriz Audrey Hepburn, por exemplo, começa com a frase: «Era uma vez, na Holanda, uma menina chamada Audrey que comia tulipas. Não as comia porque adorava flores – mas porque tinha muita fome.» E, na de Maria Callas, termina: «A sua voz transportava cada uma das pessoas naquela sala para um lugar cheio de paixão, de raiva e de amor. No final toda a gente se pôs em pé de um salto, a bater palmas e a gritar, e o palco encheu-se de rosas.»

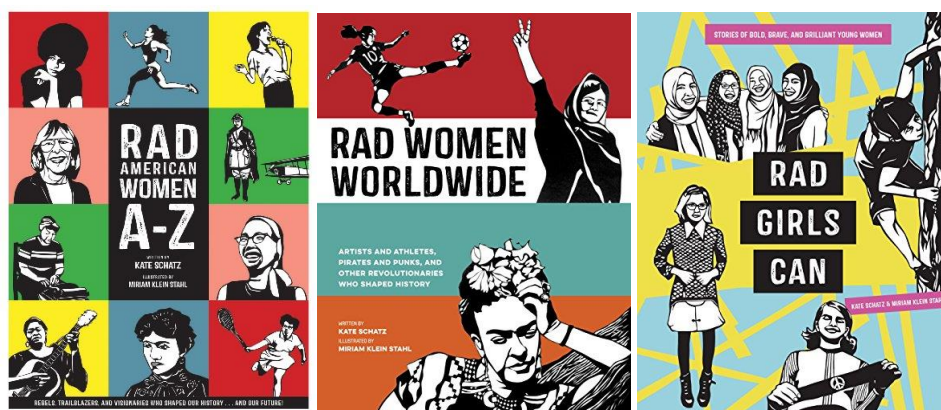


Figuras 2 e 3 – Capas dos dois volumes de *Good Night Stories for Rebel Girls*

Essas duas referências editoriais, a coleção *Antiprinçasas* e a série *Good Night Stories for Rebel Girls*, são marcos importantes neste tipo de publicação no mercado ocidental. A primeira obteve relevo sobretudo no mercado latino-americano, mas acendeu a atenção para esse mercado, e a segunda fez este tipo de publicação – biografia de mulheres para o público jovem –, a despeito dos diferentes formatos, alcançar patamares extremamente expressivos numa escala mundial. Interessante observar que ambas as iniciativas editoriais partiram, de um lado, de uma editora independente, e de outro, de um financiamento coletivo, sendo, portanto, caminhos alternativos às grandes casas editoras, que muitas vezes se tornam inalcançáveis a novos autores e projetos.

Nos Estados Unidos, em 2015, Kate Schatz (autora) e Miriam Klein Stahl (ilustradora) publicaram, pela City Lights Books, a coletânea *Rad American Women A-Z*, que biografava a vida de 26 norte-americanas de diferentes etnias, origens econômicas, campos de atuação e de diferentes épocas da História dos EUA. Além da importância dos nomes escolhidos para as biografias, neste livro, a ordem das histórias segue a ordem do abecedário e cada personagem selecionada tem a inicial do nome referente a uma letra do alfabeto. Da publicação por uma editora independente ao grande conglomerado da Penguin Random House, sob a chancela Ten Speed Press, a dupla de autora e ilustradora lança, em 2016, a obra que compila, desta vez sem o mote do abecedário e com a ampliação espacial ao mundo todo, como o título propõe, histórias várias de 430 A.C. aos dias atuais, da Mesopotâmia à Antártida, de mulheres que contribuíram para a diminuição da desigualdade de gêneros.

Em 2017, *Rad Women Worldwide* chega ao Brasil pela editora Astral Cultural, sob a denominação *Mulheres incríveis*, e com o acréscimo de 4 biografias de brasileiras, escritas por Jules de Faria. As ilustrações destas obras são um ponto que merece destaque no contexto desse tipo de publicação. Todas as figuras femininas aparecem em preto e branco com fundos de cores variadas, realizadas com recorte de papel, lápis e estilete X-Acto. Ademais, apesar de ter a maioria das biografias dispostas em dupla página, alguns nomes recebem duas duplas páginas e algumas ilustrações transpõem a página dedicada à imagem e compõem parte da página de texto. Dando sequência às obras da dupla Kate Schatz e Miriam Klein Stahl, em 2018, a Ten Speed Press publica *Rad Girls Can*, cujo enfoque passa a ser as jovens mulheres com menos de 20 anos que fizeram História.



Figuras 4, 5 e 6 – Capas das obras de Kate Schatz e Miriam Klein Stahl

Ainda pela Ten Speed Press, nos Estados Unidos, sob autoria e ilustração de Rachel Ignotofsky, publica-se em 2016 a coletânea *Women in Science*, que biografava 50 mulheres que fizeram descobertas, criaram instrumentos, desenvolveram soluções e teorias nos campos científicos. A obra chega também ao Brasil, em 2017, pela Editora Blucher, sob o nome *As cientistas*. Em Portugal, com o mesmo título do Brasil e pela Bertrand Editora, a obra é lançada em 2018 com o acréscimo das biografias de Branca Edmée Marques e Elvira Fortunato, além das 50 biografias presentes na versão original. A obra se estrutura em dupla página com ilustração e texto, sendo este um exemplo de livro bastante completo em termos paratextuais (há sobrecapa, prefácio, introdução, glossário de termos científicos, cronologia, materiais usados cientificamente, índice remissivo, bibliografia (filmes, livros, sites)). Interessante observar, comparativamente ao *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*, que, no caso das *Cientistas*, o texto localizado na página da ilustração se torna imagem, faz parte do desenho, e a ilustração se desloca para a página textual num resultado de integração maior. Metaforicamente, essa junção e a sensação de movimento texto/imagem aludem às transformações e invenções realizadas cientificamente pelas mulheres retratadas.

Dando sequência aos livros dedicados a áreas específicas de conhecimento, a Ten Speed Press publica, em 2017, *Women in Sports*, com a mesma autoria de Rachel Ignotofsky, seguindo o mesmo padrão estético verificado no livro anterior, desta vez biografando 50 mulheres de relevo em diversos desportos em vários países. Em 2019, chega a tradução da obra ao Brasil pela Editora Blucher, *As esportistas*, incluindo 5 biografias de atletas brasileiras. A obra ainda não tem tradução publicada em Portugal no momento da redação deste capítulo.



Figuras 7 e 8 – Obras de Rachel Ignotofsky

O mercado norte-americano tem se mostrado totalmente aberto e receptivo a esse tipo de obra e os livros publicados pela Ten Speed Press vêm conseguindo seguidamente figurar entre os mais vendidos na lista do *New York Times*. Outra obra que se encaixa na tendência analisada publicada pela editora em 2018 é o *Modern Herstory*, que biografava 70 personalidades, entre mulheres e pessoas não binárias, que tiveram relevo no ativismo social nas mais diversas áreas do século XX aos dias atuais. Escrito por Blair Imani e ilustrado por Monique Le, a obra traz à luz diversas questões contemporâneas que nem sequer eram consideradas existentes em tempos mais remotos, como a questão dos transgêneros e as questões raciais e religiosas dos EUA do século XXI.

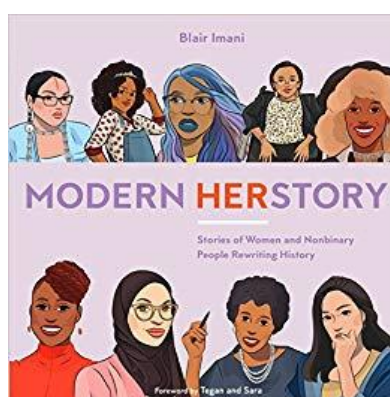
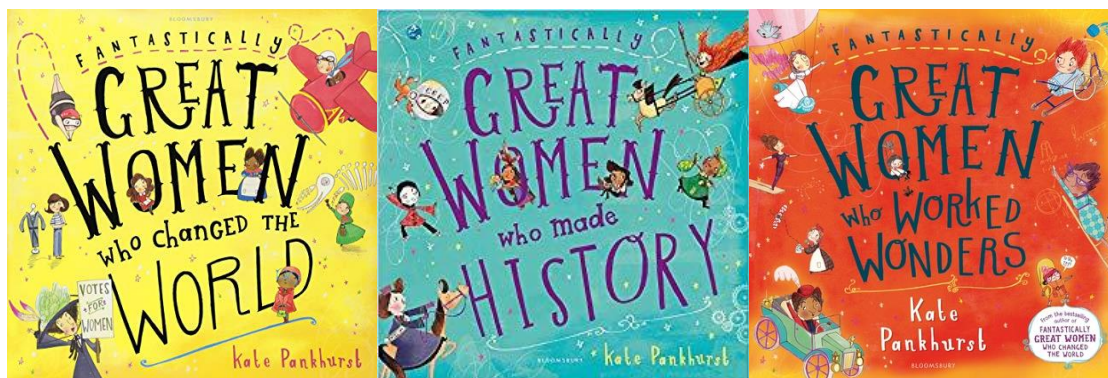


Figura 9 – Capa de *Modern Herstory*, de Blair Imani e Monique Le

Retornando ao contexto europeu, Kate Pankhurst assina uma série de livros pela Bloomsbury Children's Books intitulados *Fantastically Great Women Who Changed the World* (2016), *Fantastically Great Women Who Made History* (2018), *Fantastically Great Women Who Worked Wonders* (2019). Para 2020, está programado o lançamento do quarto livro, *Fantastically Great Women Who Saved the Planet*. No Brasil, pela V&R Editoras, foram traduzidos os dois primeiros volumes, sob os nomes *Grandes mulheres que mudaram o mundo* e *Grandes mulheres que fizeram História*, ambos em 2018. Em Portugal, a primeira obra ganhou o título *Mulheres fantásticas que mudaram o mundo*, sob a chancela da Editora Jacarandá, também em 2018. Na série, texto e ilustração se misturam na dupla página, há simulação de fala das personagens e o texto integra a imagem de maneira mais próxima à proposta da coleção *Antiprinçasas*, mas, sendo cada livro uma coletânea, a quantidade de informação de cada biografia fica restrita ao espaço da dupla página e a história se torna muito mais concisa do que na publicação argentina.



Figuras 10, 11 e 12 – Capas das coletâneas de Kate Pankhurst pela editora Bloomsbury

É interessante salientar, neste ponto, que o formato, coletânea ou coleção, apresenta, cada um, características opostas do outro. Enquanto as coletâneas, como um objeto único, abarcam uma grande multiplicidade de histórias e vozes, mas com espaço reduzido para cada uma delas, as coleções incluem significativamente menos personagens, mas com muito mais espaço para explorar os pontos desejados das histórias escolhidas, podendo, inclusive, conceder grande relevância às ilustrações como parte da narrativa.

É o que acontece com a coleção *Little people, BIG DREAMS*, publicada originalmente pela Lincoln Children's Books, com início em 2016 e em contínua publicação, que exemplifica a tendência editorial formatada em livros-álbuns. Inicialmente, a série de biografias privilegiou as figuras femininas, mas, como o nome da coleção deixa entrever, histórias masculinas passaram a compor a série em 2019. São 20 as biografias femininas até então publicadas e planeja-se chegar aos 32 livros publicados até o fim de 2019⁹. Com autoria de Isabel Sánchez Vegara e ilustradores variados em cada título, a série atingiu o número de um milhão de exemplares vendidos no mundo em 2018. Em Portugal, sob o nome *Meninas pequenas, GRANDES SONHOS*, 4 biografias foram traduzidas pela Nuvem de Letras em 2018 e mais 2 em 2019, sendo uma inaugurando as biografias masculinas com *Meninos pequenos, GRANDES SONHOS*. A série não foi ainda traduzida no Brasil. Em dupla página, são retratadas personalidades¹⁰ pela perspectiva de suas infâncias, a ilustração ganha mais espaço em relação ao texto, seguindo esta estrutura em todas as duplas páginas e variando de localização de acordo com a imagem. O texto se encaixa na imagem, que

⁹ Informações disponíveis em <https://www.quarto.com/sections/news/post.php?id=141>

¹⁰ Em Portugal as seguintes personagens ganharam tradução em 2018: Frida Kahlo, Teresa de Calcutá, Anne Frank e Amelia Earhart. Em 2019, chegaram as biografias de Stephen Hawking e Marie Curie e planeja-se para setembro a de Ella Fitzgerald.

toma um lugar de extrema importância na narração da história, pois, como salienta Ana Margarida Ramos (2011), «pertence ao sistema de comunicação do livro, uma vez que a mensagem, sob a forma narrativa ou não, se realiza, de forma articulada, por meio de texto e de imagens.» (p. 25)



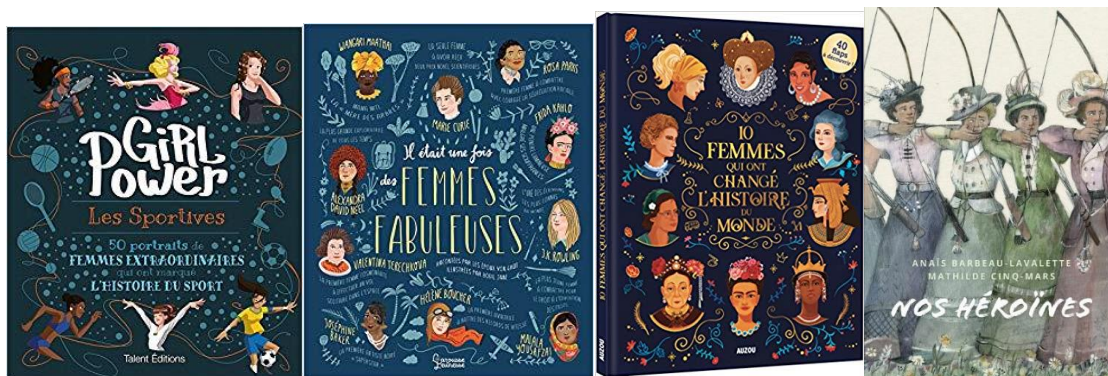
Figura 13 – Capas da coleção *Little People, BIG DREAMS*

Na Itália, algumas publicações merecem destaque. Em 2009, a editora Gallucci lança *Le tue antenate: donne pioniere nella società e nella scienza dall'antichità ai giorni nostri*, de Rita Levi-Montalcini e Giuseppina Tripodi, com ilustrações de G. Ferri. A obra se encontra na quarta edição e biografava mulheres que fizeram História, da Antiguidade aos tempos atuais, nos âmbitos sociais e científicos. Em 2017, as ciências feitas por mulheres ganham as páginas de *Storie e vite di superdonne che hanno fatto la scienza*, de Gabriella Greison pela Salani Editore, e a banda desenhada se torna o formato de *Cattive ragazze: 15 storie di donne audaci e creative*, publicada pela Sinnos com autoria de Assia Petricelli e Sergio Riccardi. Em 2018, Vichi De Marchi e Roberta Fulci assinam o texto e G. Sagramola, as ilustrações, de *Ragazze con i numeri*, que, editada pela Editoriale Scienza, compila 15 histórias de cientistas importantes no mundo. Em 2019, pela editora Gribaudo, com autoria de Valentina Camerini e ilustrações de Veronica Carratelo, publica-se *Le più belle storie di donne coraggiose*, que compila, em forma de contos de fadas, histórias reais de mulheres importantes nas ciências e nas artes. Com a mesma parceria de autora e ilustradora, a história da jovem sueca Greta Thunberg, ativista das questões climáticas, torna-se objeto da biografia *La storia di Greta*, também em 2019, pela editora De Agostini. A tradução, *A admirável história de Greta Thunberg*, pela editora Planeta, já se encontra disponível nas livrarias portuguesas.



Figuras 14, 15, 16, 17, 18 e 19 – Obras biográficas femininas editadas na Itália

A França também vem publicando biografias femininas no formato coletânea. Cinquenta esportistas consagradas em todo o mundo compõem *GIRL POWER: Les sportives*, de Nicolas Garguilo, publicada em 2017 pela Talent Éditions. Em 2018, dez mulheres que se destacaram em várias áreas de atuação e distintas nacionalidades tiveram suas trajetórias de vida compiladas em *Il était une fois des femmes fabuleuses*, com autoria de Les époux Von Grüt e ilustrações de Jane Bodil, publicada pela Larousse Jeunesse. E, no mesmo ano, a Éditions Auzou lança *10 femmes qui ont changé l'Histoire du monde*, de Jean-Michel Billioud. Ainda em língua francesa, mas desta vez no Canadá, publicou-se, em 2018, a obra que privilegia as mulheres do Quebec, *Nos héroïnes: 40 portraits de femmes québécoises*, da autora Anaïs Barbeau-Lavalette e da ilustradora Mathilde Cinq-Mars, pela editora Marchand de feuilles.



Figuras 20, 21, 22 e 23 – Coletâneas biográficas femininas em língua francesa

Na Espanha, em 2016, pela Editorial Montena, é publicado *Las chicas son guerreras*, que biografava 25 mulheres que se destacaram em âmbitos diversos de atuação em todo o mundo, com autoria de Irene Cívico e Sérgio Parra e ilustrações de Núria Aparicio, cuja parceria é repetida em 2018 com *Las chicas son de ciencias* e, em 2019, com *Las chicas van donde quieren*, desta vez biografando 25 cientistas e 25 aventureiras e exploradoras, respectivamente. Em 2016, Isabel Ruiz Ruiz inicia uma série de álbuns ilustrados, *Mujeres*, cada um com 18 biografias de mulheres de todo o mundo, que está no quarto volume, pelo selo próprio Ilustropos, por meio de financiamento coletivo. Em 2018, de Sandra Uve, pela Lunweg Editores, também na Espanha, lança-se o *Supermujeres, superinventoras: ideas brillantes que transformaron nuestra vida*, que biografava 94 mulheres inventoras ao redor do mundo em períodos históricos diversos. Ainda em 2018, pela RBA Molino, tem-se *100 mujeres que cambiaron el mundo*, de Sandra Elmer (texto) e Chuchu (ilustração).

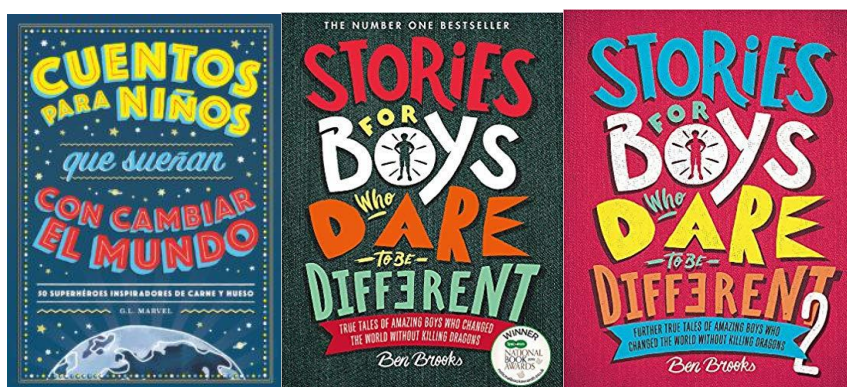


Figuras 24, 25 e 26 – Obras de Irene Cívico, Sérgio Parra e Núria Aparicio



Figuras 27, 28 e 29 – Coletâneas biográficas femininas em língua espanhola

Para se evitar uma análise tendenciosa do fenômeno editorial em estudo, não se pode deixar de mencionar que, apesar da clara preponderância de publicações biográficas femininas e além das coleções mistas, há produção de coletâneas masculinas, numericamente inferior às femininas neste estágio da tendência mercadológica. No mundo hispânico, pela Duomo Ediciones, edita-se, em 2018, a coletânea biográfica masculina *Cuentos para niños que sueñan con cambiar el mundo*, de G. L. Marvel, com 50 histórias de homens que se destacaram em diversas áreas profissionais em todo o mundo. No Brasil, a tradução chega no mesmo ano pela editora Planeta com o título *Contos para garotos que sonham em mudar o mundo*, e em Portugal, em 2019, pela Nuvem de Tinta, sob o nome *Histórias para rapazes que sonham mudar o mundo*. Nesse mesmo estilo das compilações masculinas, em 2018 e 2019, com texto de Ben Brooks e ilustrações de Quinton Winton, *Stories for Boys Who Dare to be Different* e *Stories for Boys Who Dare to be Different 2* chegam ao mercado pela editora londrina Quercus, com cada volume a reunir 100 histórias de homens de relevo em vários países, em várias profissões e em vários períodos históricos. A tradução do primeiro volume é lançada em Portugal em 2019 pela editora Presença com o nome *Histórias para rapazes que ousam ser diferentes*.



Figuras 30, 31 e 32 – Exemplos de coletâneas biográficas de figuras masculinas

Voltando à Espanha, a Editorial Salvat publica, em 2019, a coleção *Mujeres extraordinarias*¹¹, como um desdobramento da coleção *Mis pequeños héroes*, lançada em 2018 com 30 títulos, incluindo algumas mulheres. Em forma de fascículos, com preços atrativos e estratégias mercadológicas para atrair o consumidor e fidelizá-lo por meio de subscrição e venda atrelada ao jornal *El País*, são previstos 60 nomes femininos em *Mujeres extraordinarias*, cada qual a figurar em um livro ilustrado, escrito em primeira pessoa, com preços gradativamente crescentes. Os livros contam com cronologia dos fatos importantes das vidas biografadas e com atividades lúdicas ao fim de cada história. Em Portugal, a coleção chega em 2018, sem a distinção criada na Espanha para os nomes de mulheres, como *Os meus pequenos heróis* e é comercializada juntamente com o jornal *Correio da Manhã* em sábados programados, com início em 2018 e em contínua publicação prevista até o fim de 2019.

Pela Anaya, publicou-se, em 2011, *Mi primer libro sobre ellas* e *Ellas hicieron Historia*, ambos de Marta Riviera de la Cruz (texto) e Cecilia Varela (ilustração), sendo que este último figura na Lista de Honor CLIJ 2011. Pela mesma editora, editou-se a compilação de 20 histórias de mulheres espanholas e hispano-americanas que foram pioneiras em diversas áreas de atuação sob o título *Pioneras; mujeres que abrieron camino*, com autoria de Espino Freire e ilustrações de Helena Pérez. Para setembro de 2019, pela espanhola Algar, está prevista a obra de grande fôlego *Um mundo de mujeres extraordinarias*, de Eva Prada, que resgata a História das mulheres nos cinco continentes do século XXIII A.C. ao século XX da nossa era.



Figura 33 – Publicidade da coleção *Mujeres extraordinarias*

¹¹ Agradeço a sugestão atenciosa da professora doutora Isabel Mociño Gonzalez.



Figuras 34, 35 e 36 – Livros biográficos femininos editados pela Anaya

No Chile, a editora Catalonia lança em 2017 *Mujeres bacanas*, de Isabel Plant, Concepción Quintana, Fernanda Claro e Sofía García-Huidobro, com ilustrações de Sonia Pulido, que biografava 100 mulheres importantes desde o século V aos dias atuais. Em 2019, a mesma editora e mesma equipa autoral editam *Mujeres bacanas latinas*, desta vez enfatizando o mundo latino e suas representantes mais destacadas. A primeira obra vendeu 15 mil exemplares e, em duas semanas, a segunda atingiu 5 mil cópias vendidas¹². Como versão local da tendência editorial, a editora Montena lança em 2018 a coletânea *Chilenas rebeldes*, de María José Cumplido, que biografava 75 mulheres de relevância histórica e social no país.



Figuras 37, 38 e 39 – Obras biográficas femininas editadas no Chile

¹² Dados disponíveis em <http://culto.latercera.com/2019/03/21/libros-tras-cuentos-buenas-noches/>

4.2. Publicações portuguesas

O mercado editorial em Portugal tem se mostrado atento à tendência editorial em estudo e vem publicando não só muitas traduções de obras biográficas femininas infantojuvenis, como também alguns livros originariamente portugueses que merecem ser referenciados. Em 2009, por exemplo, pela D. Quixote, foi publicado o livro *A minha primeira Sophia*, de Fernando Pinto do Amaral e ilustrações de Fernanda Fragateiro, dentro da coleção denominada *O meu primeiro*, que inclui nomes relevantes na música e na literatura, em geral, e momentos históricos de Portugal. *A minha primeira Sophia* biografava a vida de uma das figuras femininas mais importantes da cultura portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen, sendo a única mulher na coleção até 2012, quando se publica *A minha primeira Amália*, de Maria do Rosário Pedreira, e ilustrações de João Fazenda, que conta a história da fadista Amália Rodrigues. Com uma linguagem voltada para as crianças e um tom de apresentação da importância dessas personagens para a cultura portuguesa, as biografias apresentam suas vidas de maneira leve e descontraída. Dos 12 títulos que fazem parte da coleção *O meu primeiro*, 8 se dedicam a figuras humanas, sendo essas 2 as personagens femininas.



Figuras 40, 41 e 42 – Biografias femininas da coleção *O meu primeiro*

Em 2015, pela Editorial Planeta e autoria de Maria Inês Almeida e ilustrações de Sandra Lavandeira, publica-se *A admirável aventura de Malala*. Assim como Frida Kahlo e Anne Frank se tornaram quase onipresentes nas coletâneas e coleções dedicadas às figuras femininas ao redor do mundo, Malala, com sua história de vida e seu emblemático e contemporâneo ativismo pelas causas educacionais, está sendo o nome mais recente que mais figura nessas obras e em obras individuais.

Outra coleção voltada aos mais novos, e desta vez apenas com personagens emblemáticas do contexto português, é a *Grandes vidas portuguesas*, editada em parceria pela Pato Lógico e pela Imprensa Nacional Casa da Moeda. Sob o mote «Portugal de ontem, de hoje e de sempre, através das vidas de quem o fez grande», a coleção conta atualmente com 14 títulos, sendo 3 dedicados a figuras femininas: Ana de Castro Osório (2015), Antónia Ferreira (2017) e a Marquesa de Alorna (2017). Com autores e ilustradores diversos, a coleção prima por textos biográficos que aprofundam o contexto social e histórico das personagens, não deixando de apontar questões controversas das vidas biografadas. Carla Maia de Almeida, por exemplo, ao biografar a vida de Ana de Castro Osório, não deixa de apontar os elementos racistas identificados em algumas de suas produções literárias.

Em outra parceria entre a Imprensa Nacional Casa da Moeda e a Pato Lógico, em 2017 é editada a obra *Princesas de Portugal, rainhas da Europa*, que biografava a vida de quatro princesas portuguesas de épocas diferentes que se casaram com reis estrangeiros e assumiram funções relevantes a partir desses matrimônios. Com texto de Luís Almeida Martins e ilustrações de Marta Monteiro, a obra trata da História portuguesa do século XV ao XVIII através da vida dessas mulheres com desenhos que evitam o cor de rosa das princesas fictícias e um texto leve, acessível e bem-humorado dedicado aos mais novos. A sobrecapa, destaque interessante da obra, se transforma em um pôster cronológico de acontecimentos marcantes de Portugal e do mundo nas épocas em que essas biografadas viveram. O livro, ademais, inova ao não ser uma coleção nem exatamente uma coletânea nos moldes quantitativos que se tem exemplificado neste panorama de publicações.



Figuras 42, 43 e 44 – Biografias femininas da coleção *Grandes vidas portuguesas*

Em 2018, chega a vez das coletâneas locais ganharem espaço nas livrarias portuguesas. A Booksmile edita *Portuguesas extraordinárias*, com texto de Maria do Rosário Pedreira e

ilustrações de Elsa Martins, e a Nuvem de Tinta publica *Portuguesas com M grande*, de autoria de Lúcia Vicente e ilustrações de Cátia Vidinhas. Ambas as obras compõem o *corpus* deste estudo e serão detalhadamente analisadas mais à frente nesta dissertação. Em 2019, A Guerra e Paz traz ao mercado, concomitantemente, duas coletâneas biográficas destinadas aos mais jovens, sendo uma de figuras masculinas e uma de personagens femininas. *O pequeno livro das grandes heroínas* é assinado por Maria João Medeiros e *O pequeno livro dos grandes heróis* é de autoria de Sofia Cochat-Osório. Cada livro biografava mulheres ou homens que marcaram a História mundial em diversos âmbitos de atuação.



Figuras 45 e 46 – Coletâneas feminina e masculina da editora Guerra e Paz

4.3. Publicações brasileiras

No Brasil, também se encontram algumas iniciativas editoriais interessantes de biografias femininas infantojuvenis. Em 2014, como uma das apostas de entrada no mercado da Edições de Janeiro, foi lançada a biografia *Carmen: A grande pequena notável*, voltada ao público infantojuvenil. Escrita por Heloisa Seixas e Julia Romeu e com ilustrações de Graça Lima, a obra foi reconhecida com o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) 2015, nas categorias Informativo e Melhor Projeto Editorial. O destaque da obra fica a cargo do cuidado visual de recriação da atmosfera dos anos de 1930, época de grande sucesso da biografada. A edição da obra encontra-se atualmente esgotada.

A Companhia das Letrinhas, selo infantil da Companhia das Letras, lança em 2015 o livro *Malala: A menina que queria ir para a escola*, de autoria de Adriana Carranca e ilustrações de Bruna de Assis Brasil. A obra, editada originalmente no Brasil, biografava a vida da jovem paquistanesa Malala Yousafzai e inova ao trazer uma biografia em que se mistura a vida da retratada com a vida da autora, que é jornalista, e foi pessoalmente em

missão profissional na região em que vivia Malala, entrevistou pessoas próximas, conheceu os lugares que ela frequentava. O texto oscila entre informações trazidas pela autora e suas percepções da viagem com os dados biográficos da personagem retratada. A obra recebeu o Prêmio da FNLIJ em 2016 nas categorias Informativo e Escritora Revelação. Em 2018, já tinham sido feitas 18 reimpressões do livro, o que sinaliza uma significativa absorção positiva do mercado.

Em 2017, as coletâneas biográficas de mulheres brasileiras chegam às livrarias. Pela Galera Record, com autoria de Débora Thomé, edita-se *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, e, pela Seguinte, com texto de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, *Extraordinárias*. Ambas as obras utilizam o modelo de compilação de biografias femininas e aplicam-no ao contexto local brasileiro, como será detidamente analisado, e estão em segunda edição, publicada em 2018. Já em 2019, pela Companhia das Letrinhas, com a assinatura de texto e ilustração de Janaina Tokitaka, o abecedário ilustrado por biografias femininas, à semelhança do *Rad Americam Women A-Z*, mas considerando mulheres de relevo em suas atuações em diversos países, é publicado sob o título *ABCDelas*.



Figuras 47, 48 e 49 – Obras biográficas femininas editadas no Brasil

4.4. Reflexões acerca do panorama

Diante do panorama ilustrativo realizado, percebe-se, claramente, que as biografias femininas infantojuvenis são uma tendência no mercado editorial ocidental nos últimos anos. Isso não significa que as biografias voltadas para esse público-alvo sejam inéditas, ou seja, a publicação de títulos biográficos, de um modo geral, já fazia parte da produção literária para crianças e jovens, principalmente com obras isoladas e tendo como personagens prioritariamente figuras masculinas. Atualmente, no entanto, o cenário se

mostra distinto, com uma proeminência de obras, com destaque para os formatos coleções e coletâneas, que biografam histórias de mulheres, notadamente em seleções que abarcam o mundo todo, em períodos históricos variados e com atuações diversas. Dessa forma, pode compreender-se que o gênero biografia foi eleito como um meio rentável de propagar, no universo infantojuvenil, a visibilidade e o resgate das figuras femininas reais.

Ademais, percebe-se uma grande produção editorial em língua inglesa e espanhola, cuja facilidade de distribuição pelo mundo se faz um diferencial. Muitas dessas publicações são disponibilizadas em diferentes pontos do planeta ao mesmo tempo e, muitas vezes, pela mesma empresa editorial. As origens desses lançamentos, no entanto, são distintas, tendo exemplos de publicação a partir de financiamento coletivo, por meio de editoras independentes e, sobretudo, pelas grandes casas de edição. Em relação aos resultados obtidos no tocante ao objeto-livro, há variedade qualitativa das obras e tratamentos diferentes consoantes à faixa etária que se pretende atingir, indo de trabalhos voltados para crianças muito novas aos jovens em transição para a fase adulta.

Considerando os contextos português e brasileiro, identifica-se, também, a presença da tradução de muitas obras internacionais e das produções nacionais, desembocando em duas apostas de coletâneas biográficas infantojuvenis de mulheres locais em cada país, o que, de acordo com o levantamento realizado no mercado editorial, é um nicho de produção ainda pouco explorado em outros países.

Por fim, como fenômeno extremamente recente, não se tem ainda um distanciamento temporal necessário para analisar, de forma definitiva, a relevância e os efeitos desse novo caminho de produção editorial. Mas algumas questões surgem dessa observação do comportamento mercadológico. Quem são os leitores das coletâneas femininas? Meninas apenas? E das coletâneas masculinas? Somente meninos? A investida nas coletâneas masculinas, em formato semelhante às femininas, seria uma forma identificada de abarcar e atingir o público infantojuvenil masculino? Se sim, a dicotomia entre os gêneros, tão fortemente questionada e combatida pelos movimentos feministas, com claras influências na produção de obras infantojuvenis que desconstróem os estereótipos sexuais, não estaria, assim, sendo fortalecida?

Nesse contexto, em que os adultos intermediam não só as leituras, mas, antes, a compra, a escolha de um título a consumir, os destinatários desses livros dependem substancialmente

da percepção e da mentalidade do adulto responsável. Se as histórias femininas forem somente lidas para e pelas meninas e as masculinas apenas para e pelos meninos, em vez de colaborarem com o resgate histórico de uma dívida para com as mulheres em direção a uma equiparação entre os gêneros, se estará de frente ao acirramento das disputas, das desigualdades, dos estereótipos, da diferença. Como disse Simone de Beauvoir, a liberdade das mulheres também é a liberdade dos homens. Os papéis determinados historicamente para os sexos ou gêneros (dependendo da teoria) também enclausuram os homens/meninos. Esses livros, seja de biografias femininas ou masculinas, são instrumentos benéficos na medida em que os mediadores tenham em mente desenvolver nas crianças e nos jovens a consciência para a injustiça cometida contra as mulheres e o espírito elevado que reconheça no outro um ser merecedor de respeito e dignidade.

Uma das questões mais atuais que se coloca ao movimento feminista é como incluir, mobilizar, sensibilizar, conscientizar os homens sobre o seu papel fundamental na consecução dos objetivos de equiparação e igualdade entre os gêneros. Afinal, se metade do mundo não for partícipe nessa aspiração, as conquistas e os progressos serão sempre limitados. Nesse sentido, o que se pode dizer, sem sombra de dúvidas, é que as coletâneas biográficas femininas infantojuvenis são uma indiscutível tendência no cenário editorial ocidental atual, mas cuja função social depende da sua utilização como instrumento que auxilie na desconstrução dos estereótipos de gênero, no resgate da parcela feminina, obliterada no percurso histórico, e na elaboração de um futuro em que meninos e meninas possam, de fato, ser e estar no mundo sem as amarras do gênero a lhes toldar a liberdade.

1. PORTUGUESAS COM M GRANDE

A obra *Portuguesas com M grande*, de Lúcia Vicente (autora) e Cátia Vidinhas (ilustradora), foi editada em outubro de 2018 pela Nuvem de Tinta, chancela infantojuvenil da Penguin Random House em Portugal. O mesmo selo editorial é responsável pela tradução de *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes I e II*¹³ em 2017 e 2018, respectivamente, e, recentemente, em 2019, pela edição de *Histórias para rapazes que sonham mudar o mundo*¹⁴. Portanto, quando se tem uma mesma editora apostando, primeiramente, numa tradução de um *best-seller* e, posteriormente, em uma versão local de mesmo modelo, ou seja, de «coletânea biográfica feminina infantojuvenil», e, mais recentemente, numa obra traduzida de mesmo formato na versão masculina, fica evidente que resultados positivos, satisfatórios e promissores se descortinam para esse formato de edição no cenário português infantojuvenil. Assim, tendo em vista a editora da publicação e suas apostas mercadológicas, segue-se a análise da obra.

1.1. Características gerais/formais

O livro apresenta capa dura, num formato 24.5 x 20 cm, com a predominância da cor laranja e preta na capa, o que já prenuncia um afastamento do estereótipo de cores para representar o *feminino x masculino*. Uma letra M em destaque faz parte do título e da ilustração ao mesmo tempo, sendo um espaço onde se situam desenhos de diversas mulheres biografadas. Além do título, a obra traz o subtítulo *Mulheres que tiveram a coragem de sonhar e mudar a sua vida. E a dos outros*, presente também na capa (**Fig. 50**).

As guardas, por sua vez, não apresentam variação entre si e incluem fundo azul (céu) e nuvens brancas (**Fig. 51**). Tons de laranja, azul e preto predominam na capa, nas guardas e nas ilustrações que compõem, com o texto, as duplas páginas dedicadas a cada história. O verde e o vinho, secundariamente, são utilizados no verso das guardas e na folha de rosto (**Figs. 52 e 53**). Na lombada se encontram as informações da autoria, título e logotipo da

¹³ Estas obras foram referenciadas no capítulo I: Enquadramento teórico-mercadológico.

¹⁴ Esta obra foi referenciada no capítulo I: Enquadramento teórico-mercadológico.

editora (**Fig. 50**). A contracapa (**Fig. 50**), mantendo unidade e harmonia cromática com a capa, traz duas figuras femininas em ambiente escuro (preto) com uma lanterna a iluminar o texto-chamariz da obra. É possível interpretar que essas mulheres iluminam o céu sombrio com a possibilidade de «ir mais longe», de buscar novos cenários, quem sabe um céu mais amistoso e alegre como o das guardas?

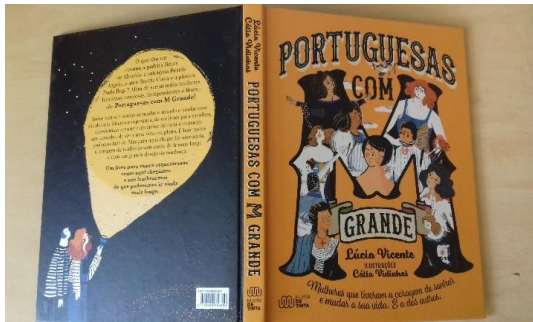


Figura 50 – Contracapa, lombada e capa

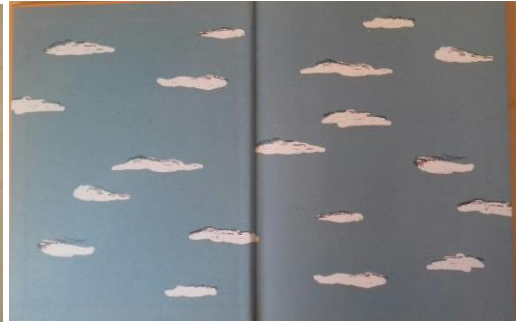


Figura 51 – Guardas

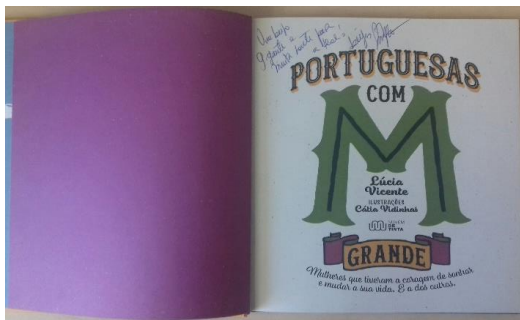


Figura 52 – Verso da guarda inicial e folha de rosto

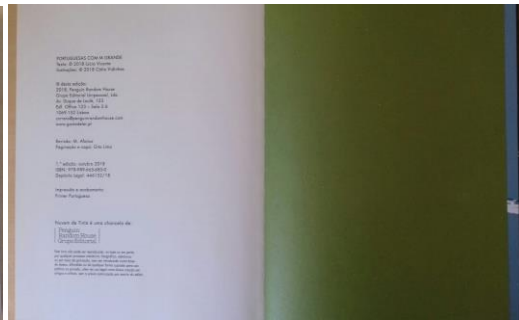


Figura 53 – Ficha técnica e verso da guarda final

O formato da obra segue, essencialmente, o formato da coletânea *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*: duplas páginas com uma página dedicada à ilustração e a outra, ao texto. A modificação verificada na obra em questão é que a ilustração ocupa a página par, sendo a biografia verbal destinada à página ímpar (**Fig. 54**). Ademais, enquanto o *best-seller* da editora, em cada volume, reúne 100 biografias, a versão portuguesa de coletânea biográfica apresenta como principal característica compilar 42 biografias¹⁵ de mulheres especificamente do contexto português, número simbólico em lembrança aos 42 anos completados em 2018 da conquista do direito amplo de voto das mulheres em Portugal.

¹⁵ As biografias serão detalhadas mais adiante.

Após guardas iniciais e folha de rosto, há dedicatória da autora, índice, prefácio (assinado pela eurodeputada Marisa Matias), introdução, as biografias (numa sequência aleatória¹⁶), uma biografia «extra» em homenagem às mulheres anônimas (Fig. 55), um complemento de nomes que atravessam as vidas retratadas (Fig. 56), um glossário de termos históricos, as biografias da autora e ilustradora (Fig. 57) e agradecimentos.

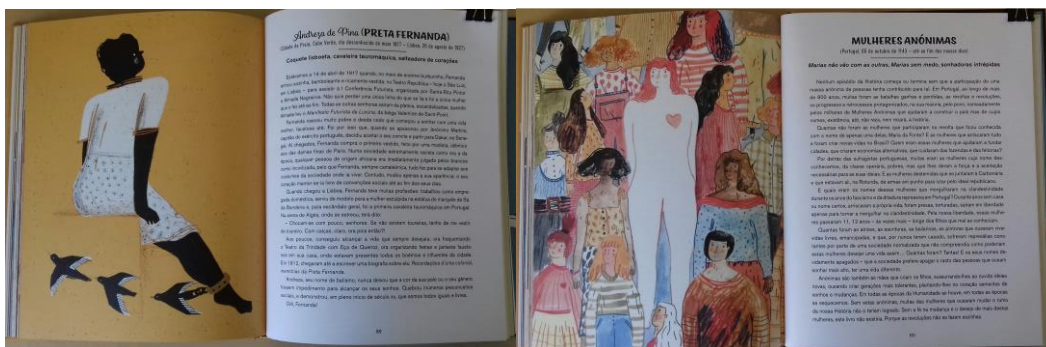


Figura 54 – Dupla página da biografia de Preta Fernanda Figura 55 – Dupla página da biografia das Mulheres anônimas

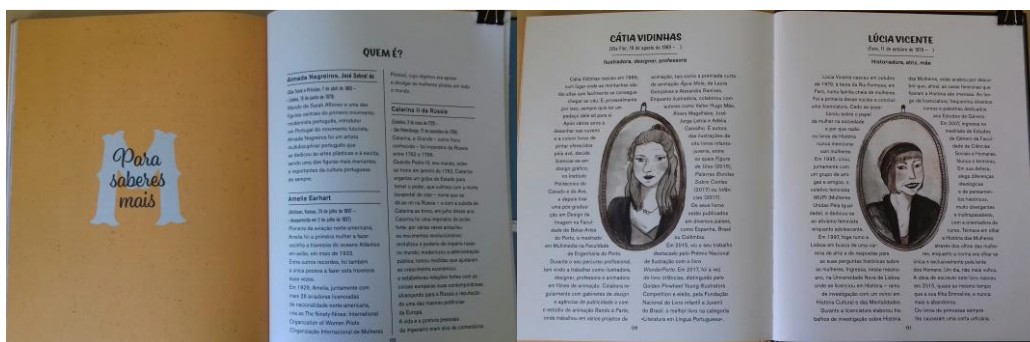


Figura 56 – Glossário de nomes Figura 57 – Biografias da ilustradora e autora

1.2. Ilustração

As ilustrações desta obra são assinadas por Cátia Vidinhas, ilustradora e designer que já ilustrou vários livros infantis, recebeu Destaque do Júri no Prémio Nacional de Ilustração em 2014 (*WonderPorto*, Tcharan) e foi finalista no Golden Pinwheel Young Illustrators Competition em 2017 (*Infâncias*, Sesi-SP Editora). Obviamente, por ser um livro com uma única ilustradora, a unidade dos desenhos que, juntamente com o texto, contam as histórias de vida de 42 portuguesas, faz-se presente. Os traços, as técnicas de desenho, as cores e o

¹⁶ Não se segue uma sequência cronológica, alfabética nem geográfica. A autora tem como critérios não colocar próximas duas mulheres com mesma profissão e, sempre que há referências a outras mulheres do livro em algumas biografias, tem-se o cuidado de ordenar primeiro a biografia e só depois a referência. Em e-mail trocado com a autora, ela afirma: «O uso de uma ordem aleatória foi propositado. Na minha cabeça não fazia sentido dar mais importância a uma mulher do que a outra. E senti que ao organizar com determinada ordem estaria a fazer isso.»

estilo de Cátia Vidinhas constroem um mosaico visual extremamente delicado e, concomitantemente, forte.

O fato de os desenhos manterem uma unidade não significa, no entanto, que sejam monótonos ou simplesmente caricaturas ou retratos das biografadas ou, ainda, a «versão desenhada» do texto verbal. O enquadramento de cada história ganha contornos diversos nos desenhos da ilustradora. Desde a figura feminina a ocupar praticamente toda a página destinada à ilustração (Figs. 58 e 59) até a representação de um momento histórico ou situação relacionada com a vida retratada (Figs. 60, 61, 62 e 63), passando por desenhos extremamente líricos na expressão de aspectos biográficos, como a depressão de Paula Rego (Fig. 64) e a luta por liberdade e democracia de Virgínia Moura (Fig. 65). A composição que coloca a profissão/ocupação em destaque também se faz presente, mas ainda explorando a conotação e a expressão do significado existencial libertário que o trabalho exerce para cada mulher, como em Branca Edmeé Marques (Fig. 66), Vieira da Silva (Fig. 67) e Antónia Rodrigues (Fig. 68).



Figuras 58 e 59 – Ilustrações de Maria Archer e Celeste Mousaco



Figuras 60, 61, 62, 63 – Ilustrações de Catarina Eufémia, Maria Veleda, Maria de Lourdes Pintasilgo e Sacuntala de Miranda



Figuras 64 e 65 – Ilustrações de Paula Rego e Virgínia Moura



Figuras 66, 67 e 68 – Ilustrações de Branca Edmeé Marques, Vieira da Silva e Antónia Rodrigues

Dessa forma, as ilustrações, em conjunto, criam um movimento visual que ora destaca a figura feminina, ora os seus feitos, ora sua condição interna, ora o momento histórico em que viveu ou vive. Esses enfoques variados refletem, simbolicamente, a diversidade de histórias e situações que constituem a biografia de cada mulher no olhar da ilustradora. Assim, tal como no nível textual verbal a autora seleciona, organiza e prioriza determinados elementos que constituem as vidas narradas e descritas, a ilustradora também realiza sua interpretação dos fatos e os representa de modos diversos em 42 desenhos que, muito mais do que ilustrar ou simplesmente complementar a componente escrita, trazem outro olhar, outra camada interpretativa, outra biografia, que enriquece significativamente a obra.

1.3. Texto

Fundadora do coletivo feminista Mulheres Unidas pela Igualdade (MUPI), atriz e licenciada em História, Lúcia Vicente, autora do livro em estudo, questionou-se durante sua trajetória sobre a ausência de figuras femininas na História, culminando, em 2015, com a ideia de escrever um livro que jogasse luz sobre as mulheres que silenciosamente (ou silenciadas) contribuíram e contribuem no percurso histórico de Portugal.

Juntamente com a editora¹⁷, e enquanto estava grávida, Lúcia Vicente elaborou a lista dos nomes que seriam biografados:

Ao mesmo tempo que a Emmeline – assim decidimos chamar a nossa filha – ia crescendo na minha barriga, este livro ia crescendo na minha cabeça. Foi então que comecei a preparar uma lista das mulheres que considerava inspiradoras. Aos nomes que já conhecia, consegui juntar muitas mais. No final, eram imensas mulheres dignas de inspirar uma população inteira, das quais decidi escolher quarenta e duas. (Vicente, 2018, p. 14)

Cada nome selecionado e aprovado recebeu o espaço de uma página para ter sua história contada. Em poucos parágrafos, a autora precisou resumir a vida de cada uma das escolhidas. O texto é estruturado com o nome da mulher em destaque e centralizado, como um título, seguido de local e data de nascimento e morte (quando já ocorreu). Entre essas informações, digamos, técnicas, a autora resume em algumas palavras as funções/ocupações da personagem em questão. Posteriormente, surge a biografia.

Com uma mescla de narração e descrição, como é usual em textos biográficos, a autora escolhe aspectos ou momentos que julga serem os mais relevantes e emblemáticos da vida dessas mulheres e os conta de modo distinto. Há biografias que ficam mais restritas aos fatos e, portanto, ao âmbito não ficcional, como ocorre, por exemplo, no caso de Carolina Beatriz Ângelo e Catarina Eufémia; há biografias que apresentam lirismo, jogo de palavras, metáforas em meio à narração dos acontecimentos, fazendo da biografada uma personagem também ficcional, como acontece com Antónia Rodrigues e Josefa D'Óbidos. Dessa forma, as biografias oscilam entre ficcionalidade e realidade: têm-se biografias com certa literariedade e outras mais comprometidas com a «verdade» dos fatos.

¹⁷ Em 05/05/2019, em evento realizado no âmbito do Festival Feminista de Lisboa na Livraria Ler Devagar, Lúcia Vicente, em conversa informal, revelou que os primeiros 42 nomes que ela selecionou e sugeriu à editora não foram aprovados na íntegra. Foi solicitada pesquisa de nomes de mulheres negras para comporem a coletânea.

A linguagem, independentemente da presença ou ausência da componente ficcional, é adequada aos jovens. Há uma preocupação, coerente com o público-alvo, de contar as dificuldades, os preconceitos e as violências sofridos, mas de forma mais branda e menos detalhada. O objetivo é dar voz a mulheres esquecidas e mostrar seus feitos, sua importância e sua contribuição para as conquistas e os direitos das mulheres em Portugal nos dias atuais: um mosaico de histórias diversas, nas mais diferentes épocas da História do país e com contributos femininos os mais distintos para instruir e inspirar os leitores mais novos.

1.4. Análise social

Para aprofundar e detalhar o retrato social que se depreende das 42 mulheres que compõem a obra, foi elaborado um quadro (**Anexo 1**) com as informações gerais que permitem perceber que tipo de representatividade *Portuguesas com M grande* traz aos jovens, considerando os aspectos de época histórica de vida, campo de atuação, região do território português em que nasceu/morreu, origem econômica independentemente da ascensão obtida em cada trajetória e origem étnica. Tais fatores foram selecionados porque são informações possíveis de obter pelo texto/contexto/extratexto para as biografadas e porque são elementos considerados relevantes para se analisar o grau de diversidade que a obra carrega e para cotejar com as demais obras a serem examinadas no *corpus*.

Em relação ao *período histórico* que as biografias abarcam, pode considerar-se que a seleção consegue ser bastante eclética, tendo representantes do século XIV ao XXI, com maior número de biografias referentes ao intervalo entre os séculos XIX e XXI (32 das 42 biografias). Antes disso, surgem apenas um ou dois nomes para cada século. A referência às mulheres que viveram anteriormente se dá na biografia «extra» dedicada às anônimas (**Fig. 55**), com a início assinalado em 1143, data que marca a independência portuguesa, e se estende aos tempos futuros, vislumbrando muitas lutas e conquistas que ainda as mulheres e a sociedade precisam realizar no âmbito da igualdade de gêneros.

Pode-se aventar hipóteses para a ênfase em figuras do século XIX em diante, como a falta de registro histórico de períodos mais antigos, a dificuldade de verificação de dados encontrados quanto mais se afasta no tempo ou mesmo uma escolha consciente com o intuito de focar trajetórias de vida mais recentes e, digamos, mais palpáveis: histórias que têm desdobramentos ou consequências perceptíveis ainda hoje, ou seja, sua relevância

ainda se faz sentir no estágio atual dos acontecimentos e das condições que se descortinam às mulheres. Dada essa proximidade temporal, é de se supor que histórias mais recentes possam fazer mais sentido e trazer mais identificação na visão dos leitores do que as de tempos remotos.

O *campo de atuação* das biografias se mostra bastante variado. Com um enfoque profissional forte, a coletânea consegue abarcar artistas (atriz, escritora, cantora, pintora, artista plástica, artista de circo, coreógrafa, estilista), comunicadoras (jornalista, locutora de rádio), mulheres das áreas médicas (médica, cientista, fitopatologista), dos esportes (maratonista, cavaleira tauromáquica), de áreas diversas (oficial-cavaleiro, aviadora, piloto acrobata, ceifeira, polícia, arquiteta, engenheira, padeira), gestoras (empresária, gestora de patrimônio) e representantes políticas (deputada, primeira-ministra, governante).

Para além de uma profissão, o ativismo social dessas mulheres é destacado, os ideais e os direitos pelos quais lutavam e lutam são evidenciados, desde o primeiro voto feminino em Portugal, passando pelos direitos dos animais, até as lutas femininas recentes em contexto ditatorial. Ademais, a atuação de grande parte dessas mulheres indica a pluralidade de atividades que cada uma delas exerceu ou exerce, exemplifica a possibilidade de escolhas, não apenas *uma* escolha, na trajetória biográfica de cada uma. Interpretativamente, em relação à perspectiva leitora, demonstra as inúmeras hipóteses de caminhos que estão disponíveis (ou deveriam estar) aos jovens para escreverem suas próprias biografias. O conjunto de histórias representa a liberdade, as opções em aberto, e motiva sem restrições e encoraja sem limites os mais novos (e principalmente as mais novas, historicamente tolhidas no momento de escolher) em suas buscas e descobertas diante da pergunta: «o que vou ser quando crescer?».

Não são todas as *regiões* de Portugal que recebem representantes neste livro. Na seleção das histórias a compor o mosaico de mulheres há, por um lado, uma concentração de biografias que se localizam em Lisboa, mesmo quando o nascimento não se dá nessa localidade, o que reflete um dinamismo comum do movimento migratório para os centros e capitais e se encontra em diversas histórias contadas na obra. Por outro lado, há casos que ultrapassam o território português atual, mas que com a História lusitana guardam laços, como é o caso das mulheres em território colonial e de descendentes portuguesas que nasceram e viveram em outros lugares, assim como estrangeiras que vieram viver em

Portugal. Dessa forma, percebe-se a «elasticidade» que o termo «portuguesas» no título da obra abarca. As *Portuguesas com M grande* são muitas além do espaço físico em que aconteceram estar.

Deve ter-se em conta que a representatividade ou a diversidade no quesito espacial, como em qualquer outro, não significa uma exatidão numérica como em um sistema de cotas, o que seria praticamente inexecutável para o trabalho livre e verdadeiramente comprometido em biografar vidas que sensibilizaram a autora e a editora. Significa, antes, dar a ver a multiplicidade de origens que podem desembocar em outra multiplicidade de trajetórias. Mais uma vez, trata-se de dar a perceber ao público infantojuvenil a liberdade de escolha e a ilimitada possibilidade de caminhos a seguir independentemente da localidade de onde os pequenos leitores são oriundos.

No tocante à *origem econômica*, há na coletânea algumas histórias de mulheres que nasceram em condições muito privilegiadas (como D. Maria II) e outras, em situações demasiadamente penosas (como Chica da Silva). A maior parte das biografias encontra-se entre esses extremos. Mulheres que tiveram econômica e socialmente dificuldades em seguir seus sonhos e desempenhar as profissões que almejavam, mas cujas condições não eram fator deveras incapacitante para isso, o que se pode verificar pela trajetória escolar que elas conseguiram trilhar e que seria impensável para as camadas menos privilegiadas da sociedade até pouco tempo atrás.

As escolhas profissionais, além das restrições históricas que recaem sobre as mulheres, são limitadas por questões socioeconômicas. Os casos de ascensão que não partem de uma situação mínima de condições favoráveis são singulares e raros, como é o caso de Chica da Silva. As histórias de mulheres humildes que são consideradas interessantes de serem contadas ainda ficam reservadas ao inusitado ou ao incomum, como no caso de Brites de Almeida (padeira de Aljubarrota), ou aos extremos violentos, como o destino cruel da ceifeira Catarina Eufémia. Numa perspectiva temporal, percebe-se que, de modo geral, para as crianças de hoje, a situação se apresenta mais positiva e promissora: mesmo de origem muito humilde e, apesar das enormes dificuldades, os jovens podem almejar profissões e caminhos antes encerrados para os mais pobres.

Em relação à *origem étnica* a que pertencem as mulheres biografadas, tem-se uma massiva maioria de mulheres brancas, totalizando 39 das 42 histórias. Outras etnias não são

abordadas para além da origem africana. Apenas a escrava Chica da Silva, a Preta Fernanda e a mulata Virgínia Quaresma compõem a representação negra da obra: as duas primeiras, respectivamente, filhas do Brasil e de Cabo Verde coloniais; a terceira, grande exceção, jornalista portuguesa que reunia em si vários dos aspectos alvo de preconceito social, como é enfatizado na biografia a ela dedicada:

Ei! A Virgínia é mulata! Que raridade. Uma mulher jornalista, repórter e, ainda por cima, mulata? Deve ter passado as *passinhas do Algarve* e tido uma vida muito atribulada e marcada pelo preconceito. Extraordinário como chegou tão longe. É verdade, Virgínia Quaresma reunia, na sua pessoa, todos os estereótipos proibidos do século XIX – alguns deles insistem em subsistir nos dias de hoje –, era mulher, jornalista, emancipada, de ascendência negra e mantinha uma relação lésbica assumida publicamente. O mais impressionante foi que esta mulher nunca se vergou ao preconceito, quebrando barreiras que pareciam intransponíveis a uma portuguesa no final do século XIX e início do século XX. (Vicente, 2018, p. 79)

O espanto com que a autora coloca a descoberta da origem étnica de Quaresma indica o quão raro era uma mulher desta cor alcançar o patamar de jornalista. Este exemplo é de extrema relevância para se perceber a presença de outras etnias na vida portuguesa a participar e contribuir socialmente. No entanto, a pequena, apesar de louvável, representatividade que a obra traz, apenas 3 das 42 biografias com mulheres de origem africana, indica duas interpretações possíveis: ou reflete uma realidade da composição étnica portuguesa massivamente branca ao longo do tempo, ou demonstra que as vozes não hegemônicas no quesito étnico ainda não foram ouvidas com a devida importância.

2. PORTUGUESAS EXTRAORDINÁRIAS

A obra *Portuguesas extraordinárias*, editada pela Booksmile, chancela da 20|20 Editora no setor de livros infantojuvenis, foi publicada em outubro de 2018, na mesma altura que *Portuguesas com M grande*, momento do ano em que as editoras apostam em lançamentos com bom potencial de venda natalícia. As tendências editoriais ganham força neste período por ser, tradicionalmente, a melhor oportunidade de atrair os consumidores nas suas mais frequentes idas a livrarias e outros pontos comerciais onde livros são vendidos, como nas grandes redes de supermercados.

De autoria de Maria do Rosário Pedreira e com ilustrações de Elsa Martins, a coletânea em questão traz 25 biografias de mulheres portuguesas conforme critérios que a autora explica na introdução:

Não cabem todas num livro, por isso tive de fazer escolhas. Optei então por mulheres de épocas diferentes e, especialmente, com vidas e ocupações diferentes – rainhas, padeiras, escritoras, atrizes, políticas, aviadoras, desportistas... E preferi incluir apenas mulheres que já morreram para que estivessem em pé de igualdade. (Pedreira, 2018, p. 9)

2.1. Características gerais/formais

Com formato capa dura, com dimensão 26 x 20 cm, a obra homenageia um dos símbolos da cultura e arte portuguesas: os azulejos. Em azul e branco, capa e contracapa são ilustradas com diversos desenhos que remetem a essa inconfundível marca nacional (**Fig. 69**). Entre os azulejos, encontram-se os rostos de algumas das mulheres cujas histórias são biografadas. Além do título, a obra traz o subtítulo *Mulheres de coragem à frente do seu tempo*. A contracapa contém o texto-chamariz da obra.

A lombada, em fundo azul e escrita em branco, compõe, com a capa e contracapa, a harmonia cromática dos elementos externos e contém as informações mais usuais deste espaço do objeto-livro: título, autoria e logotipo da editora. As guardas, por sua vez, são completamente distintas do que se verifica externamente. Com fundo rosa e desenhos de diversos objetos que aludem a profissões desempenhadas pelas mulheres, como canetas, tubo de ensaio, microfone, pincel, espada... São completamente idênticas as guardas iniciais e finais (**Fig. 70**).



Figura 69 – Contracapa, lombada e capa

Figura 70 – Guardas

Cada biografia é estruturada em dupla página, porém sem uma separação estanque entre texto numa página e ilustração em outra. Neste caso, texto verbal e visual ocupam a dupla página de forma mais integrada e fluida. Após as guardas, há a folha de rosto (**Fig. 71**), o índice, a introdução, as biografias, e, por último, as biografias da autora e da ilustradora do livro (**Fig. 72**). Identifica-se uma ordem cronológica por ano de nascimento na sequência das figuras apresentadas e há quatro duplas páginas em que, em vez das biografias

individuais, mais de uma personagem é lembrada de acordo com suas atuações em breves textos: outras feministas, outras atrizes, outras escritoras e as pioneiras (Figs. 73, 74, 75 e 76).

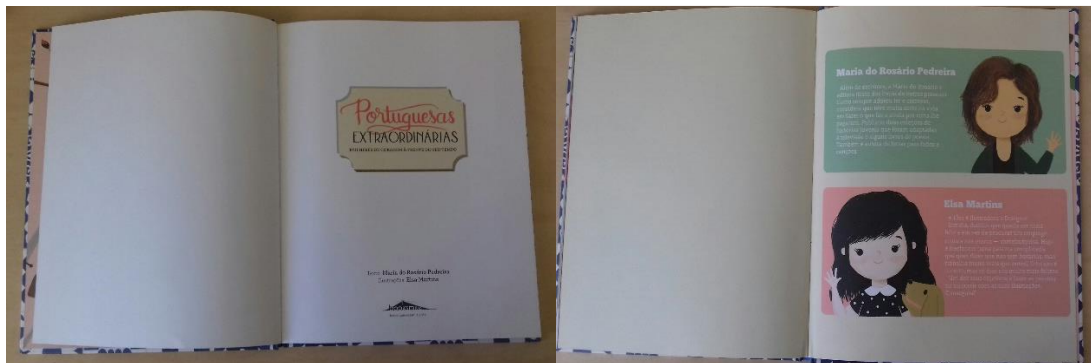
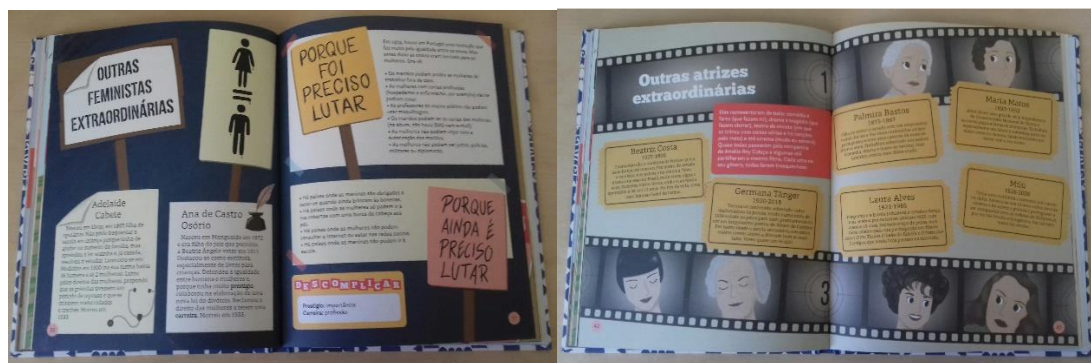


Figura 71 – Folha de rosto

Figura 72 – Biografia da autora e ilustradora



Figuras 73, 74, 75 e 76 – Duplas páginas das biografias «coletivas»

2.2. Ilustração

Assim como na obra *Portuguesas com M grande*, em *Portuguesas extraordinárias*, a composição visual é realizada por uma única ilustradora: Elsa Martins. Dessa forma, esta obra adquire uma identidade de estilo, traços, detalhes próprios de um trabalho individual. A ilustradora tem também publicado em 2017, pela Booksmile, o livro ludodidático *Vamos*

conhecer os alimentos, que apresenta semelhanças estéticas com a obra em análise. Organizar informações não ficcionais de modo menos monótono e mais apelativo ao interesse infantojuvenil parece ser o propósito das escolhas realizadas no nível ilustrativo por Elsa Martins (**Fig. 77**). Um exemplo é o uso do desenho do cartão de cidadão nas biografias para inserir as informações «técnicas» da vida de cada mulher, uma ideia divertida e totalmente coerente com o universo português retratado.

As representações das mulheres são delicadas, seu traço para figuras humanas é bastante característico da identidade que vem criando na ilustração infantojuvenil. O que não se identifica nas ilustrações é a utilização de alusões, metáforas visuais, simbolismos mais complexos, menos óbvios. Os desenhos se situam na representação mais objetiva, denotativa, da vida das mulheres, ou numa metaforização mais comum, o que já se prenuncia nas guardas, com a representação dos instrumentos ou objetos de uso profissional das biografadas.

Além da representação das figuras femininas, a ilustradora, que também é a designer do livro, torna-se responsável por todo o espaço da dupla página, da escolha cromática do fundo à disposição textual verbal (que apresenta diferenças ao longo do livro), passando pelas variações e escolhas tipográficas cheias de significados. Cada biografia recebe um tratamento diferenciado visualmente, a cada virar de página depara-se com uma composição distinta da dupla página, com elementos diferentes das páginas anteriores. As cores, a tipografia e a presença textual verbal inserida em desenhos relacionados com a história contada variam e tornam a coletânea mais dinâmica e criativa. Um exemplo bastante interessante é a biografia de Antónia Pusich, cuja dupla página simula uma página de jornal, em referência à profissão que ela desempenhou (**Fig. 78**).



Figura 77 – Dupla página da biografia de Maria Lamas **Figura 78** – Dupla página da biografia de Antónia Pusich

2.3. Texto

O elemento textual da obra *Portuguesas extraordinárias* é de autoria de Maria do Rosário Pedreira, que, além de autora, é também editora, poetisa e letrista. Com larga experiência no mercado editorial em atividades diferentes, incluindo obras infantojuvenis, como a biografia de Amália Rodrigues, *A minha primeira Amália*¹⁸, publicada em 2012 pela D. Quixote, Maria do Rosário Pedreira opta por uma composição verbal que enfoca menos as informações biográficas de cada mulher escolhida e mais as histórias como ponto de partida para comentários históricos e sociais e para pequenos glossários de verbetes utilizados em cada dupla página.

Não há nesta obra, como já dito, uma página reservada ao texto e outra, à ilustração. Aqui tem-se o texto organizado de uma forma menos tradicional, desmembrado ou dividido em pequenos blocos (parágrafos ou listas). Para a biografia propriamente dita, há dois ou três parágrafos, com diferentes enfoques de cada vida contada. Inexiste uma ordem cronológica ou uma ideia de texto com início, meio e fim: cada biografia é, na verdade, sintetizada em um ponto, ou aspecto, ou feito. A extensão da vida contada é restrita, não se tem muita ambientação, no sentido de envolver o leitor, de criar na imaginação dele uma personagem, uma identificação, uma imersão na história. Conjuntamente ao elemento ilustrativo, o texto, ao ser mais sucinto e dividido em partes menores, demonstra um direcionamento a um público mais infantil, com menor condição de se manter concentrado e atento a um texto linear e da dimensão de uma página. Assim, várias estratégias são usadas para compor a dupla página de modo atrativo para os leitores mais novos.

Parte dos elementos biográficos são apresentados em um quadro, sempre presente, denominado Curiosidades. Nele há uma pequena lista de informações, situações, acontecimentos que, de uma forma ou de outra, estão relacionados com a figura biografada. Tem-se também um espaço chamado Descomplicar, dedicado às palavras consideradas menos prováveis de já serem compreendidas pelos leitores mais jovens, havendo a intenção didática de «elevar» as habilidades vocabulares de leitura do público visado. Já as informações contidas em um cartão de cidadão são comuns a todas as biografias e apresentam dados «técnicos» das histórias, como, por exemplo, data e local de nascimento, profissão, estado civil, características e data de morte.

¹⁸ Esta obra foi referenciada no capítulo I: Enquadramento teórico-mercadológico.

Interessante observar, aqui, a importância dada ao estado civil (que inclui o número de filhos) no texto de Maria do Rosário Pedreira. Uma informação escolhida para fazer parte de todas as biografias, num contexto em que poucos dados foram utilizados para contar as trajetórias de vida, o que pode ser interpretado como um resquício ou uma resistência de estereótipo a considerar a presença masculina e/ou a maternidade como ponto fundamental no curso da existência de uma mulher. Mesmo se se considerarem os momentos históricos em que se desenvolveram as vidas dessas mulheres, em que o casamento e a maternidade normalmente eram condições mais esperadas, em certos casos compulsórias, o que se discute não é a existência ou veracidade desses fatos, mas a escolha em dar espaço a essas informações, o que reflete uma dificuldade de se perceber a mulher para além disso, ou melhor, na sua inteireza que prescinde maridos e filhos; reflete um estado de mudança de mentalidade que ainda está por se fazer por completo, mesmo quando o propósito é exaltar a mulher e suas trajetórias.

Por fim, a composição textual abre mais possibilidades de modos de ler. A leitura linear não se faz necessária nem obrigatória, assim como os blocos de textos se localizam de maneira a permitir que os olhos encontrem o que lhe for mais atrativo (importante se faz a ilustração que suporta o texto). Dessa forma, a leitura, e a mediação de um adulto quando for o caso, fica mais livre e possível de ser realizada da página direita para a esquerda, ou vice-versa, do glossário para o texto, ou vice-versa, do texto biográfico para as curiosidades, ou vice-versa.

2.4. Análise social

Com a mesma metodologia utilizada para analisar socialmente a obra *Portuguesas com M grande*, fez-se para *Portuguesas extraordinárias* o quadro (**Anexo 1**) em que os aspectos período histórico, área de atuação, região em que viveu, a origem social e a étnica foram utilizados como balizas para se compreender que imagem e pressupostos se podem depreender das escolhas de nomes a figurar na coletânea: quem, afinal, são as portuguesas que mereceram espaço na obra e receberam a alcunha de «extraordinárias»?

Tendo em vista que *Portuguesas extraordinárias* tem como critério biografar apenas mulheres que já morreram, como já mencionado, em referência ao *período histórico* em que viveram, as biografias são organizadas cronologicamente a partir da data de nascimento, da época mais remota à mais recente, começando com a biografia de Brites de

Almeida, a padeira de Aljubarrota, no século XIV, e terminando com as representantes nascidas no século XX, algumas das quais viveram também no século XXI, como Bárbara Virgínia e Maria Barroso.

Apesar de não incluir figuras femininas vivas, a obra concentra biografias entre os séculos XIX e XXI, com 18 das 25¹⁹ personagens escolhidas. Mais uma vez, considerando a obra anterior analisada, tem-se uma concentração maior de seleção de períodos mais recentes da História de Portugal, o que, novamente, leva às hipóteses já aventadas: dificuldade de acesso ou de confirmação de dados mais antigos e escolha propositada de enfatizar histórias mais recentes e com presença ainda perceptível nos dias de hoje, seja pelas suas consequências ou desdobramentos históricos, sobretudo nas condições de vida da mulher portuguesa atual, seja pela maior facilidade de identificação desde a perspectiva leitora por personagens, digamos, mais «modernas», mais próximas de uma realidade palpável a partir de uma leitura do século XXI.

No tocante ao âmbito de *atuação* dessas mulheres, apresentam-se ocupações da mais variada gama, com ofícios humildes como padeira e ceifeira, passando por profissões que ainda hoje são estereotipadamente masculinas, como oficial de cavalaria e aviadora, por representante dos esportes (ginasta), por representante das áreas biológicas (médica e investigadora), por gestoras, por presenças políticas (primeira-dama e primeira-ministra), e, principalmente, por representantes da aristocracia portuguesa (rainha, princesa, marquesa, duquesa) e das áreas artísticas e das letras (pintora, cantora, escultora, atriz, escritora, locutora de rádio, jornalista). Essas duas últimas categorias, aristocrata e artista, são as que mais representantes ganham na seleção da coletânea: das 25 figuras, 5 pertencem à aristocracia e 12 se encontram nas mais diversas expressões artísticas.

A autora tem o cuidado de assinalar as diversas atividades desempenhadas pelas mulheres, não excluindo as funções múltiplas que cada uma desempenhou. Maria de Parma, por exemplo, além da posição fortuita de princesa, foi uma excelente cozinheira; a Marquesa de Alorna, Leonor, foi escritora, tradutora e dama de honra da rainha; Maria Barroso, muito além de primeira-dama, foi atriz, professora, diretora de colégio e presidente da Cruz

¹⁹ Os nomes contidos nas páginas «coletivas» não foram utilizados na análise social por não terem a força representativa das biografias de dupla página e serem material textual e visual de pouco conteúdo para um exame mais aprofundado, gerando desigualdade na análise comparativa desta dissertação.

Vermelha; Bárbara Virgínia explorou diversos campos artísticos, sendo realizadora, atriz, locutora de rádio, cantora e apresentadora...

A palavra sucinta desta obra, no entanto, faz parte dessa multiplicidade, dessa riqueza, dessa variedade de possibilidades se perder. Um aglomerado de referências a ocupações sem um texto de completude compatível acaba por, em determinados momentos, não dizer muito ao leitor, não o motivar, não lhe mostrar a abundância de opções à sua frente. Ademais, figuras femininas aristocratas são importantes e fazem parte da História portuguesa, mas não seria mais interessante, por exemplo, ter mais histórias de mulheres dos esportes? Afinal, Portugal não tem boas representantes nesta área ou pouco espaço foi dado a elas? Em outras palavras, o pequeno leitor não será tão inspirado a contribuir para mudanças sociais desejáveis com histórias da nobreza quanto com histórias que remetam a realidades a que ele também possa almejar aceder.

A seleção de mulheres a terem biografias na obra abrange histórias que aconteceram em diferentes *regiões* do país, sendo que Lisboa figura como início ou fim da maior parte das jornadas escolhidas, o que é compreensível pela relevância que a cidade tem e tinha para a vida de Portugal. De certa forma, figuras que se destacaram em suas diversas atuações, em um momento ou outro, acabaram por estreitar relações com a capital portuguesa. Seja mais recentemente ou em séculos passados, a capital lisboeta se mostra centro para onde convergiram as mulheres biografadas ou de onde partiram para novas trajetórias.

Portuguesas extraordinárias é uma coletânea que reúne um número reduzido de biografias em comparação com *Portuguesas com M grande*: 25 nomes apenas, enquanto a obra de Lúcia Vicente compila 42 mulheres. Tendo isso em vista, a representatividade regional acaba por ser menos significativa e, tendo em conta que muitas das figuras são artistas ou aristocratas de diversos séculos, a concentração de biografias tendo Lisboa como espaço de desenvolvimento acaba por ser inevitável.

Neste ponto, deparamo-nos com uma questão: a escolha das figuras femininas se pauta por um olhar centrado na capital ou realmente não há histórias que valham a pena ser contadas que se desenrolam em outras partes do território português? Será que, tal como Ferreirinha, herdeira e fantástica empresária, com um importantíssimo legado no norte de Portugal, não há outras mulheres que representem tão bem seus espaços descentralizados? Será que na visão, na percepção, na recepção de leitores que não vivem na capital as biografias fazem

um sentido diferente do que para os jovens que habitam em Lisboa? Será que a abertura de possibilidades que está na base da publicação da obra, a inspiração que se pretende inculcar nos mais jovens para buscar seu caminho, de escolher livremente, não esbarra neste quesito espacial quando não se tem Lisboa como uma realidade? Mais histórias descentralizadas poderia dar mais motivação, poderia mostrar possibilidades para além da capital, inclusive como incentivo para que os jovens leitores queiram participar e se comprometer com o desenvolvimento de outras regiões do país.

A *origem econômica* que se apresenta na obra vai do extremo da riqueza de mulheres provenientes da nobreza aos poucos casos de personagens em grandes dificuldades financeiras, como é visível a propósito da infância de Amália Rodrigues. As camadas sociais intermédias são as que mais representantes apresentam no mosaico composto pelas biografias. Assim como em *Portuguesas com M grande*, a pobreza parece repelir o interesse pelas mulheres desse estrato social, como se pouco ou nada fizessem na História, como se não contribuíssem para o atual estado das coisas, como se a base da sociedade não merecesse espaço e voz em um trabalho que se diz resgatador de histórias silenciadas. Brites de Almeida e Antónia Rodrigues, com suas histórias incomuns, e Catarina Eufémia, com seu destino violento, foram as mulheres escolhidas oriundas de situações socioeconômicas menos privilegiadas. Mais uma vez, a pobreza, só quando contém traços de inusitado ou de profunda crueldade, parece merecer atenção na compilação.

Como já enfatizado, a aristocracia, com seus ilimitados privilégios e regalias, tem significativa representatividade, assim como mulheres que seguiram carreiras artísticas. Estas últimas, juntamente com representantes das áreas políticas e científicas, são as principais personagens que advêm de condições econômicas medianas, o que parece favorecer a sua ascensão social em resultado da educação. Nesse sentido, não se trata unicamente de criar representatividade a servir de identificação aos leitores de diferentes origens econômicas, mas, também, de propor um questionamento (ou autoquestionamento) das pessoas mais privilegiadas sobre como se constroem e em cima de quem se constroem os seus privilégios, seja em tempos mais remotos, seja na atualidade. As escolhas dos nomes, em suma, é também uma escolha ideológica, uma escolha pelas discussões que se pretende, na visão editorial e autoral, suscitar com a obra.

Por último, no que diz respeito à *origem étnica*, *Portuguesas extraordinárias* somente coloca luz sobre vidas de mulheres brancas. É a representação branca que constitui esse aspecto do mosaico da coletânea. Se o período histórico abarcado pelas histórias é variado, se as atuações dessas mulheres se mostram diferentes e múltiplas, se as regiões do país de origem e destino são distintas, se a origem econômica apresenta representantes de todos os níveis, não se verifica multiplicidade possível de se analisar quando se pensa na composição étnica dessas histórias.

É inegável que a História das mulheres de Portugal não se fez nem se faz apenas por figuras brancas, mas, novamente, esta é a seleção definida pela autora e sua editora. De tal escolha se depreende uma visão ainda muito «aristocrata» do que seria «extraordinário» representar, muito limitada e restrita a personagens que, muitas delas, já são de conhecimento relativamente considerável. A pluralidade quando se pensa numa coletânea deixa a desejar neste fator: a diversidade que subjaz a construção da sociedade portuguesa merecia outros tons a figurar nas biografias.

3. PORTUGUESAS COM M GRANDE VERSUS PORTUGUESAS EXTRAORDINÁRIAS

Considerando as análises individuais das obras escolhidas para representarem a tendência editorial em estudo, podem encontrar-se semelhanças e diferenças no tratamento local dado ao formato «coletânea biográfica feminina infantojuvenil» no cenário português. Partindo do mesmo tema, do mesmo formato e do mesmo cenário, percebe-se a elaboração de diferentes produtos a partir de um ponto inicial em comum.

3.1. Características gerais/formais

À primeira vista, encontram-se características gerais que aproximam as obras portuguesas. Desde a altura de publicação propícia ao arranque de vendas (fim de ano, outubro de 2018), ambos os livros apresentam determinados atributos muito semelhantes, como capa dura, dimensões de altura e largura muito próximas, guardas iniciais e finais iguais, uma autora e uma ilustradora, presença de subtítulo e utilização de ilustrações do miolo na capa e contracapa.

Em termos gerais, assume-se que as diferenças identificadas na estrutura, ao comparar as duas obras, têm relação com suas respectivas editoras de publicação. A Nuvem de Tinta aposta numa versão portuguesa que dê continuidade ao sucesso de *Histórias de adormecer*

para raparigas rebeldes I e II. Portuguesas com M grande apresenta muita proximidade com essas publicações da mesma chancela editorial no que tange à sua estrutura principal. O livro é organizado em dupla página com separação de texto e imagem como nos dois volumes do *best-seller* de Elena Favilli e Francesca Cavallo. *Portuguesas extraordinárias*, por sua vez, é a primeira publicação do gênero pela Booksmile e subverte a divisão texto/imagem, com cada elemento em uma página, trazendo um *layout* diferente do de *Portuguesas com M grande*, como já foi detalhado.

A identificação da obra de Lúcia Vicente e Cátia Vidinhas com *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes I e II* é inevitável, porém o livro português, ao optar por uma única autoria nas ilustrações, não carrega a mesma multiplicidade de vozes visuais que a obra que lhe serviu de modelo. A mesma escolha por apenas uma ilustradora ocorre com *Portuguesas extraordinárias*, também criando uma identidade e coesão visuais em detrimento da variedade de nomes de ilustradoras na composição da obra.

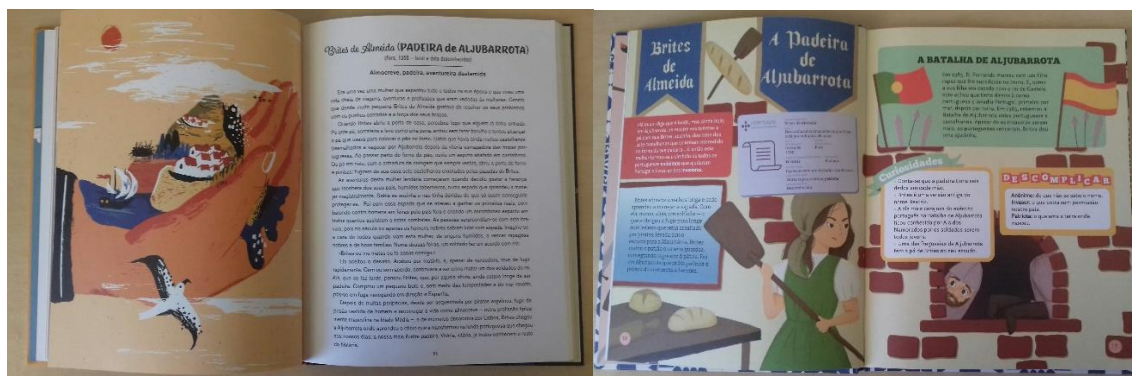
Em relação à presença feminina exclusiva na edição, *Portuguesas com M grande* não segue a obra das italianas, que exalta e se posiciona como uma elaboração coletiva feminina, com presença de muitas ilustradoras e com escolha tipográfica de *lettering* criado também por mulheres: as mulheres são o tema e o fundo da obra, são o motivo e a força realizadora da mesma. Apesar de não se posicionar como obra feminina em sua confecção, *Portuguesas extraordinárias*, a seu turno, traz em sua ficha técnica apenas os nomes da autora e da ilustradora, que, neste caso, é também a responsável pela paginação e capa, enquanto *Portuguesas com M grande* tem um nome masculino nesta função, o designer Gito Lima.

3.2. Ilustração

Como já referenciado, as duas obras analisadas no contexto português apresentam, cada uma, uma ilustradora responsável pela representação visual das biografias. Cátia Vidinhas traz um elemento ilustrativo que oscila, varia, muda de enfoque, ora destacando a figura feminina, ora seus feitos, ora profissões, ora momentos históricos, ora simbolizando estados psicológicos. Seu traço une delicadeza e força em desenhos que, mantendo uma harmonia cromática no todo, fluem a cada dupla página num movimento que se mostra inteligente, criativo e atraente ao leitor. *Portuguesas com M grande* consegue, com uso de

técnicas e destaques variados das vidas retratadas, manter a unidade das ilustrações sem ser monótono, sem perder a complexidade na interpretação visual das histórias.

Elsa Martins, como responsável não somente pela ilustração como também pela paginação e capa, tem seu trabalho presente no objeto-livro *Portuguesas extraordinárias* como um todo. Sem divisão entre espaço do texto verbal e do texto visual, a ilustradora e designer organiza as biografias de modo a variar a composição de cada dupla página, recorrendo a diferentes tipografias, cores, fundos. Comparativamente a *Portuguesas com M grande*, em que algumas cores são eleitas para alinhar toda a obra e uma uniformidade tipográfica é mantida, Elsa Martins opta por muitas e variadas cores, por distintas tipografias em cada nome biografado, por mudança na localização das informações a cada dupla página. A complexidade que Cátia Vidinhas desenvolve por meio de metáforas e simbolismos (Figs. 79 e 81), Elsa Martins busca através de uma abundância de elementos pictóricos e gráficos (Figs. 80 e 82) a diferenciar e criar movimento para cada virada de página.



Figuras 79 e 80 – Biografia de Brites de Almeida em *Portuguesas com M grande* e em *Portuguesas extraordinárias*



Figuras 81 e 82 – Biografia de Ferreirinha em *Portuguesas com M grande* e em *Portuguesas extraordinárias*

3.3. Texto

A composição do texto nas coletâneas é completamente diversa de um livro para o outro. Lúcia Vicente, ao organizar seu texto em uma página, como uma pequena história com uma condução de começo, meio e fim (não necessariamente as informações biográficas em ordem cronológica), consegue uma completude de informações e uma atmosfera propícia à identificação com a biografia, com a situação, com o contexto em que cada vida acontece. Os temas que envolvem a vida das mulheres escolhidas são os mais variados quanto podem ser cada vida individual, mas Lúcia Vicente, com mestria, consegue, sem contornar questões como homossexualidade, depressão, escravidão, ditadura, encontrar a linguagem exata para expressar os acontecimentos sem cair numa dramaticidade ou negativismo a afastar o pequeno leitor. Seu texto é cuidadoso com o público-alvo, porém sem desviar do que precisa ser contado. Paralelamente ao trabalho de ilustração de Cátia Vidinhas, Lúcia Vicente consegue, diante de tantas e diferentes existências, encontrar um tema central a ligar todas essas mulheres em suas mais variadas trajetórias. Todas as histórias, umas mais, outras menos, trazem como fio que une a coletânea o *ativismo social*, declarado ou não, que essas mulheres exerceram na construção da História e da sociedade portuguesas.

Com uma organização textual bastante peculiar para uma biografia, Maria do Rosário Pedreira desenvolve a componente verbal de sua obra por meio de pequenos blocos textuais a contar a história. Com biografias extremamente enxutas, a autora aposta em informações sucintas e referências históricas e vocabulares para complementar seu texto biográfico, como já foi explanado. Nesse sentido, se esteticamente a obra ousa ao rejeitar a separação entre texto e imagem e ao buscar sua integração na dupla página, assim como no nível visual Elsa Martins não ultrapassa o aspecto denotativo em suas ilustrações, Maria do Rosário Pedreira também acaba por desenvolver simplificações das histórias das mulheres biografadas por ela. Essas distinções entre as obras têm relação com públicos que variam, podendo considerar que *Portuguesas com M grande* se destina a crianças mais crescidas e adolescentes e *Portuguesas extraordinárias* é dedicada a leitores mais novos. Já em termos temáticos, diante de textos tão sucintos, questões difíceis e polêmicas chegam a ser apontadas, mas sem grande desenvolvimento e, enquanto *Portuguesas com M grande* traz como tema condutor o ativismo, pode-se depreender que *Portuguesas extraordinárias* tem como elo entre as histórias o destaque ao *pioneirismo* das mulheres retratadas.

3.4. Análise social

Portuguesas com M grande e *Portuguesas extraordinárias* são versões locais para o modelo «coletânea biográfica feminina infantojuvenil» que vem se confirmando como uma tendência editorial em diversos países. No entanto, como se tem buscado detalhar e comprovar, os livros em estudo mostram que diferentes resultados podem ser obtidos para o mesmo propósito. As escolhas editoriais e autorais (considerando as ilustrações) concorrem para a consecução de objetos que caminham para um retrato mais ou menos representativo da humanidade feminina que forjou a História e a sociedade portuguesas até os dias atuais.

O mosaico social que se desenha em cada obra, de certa forma, tem relação incontornável com a quantidade de biografias que cada coletânea encerra. Se Lúcia Vicente biografa 42 mulheres do século XIV ao XXI, simbolizando os 42 anos completados em 2018 da aprovação do amplo direito de voto das mulheres em Portugal, Maria do Rosário Pedreira se dedica a 25 histórias de figuras femininas já falecidas, partindo, também do século XIV, com a mesma personagem de Lúcia Vicente (Brites de Almeida, a Padeira de Aljubarrota), e culminando com mulheres nascidas no século XX, algumas das quais viveram seus anos finais no século XXI.

Como Maria do Rosário Pedreira opta por não biografar mulheres vivas, conforme seu critério de igualdade de condições, em relação a *Portuguesas com M grande*, *Portuguesas extraordinárias* fica mais afastada temporalmente no tocante ao período histórico abordado através das biografias. De qualquer maneira, ambas as obras concentram a maioria das histórias entre os séculos XIX e XXI, sendo 32 das 42 biografias de *Portuguesas com M grande* e 18 das 25 vidas retratadas em *Portuguesas extraordinárias*, configurando 76% e 72% das obras, respectivamente.

É vasta a diversidade de áreas de atuação em que se desenrolam as trajetórias biografadas ao se analisar as duas obras. Investigadoras, políticas, gestoras, desportistas, comunicadoras, artistas e muitas outras profissionais foram representadas por figuras emblemáticas nos respectivos âmbitos. Tanto *Portuguesas com M grande* quanto *Portuguesas extraordinárias* conseguem uma significativa «elasticidade» na representação feminina nas mais diversas ocupações ao longo do tempo. Juntamente com retrato temporal que aproxima as obras ao concentrar-se no século XIX em diante, a gama eclética

de campos que essas mulheres atuaram e atuam coincidem não por acaso. As obras em investigação compartilham 15 nomes em comum, o que representa 36% da de Lúcia Vicente e 60% da de Maria do Rosário Pedreira. Essa aproximação, no entanto, não significa uma identificação completa entre os livros, os nomes que se distinguem nas coletâneas acabam por fazer a diferença em termos de representatividade social.

Prosseguindo no exame comparativo, Lisboa, como *região* geográfica de importância ímpar em Portugal, figura como local em que as mulheres de ambos os livros, em sua maioria, têm como ponto em comum no desenvolvimento de suas histórias. Indiscutivelmente, a capital portuguesa foi e é de extrema relevância, concentrando muitas oportunidades e sendo precursora de muitas mudanças sociais. As biografias, nesse sentido, retratam como pano de fundo geográfico nada mais que uma realidade incontestável para os nomes selecionados. Porém, o que pode ser discutido são as *escolhas* por muitas histórias que guardam relação com Lisboa. A representatividade espacial, neste caso, seria algo incontornável, ou seja, qualquer que fosse a personagem inevitavelmente sua história passaria pela capital portuguesa? Ou pode depreender-se que o olhar editorial e autorial que subjaz a composição das coletâneas está atrelado a uma atenção voltada sobretudo para as figuras cujas vidas estão ambientadas em Lisboa?

Neste ponto, considera-se oportuno referir-se ao trabalho de Francesca Blockeel (2001), que, ao analisar produções literárias portuguesas voltadas para o público infantojuvenil no período de 1974-1994, desenvolveu duas observações em relação ao espaço físico em que desenrolam as narrativas examinadas por ela. A primeira é sobre a preponderância da cidade em detrimento do campo nos textos que analisa e:

Uma segunda observação é que a dominação da cidade significa que as crianças do interior do país recebem muito mais informação sobre o estilo da vida urbana e lisboeta do que sobre a sua própria vivência. Além disso, poucas narrativas tratam da vida nas cidades pequenas, em que no entanto vive grande parte das crianças. (...) Com isto não quero dizer que não seja bom que as crianças do interior fiquem a conhecer a capital através das suas leituras, bem pelo contrário. É o outro aspecto que se torna preocupante: as crianças-leitoras de Lisboa ficam a saber demasiado pouco sobre a vida no interior do país. Elas reconhecerão bem o seu próprio ambiente mas não encontrarão muita afinidade com a vida das vilas e cidades pequenas, que no entanto apresenta contrastes bastante violentos.

O facto de os lugares corresponderem em muitos casos aos sítios onde vivem os autores explica a preponderância do cenário urbano, sobretudo lisboeta, sobre o cenário rural. No entanto, Portugal ainda é maioritariamente um país rural, mas

isto não transparece nas narrativas juvenis, ocupando a vida na capital um lugar de destaque. Priva-se assim o leitor citadino do conhecimento de parte da realidade portuguesa, enquanto, por sua vez, o leitor da província tem menos oportunidade de reconhecer o seu meio nos livros que lê. (pp. 233, 242)

Numa régua simbólica que meça as *condições econômicas*, tendo como os extremos a pobreza advinda de uma escravidão e a riqueza da nobreza proveniente da herança aristocrática e do poderio material e político, há, nesta elaboração simplificada, os estratos sociais intermédios, em que dificuldades de acesso a bens materiais e culturais existem mas não se configuram como barreiras intransponíveis à consecução de objetivos e realização de projetos e sonhos. Quando mais se afasta no tempo, mais difíceis, estanques e divididos se mostram os estratos socioeconômicos, quanto mais se desloca para os séculos mais recentes, mais mobilidade e permeabilidade social se verifica, aumentando as possibilidades e abrindo portas de acesso aos menos privilegiados economicamente.

Diante do exposto, pode compreender-se que muito do ativismo exaltado por Lúcia Vicente em *Portuguesas com M grande* e muito do pioneirismo homenageado por Maria do Rosário Pedreira em *Portuguesas extraordinárias* recaem sobre condições materiais mínimas como ponto de partida para a ascensão escolar, social e profissional que retratam. As camadas sociais médias e altas permitem às mulheres, no intervalo temporal contido nas obras, mesmo com todas as desigualdades de gênero, mudanças de vida, acesso ao estudo e escolha profissional que se mostraram indisponíveis às mais pobres. Assim, das informações fornecidas pelas biografias e das pesquisas extratexto, foram considerados de origem humilde 7 dos 42 nomes que figuram em *Portuguesas com M grande* e 4 dos 25 que ganharam espaço em *Portuguesas extraordinárias*, equiparando em 16% a representatividade econômica das camadas pobres nas coletâneas.

Em relação ao *fator étnico* que, juntamente aos demais aspectos, forma o que se considerou nesta análise como a diversidade ou a multiplicidade social que cada obra abarca, podem identificar-se nas figuras femininas biografadas as etnias branca e negra. No entanto, *Portuguesas com M grande* difere de *Portuguesas extraordinárias* por ter incluído entre os nomes que mereceram espaço na coletânea 3 mulheres de origem africana, sendo Chica da Silva e Preta Fernanda provenientes do Brasil e Cabo Verde coloniais, respectivamente, e Virgínia Quaresma, descrita com estupefação por Lúcia Vicente por sua cor mulata, sendo a única exceção entre as mulheres viventes em solo lusitano no tocante ao fator étnico. Das

42 biografias, 3 mostram diversidade étnica, o que representa 7% da obra. *Portuguesas extraordinárias*, por sua vez, não traz nenhuma variedade no aspecto abordado. Todas as mulheres retratadas por Maria do Rosário Pedreira são de origem branca.

Assim, considerando os 5 elementos (período histórico, atuação, região, origem econômica e origem étnica) utilizados para se examinar a composição social que se pode perceber do conjunto de biografias que cada coletânea carrega, *Portuguesas com M grande* consegue avançar um pouco mais em relação à constituição de um mosaico social mais diversificado e representativo: ao trazer histórias de mulheres do século XXI (o que *Portuguesas extraordinárias* opta por não fazer); ao apostar em um número significativamente maior de biografias, o que lhe permitiu escolher mais atuações, mais regiões, mais variedade de origens econômicas; ao dar voz, ainda que pouca, a mulheres de origem africana.

Se, além disso, mesmo tendo em conta um público mais infantil a que se destina a obra de Maria do Rosário Pedreira, se considerar o texto de *Portuguesas com M grande* mais consistente, mais informacional e com mais momentos líricos comparativamente a *Portuguesas extraordinárias*, com ilustrações mais complexas e com camadas interpretativas mais estimulantes, pode concluir-se que a obra de Lúcia Vicente consegue atingir uma qualidade superior e um engajamento maior com o propósito geral do formato de livro estudado: oferecer aos mais jovens histórias verbais e ilustrativas que os estimulem, instiguem, motivem, inspirem ao mesmo tempo que resgatem uma dívida histórica e social para com as mulheres e suas mais diversas contribuições no forjamento de suas sociedades locais.

1. 50 BRASILEIRAS INCRÍVEIS PARA CONHECER ANTES DE CRESCER

A obra *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, de autoria de Débora Thomé, foi publicada pela Galera Record em outubro de 2017 (1.^a edição), tendo sido finalista do Prêmio Jabuti no eixo Literatura e na categoria Infantil e Juvenil em 2018. A editora, pertencente ao Grupo Editorial Record, foi criada em 2007 e é responsável pela edição de uma vasta gama de gêneros voltados ao público a partir dos 12 anos, abarcando, por exemplo, romances de aventura e ficção científica. As biografias, no entanto, são, em sua maioria, publicadas pelo selo Record, que é carro-chefe do grupo e responsável pelo lançamento de várias tendências editoriais, sendo a obra em estudo uma exceção em termos de gênero ao ser lançada pela Galera Record, porém consoante com este selo editorial ao se dirigir ao público infantojuvenil.

1.1. Características gerais/formais

Com formato capa dura (1.^a edição) ou brochura²⁰ (2.^a edição) e dimensões 27.5 x 21 cm, *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* apresenta em sua capa, lombada, contracapa e badanas (ou guardas no caso da edição com capa dura) a coordenação do branco, laranja e azul vibrantes como cores principais (**Figs. 83 e 84**). A capa, em fundo laranja, traz o nome da obra em branco. Pequenos desenhos que remetem para as profissões das mulheres biografadas estão presentes na capa e nas badanas. A lombada, em fundo azul, contém autoria, título e logotipo da editora. Na contracapa, colocam-se cinco frases referentes a cinco biografias, variando o fundo e escrita entre azul e branco. Como texto-chamariz, dentro de um desenho de nuvem, em azul, tem-se «Incríveis, revolucionárias, livres. Mulheres que mudaram o mundo com histórias para ler antes de crescer, dormir e sonhar.». Por fim, há, ainda na contracapa, o nome da autora, com sua identificação como «cientista política, jornalista e criadora do bloco de carnaval Mulheres Rodadas». Capa e contracapa opõem o tratamento acetinado do fundo laranja com o brilho das ilustrações e o alto relevo do título.

²⁰ O formato brochura é o analisado nesta dissertação por ser a edição a que tive acesso, publicada em setembro de 2018. Com exceção das guardas na versão em capa dura, o restante da obra permanece idêntico.

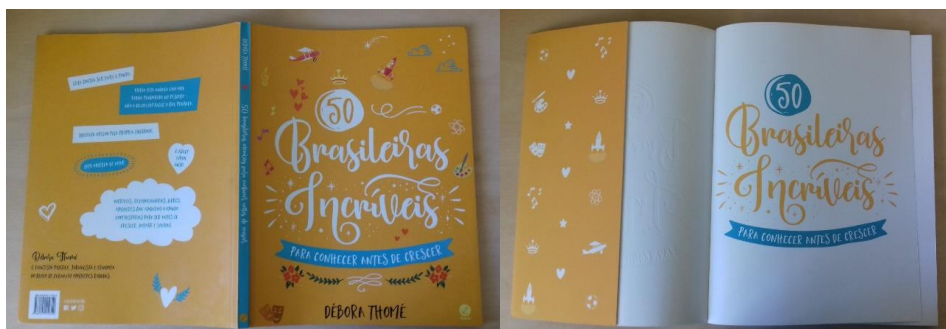


Figura 83 – Contracapa, lombada e capa **Figura 84** – Badana inicial e falsa folha de rosto

Estruturada em biografias de dupla página, com ilustração na página par e texto na página ímpar, a coletânea, após falsa folha de rosto e folha de rosto, inclui a introdução da autora, o sumário (**Fig. 85**), as biografias, páginas para que o pequeno leitor biografue suas heroínas (**Fig. 86**), os agradecimentos, os créditos de ilustração (**Fig. 87**) e de tipografias (**Fig. 88**) e colofão.



Figura 85 – Sumário

Figura 86 – Seção Suas heroínas



Figura 87 – Créditos de ilustração e design

Figura 88 – Créditos de tipografia

1.2. Ilustração

As imagens, que formam com o texto biográfico a história de cada personagem, são assinadas por 16 ilustradoras, além de uma designer de capa e miolo, Carla Irustra. A cada ilustradora coube a dimensão visual de duas a quatro biografias. São elas: Carol Carvalho, Chiquinha, Eva Uviedo, Fernanda Nia, Fran Junqueira, Jana Magalhães, Julia Lima,

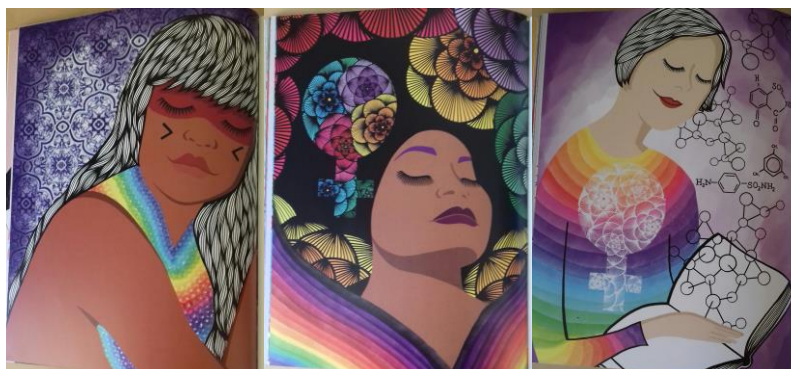
Juliana Fiorense, Juliana Rabelo, Laura Athayde, Manu Bezerra, Mariana Cagnin, Mônica Crema, Rafamon, Sandra Jávera e Sirlanney.

A sequência em que as biografias são organizadas promove a intercalação do trabalho das artistas, ou seja, não há duas ilustrações da mesma autoria seguidas. Assim, a cada virar de página, uma ilustração, com identidade, técnica e beleza peculiares, apresenta-se ao pequeno leitor. Com o passar da leitura, novas formas de expressão artística ocupam a página par até que, em um dado momento, é possível perceber semelhanças entre determinados retratos.

A personalidade dos desenhos e o uso das mesmas técnicas de trabalho por cada ilustradora tornam possível a identificação de sua singularidade. Mônica Crema, por exemplo, tem como característica marcante nas figuras humanas o destaque de um olho fechado com longos cílios enquanto o outro é omitido (**Figs. 89, 90 e 91**). Rafamon, por sua vez, desenvolve uma arte em que a explosão de cores e o uso de grafismos a identificam (**Figs. 92, 93 e 94**). Já Juliana Fiorense traz a delicadeza dos desenhos em grafite e nanquim em que os cabelos das meninas-mulheres figuram quase como personagens (**Figs. 95, 96 e 97**).



Figuras 89, 90 e 91 – Ilustrações de Mônica Crema



Figuras 92, 93 e 94 – Ilustrações de Rafamon



Figuras 95, 96 e 97 – Ilustrações de Juliana Fiorense

Juliana Rabelo descreve em seu *site* o processo criativo para ilustrar Ada Rogato e Carmen Miranda (Figs. 98 e 99):

Foi um longo trabalho de pesquisa, especialmente para a ilustração da Ada Rogato, que não é tão conhecida assim. Nas duas criações, busquei manter o semblante de sonhadora que as duas personagens tinham em comum e, para cada uma delas, uma composição que conversasse e brincasse com seus principais feitos ou características. O adorno na cabeça da Carmem Miranda, que ocupa quase metade da folha e, estando na zona leve da composição, faz esse diálogo com os sonhos – de ser cantora e dançarina, enquanto na parte de baixo, ela se cobre de acessórios coloridos. Para a primeira mulher a pilotar um planador, essa ideia de um passarinho pequeno que acaba virando um avião sob seu controle, sobrevoando um céu imenso em rodopios e movimentos fluidos.²¹



Figuras 98 e 99 – Originais de Carmen Miranda e Ada Rogato por Juliana Rabelo

Desse modo, a coletânea, ao colocar 16 mulheres para ilustrar 50 mulheres, permite várias análises. Desde a perspectiva do mercado editorial, tem-se um posicionamento explícito de confecção de obra inteiramente realizada por mulheres, como é bastante claro nas páginas de crédito. Em relação especificamente às ilustradoras, há uma seleção cuidadosa de nomes que representam, não só em número, mas, sobretudo, qualitativamente, uma cultura ilustrativa/visual rica, diversificada, plural. A obra realiza, no plano imagético, uma

²¹ Disponível em <https://www.julianarabelo.com/portfolio/brasileiras-incriveis/>

democratização e um resgate do trabalho feminino no âmbito editorial que, em muitos casos, fica nos bastidores.

Da visão leitora, tem-se a possibilidade de acesso a modos diversos de representação visual, a um mosaico de retratos que remetem para 16 artistas diferentes, o que pode suscitar no público infantojuvenil o gosto pela expressão artística, o exercício da interpretação estética, a percepção de traços autorais numa imagem... Se, por um lado, abre-se com a coletânea um acesso a uma cultura ilustrativa múltipla, por outro, abre-se, também, a possibilidade de identificação, do gostar ou não de determinado produto artístico, de perceber diferenças e semelhanças entre trabalhos distintos, de atentar para enfoques variados e seus efeitos, de mergulhar numa imensidão de cores e traços que resultam tão diversamente. Em suma, ao democratizarem-se as imagens, democratiza-se também o olhar.

1.3. Texto

Débora Thomé é a autora de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*. Com formação em Ciências Políticas e Jornalismo, dedica-se aos estudos sobre a mulher e a ocupação de lugares de poder e assina os livros acadêmicos intitulados *O bolsa-família e a social-democracia* (2013) e *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores* (2018), ambos pela FGV Editora, e o infantil *Minha amiga Mila* (2016), editado pela Autografia. Também acumula experiência como editora de biografias na editora Sextante.

A coletânea em análise contém uma introdução que se dirige às leitoras e aos leitores, considerando o público-alvo infantojuvenil como um todo, e não somente as meninas. Neste texto introdutório, a autora enfatiza a elaboração coletiva feminina, os inúmeros estudos para a seleção das biografadas e a explicação para as páginas a serem completadas pelas histórias das heroínas do leitor. Em seguida, após o sumário, começam a ser apresentadas as biografias.

Entre muitas pesquisas e «uma pitadinha de imaginação», a construção textual, segundo a autora, teve alguns cuidados para estabelecer uma relação equilibrada entre a informação e a ludicidade:

Pensei muito no que a Débora criança gostaria de ler e tenho clareza de que a vida não é feita só de belezas. A gente conta a história de mulheres que foram escravizadas. Ao mesmo tempo, uso muitas referências do universo infantil em

detalhes e imagens. Por exemplo: a Aracy de Carvalho, que ajudou um número enorme de judeus a fugir da Alemanha nazista, é tratada como uma espécie de fada madrinha. A Carlota, primeira deputada federal mulher do Brasil, usava um chapeuzinho branco no mar de chapéus negros dos colegas homens. De Elis Regina, falo que seu canto era mágico.²²

Nesse sentido, no espaço de uma página por biografia, a autora desenvolve os textos biográficos como pequenos contos, em que, sempre que possível, busca uma linguagem abrandada para tratar de temas fraturantes, como a triste sina de Zuzu Angel com o filho morto pela ditadura militar brasileira, o trabalho de salvar pessoas do nazismo realizado por Aracy de Carvalho, a miséria e violência sofridas por Elza Soares. Uma exceção chama atenção nas biografias, a de Cecília Meireles, em que o formato textual é alterado, e a trajetória de vida da poetisa é contada em forma de poema.

1.4. Análise social

Prosseguindo com os critérios utilizados para analisar as obras portuguesas, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* também teve as mulheres escolhidas examinadas em relação ao período histórico em que viveram/vivem, área de conhecimento em que atuaram, localidade em que nasceram e morreram (quando já ocorreu), origem econômica e origem étnica (**Anexo 2**) com vista a desenhar-se o grau de representatividade que as histórias selecionadas contêm no tocante à constituição da sociedade brasileira.

O *período histórico* que as biografias abarcam se estende do século XVI, com a história emblemática da índia Paraguaçu, que se casa com o conquistador português Diogo Álvares e funda igrejas em Salvador, ao momento atual, tendo a trajetória de vida de nove mulheres contemporâneas contadas. Considerando os 500 anos de História documentada do Brasil, a obra retrata, não de maneira uniforme, todo o intervalo temporal possível de ser resgatado por meio de pesquisas nas mais variadas fontes.

Identifica-se, ademais, uma concentração de histórias que se desenrolam a partir do século XIX até os dias de hoje, somando 44 das 50 biografias coletadas, com predominância do século XX, no qual 23 das histórias acontecem. Os séculos anteriores recebem uma ou duas representantes na coletânea. Assim como nas obras portuguesas estudadas, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* também se dedica maioritariamente

²² Disponível em <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/09/25/50-brasileiras-incriveis-para-conhecer-antes-de-crescer-de-debora-thome/>

aos períodos mais recentes da História, seja pela dificuldade pragmática de acesso e confirmação de dados mais antigos, seja pela escolha consciente e propositada de dar lugar e voz a trajetórias vividas mais recentemente. Dessa forma, o retrato temporal que se depreende da obra enfatiza biografias cujos contextos se mostram mais próximos no tempo em relação ao período corrente, onde seus desdobramentos ainda se fazem sentir nas condições, positivas ou negativas, da existência feminina brasileira.

Os âmbitos de *atuação* representados na coletânea são bastante variados. Há mulheres que se tornaram símbolos de diversas lutas políticas e sociais (revolucionária, sindicalista, defensora de direitos), algumas que se destacaram nos desportos (bailarina, jogadora de futebol, tenista, nadadora), outras que brilharam nas áreas científicas (psiquiatra, pediatra, farmacêutica, taxonomista, astrofísica, física, bióloga), umas que desafiaram os limites profissionais de gênero (aviadora, militar), tantas que se distinguiram nas artes (cantora, pintora, atriz, poetisa, pianista, compositora, ilustradora, artista plástica, estilista), na política (deputada estadual, deputada federal, regente do Brasil-Império, presidente) e na religião (freira, fundadora de igreja, mãe de santo).

As expressões artísticas tiveram um pouco mais de representação em relação aos outros campos de atuação, no entanto, a obra consegue ser bastante diversificada e abrangente neste quesito e as artes, de modo geral, e considerando o percurso histórico profissional das mulheres, tanto no Brasil como em Portugal, constituem uma porta entreaberta pela qual as mulheres puderam aceder ao universo do trabalho não doméstico, mesmo quando o intuito primeiro da educação artística fosse preparar as jovens para serem boas donas de casa, esposas e mães.

Em um país de dimensões continentais, como é o Brasil, abranger de forma significativa e representativa suas *regiões* e, conseqüentemente, suas tão distintas realidades se faz desafiador. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* busca histórias emblemáticas que falem da vida em diferentes localidades brasileiras, porém as biografias mostram que o sudeste do país, sobretudo o estado do Rio de Janeiro e sua capital (22 biografias), seguido pelo estado de São Paulo (9 biografias) e Minas Gerais (2 biografias), acaba por figurar mais que outras regiões, totalizando 33 das 50 histórias.

Essa prevalência quantitativa do sudeste brasileiro retrata uma realidade em que, por diversos fatores, estabeleceu a maior visibilidade de determinados lugares em detrimento

de outros. O Rio de Janeiro, por exemplo, historicamente, constituiu-se como polo administrativo, político e artístico do Brasil em tempos coloniais, especialmente em razão da chegada da família real portuguesa, e, até hoje, é uma das cidades brasileiras mais importantes e com mais oportunidades artísticas. A capital de São Paulo, por sua vez, como a maior cidade do país e a sede de grandes empresas, acaba por ser a localidade onde as pessoas mais procuram oportunidades profissionais, transformando-se em um dos destinos preferenciais das migrações oriundas do interior e de regiões mais pobres do país.

O nordeste brasileiro também tem considerável participação na obra, com nove mulheres retratadas, sendo cinco dessas trajetórias vividas na Bahia. A presença relevante dessa região se justifica pelas questões históricas da chegada do português ao Brasil, como na história de Paraguaçu, e também por ter se tornado uma região muito pobre e com graves problemas de desenvolvimento, sendo, portanto, um espaço social onde o ativismo se faz forte, as lutas e as reivindicações por direitos se fazem constantes e, assim, sobressaem figuras femininas representativas, como exemplifica a vida de luta pela causa camponesa e o destino trágico de Margarida Maria Alves.

No tocante à *origem econômica*, a obra traz 6 mulheres provenientes de uma condição muito privilegiada, 17 personagens oriundas das camadas mais pobres da sociedade brasileira e 27 biografias, ou seja, a maior parte, de mulheres cuja situação material no início da vida era mediana. Ao analisar esse aspecto da vida das biografadas, objetiva-se compreender a relação entre a realidade financeira e as possibilidades que se abrem ou se fecham a essas existências.

Como já detalhado nas obras portuguesas, a situação econômica acaba por ser um fator determinante de inclusão ou exclusão de oportunidades em muitas esferas da vida humana. Em relação ao Brasil, especificamente, este quesito se coloca, antes, como fator de promoção ou impedimento de acesso a direitos básicos aos cidadãos. Nesse sentido, um episódio ocorrido com Elza Soares, ao se apresentar pela primeira vez em um programa de música, se tornou simbólico dos extremos de necessidade por que passam as camadas mais pobres do país:

A pobreza era tanta que perdeu muito cedo dois filhos e o marido, porque ficaram doentes e faltava dinheiro para comprar os remédios. Ainda adolescente foi trabalhar numa fábrica de sabão, mas o salário era pouco.

Para que isso não acontecesse mais, Elza decidiu soltar o vozeirão. Foi para a rádio cantar e tentar uns trocados. Quando chegou, o apresentador, caçoando da sua roupa simples, perguntou:

«Minha filha, mas de que planeta você vem?»

E Elza respondeu:

«Venho do planeta fome.» (Thomé, 2017, p. 87)

Abrir espaço a essas trajetórias é resgatar uma História, ao mesmo tempo antiga e recorrente, de opressão e exclusão sociais que passa, indubitavelmente, pelo poderio econômico e pela desigualdade na distribuição da renda. Dessa forma, retratar a luta de mulheres por direitos que contribuam para a vida mais digna das gerações futuras, como a da empregada doméstica Laudelina de Campos Melo, que defendeu o reconhecimento dos direitos trabalhistas da sua categoria, ou da já citada Margarida Maria Alves, que liderou o movimento camponês em seu estado nas reivindicações de direitos trabalhistas no campo, é uma reparação simbólica desses nomes e de suas contribuições para a melhoria, ainda que lenta e cheia de retrocessos, das condições sociais e econômicas das camadas mais carentes da população brasileira.

Ao público-leitor, essa representatividade pode contribuir no sentido de suscitar a consciência para o modo como a sociedade no Brasil se estrutura, de promover o senso crítico diante dessa realidade, de questionar o *status quo* do seu contexto de vivências, de inspirar uma conduta pautada pela solidariedade e pela justiça, de causar identificação juntos dos jovens menos favorecidos e reconhecimento junto dos mais abastados.

Por fim, mas não menos importante na constituição da sociedade brasileira, identificam-se na escolha das mulheres biografadas, em termos de *origem étnica*, 1 representante indígena, 13 negras e 36 brancas. Tendo em conta a miscigenação que está na base do que se conhece como população brasileira, com os indígenas originários do território, os brancos portugueses e os africanos escravizados levados para o Brasil-colônia, a diversidade da obra recai, sobretudo, sobre os povos branco e negro.

A presença de uma índia parece ter o papel de representar todo o seu povo, o que é compreensível pela dificuldade de reconstituir várias biografias desse grupo devido à escassez de documentação histórica detalhada ao nível individual sobre ele. As mulheres brancas, como é de se esperar, apresentam maior número de participantes na coletânea. Tal fato se liga, incontornavelmente, ao aspecto econômico analisado. A formação histórica do

Brasil se dá com base no privilégio da população branca que vai se estabelecendo durante os primeiros séculos após a chegada dos portugueses e prevalece até a atualidade. São as mulheres provenientes dessa parte da sociedade que conseguem mais facilmente romper algumas das barreiras impostas ao seu gênero para realizarem seus desejos e projetos. A população negra, por sua vez, com um terço da representação em relação às mulheres brancas, mostra a presença robusta da origem africana na vida e sociedade brasileiras, seja no período escravocrata, seja na contemporaneidade.

Apesar de passível de questionamento quanto ao equilíbrio na representatividade desses dois últimos grupos, a participação de biografias de mulheres negras carrega uma força e um resgate de uma História que desde sua origem se constituiu de forma extremamente violenta e opressora. Em conjugação com o fator econômico, identifica-se que 11 das 13 trajetórias de mulheres negras têm relação com as camadas mais pobres da sociedade, ou seja, a coletânea reflete uma realidade social, econômica e étnica que se cruza indissociavelmente no contexto brasileiro.

2. EXTRAORDINÁRIAS

A obra *Extraordinárias* é de autoria compartilhada por Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, com ilustração de 9 artistas brasileiras, e foi publicada em novembro de 2017 (1.^a edição) pela Seguinte, selo jovem da Companhia das Letras. A Companhia das Letras é a maior editora brasileira e se organiza atualmente em 16²³ selos nos mais diversos segmentos da edição. Em 2011, passou a dividir a sociedade do negócio com a Penguin, que, em 2013, por sua vez, uniu-se à Random House, criando o maior grupo editorial do mundo.

A Seguinte, especificamente, apresenta em seu catálogo uma gama de romances de aventura, tradução de *best-sellers* de literatura *light* e alguns títulos que mostram a inserção da chancela nos temas feministas com tratamento voltado ao público juvenil. Em 2015, o selo publicou a tradução da autobiografia de Malala Yousafzai. Em 2015 e 2016, respectivamente, editou *Capitolina – O poder das garotas* e *Capitolina – O mundo é das garotas*, duas coletâneas, completamente elaboradas por brasileiras, de artigos com linguagem leve e descomplicada sobre as mais diversas questões psicológicas, físicas e

²³ Conforme *site* da editora, disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/sobre.php>

sociais que atravessam o universo das mulheres. Em 2019, lançou a tradução da banda desenhada *Mulheres na Luta – 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade*²⁴. É nesse contexto editorial que se publica a obra em estudo.

2.1. Características gerais/formais

Com dimensões de 25 x 20 cm e formato do tipo brochura, *Extraordinárias* apresenta capa, lombada, contracapa e badanas com tratamento do papel bastante diferenciado (**Fig. 100**). O fundo é de um prateado brilhante que se assemelha a um espelho. À luz, o papel reflete um colorido vibrante. Na capa, sobre esse fundo, há oito contornos de cabeças femininas, mas sem os rostos identificados. Com cabelos coloridos e de diferentes tipos, essas imagens podem ser interpretadas como a representação da diversidade de mulheres de que o livro trata. O título e o subtítulo²⁵, *Mulheres que revolucionaram o Brasil*, aparecem entre as ilustrações em preto. A lombada, como nos demais livros examinados, contém autoria, título e logotipo da editora. A contracapa traz quatro depoimentos que enaltecem a obra, de mulheres contemporâneas reconhecidas no Brasil pelo seu ativismo. A badana inicial inclui o texto-chamariz da obra (**Fig. 101**) e a badana final contém uma fotografia das autoras, seus respectivos minicurrículos e um marca página da obra a ser recortado (**Fig. 102**).

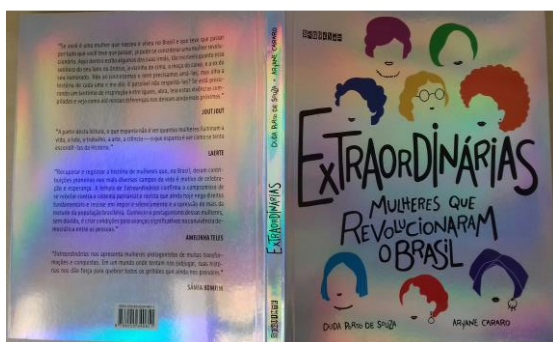


Figura 100 – Contracapa, lombada e capa



Figura 101 – Badana inicial e falsa folha de rosto

²⁴ A obra original, publicada pela editora norueguesa Cappelen Damm, recebeu menção especial na categoria não ficção do BolognaRagazzi Award, da Feira do Livro de Bologna 2019. A autoria é de Marta Breen e as ilustrações de Jenny Jordahl.

²⁵ Apesar de ser facilmente percebido como um título único – *Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil* –, a ficha técnica e a lombada (apenas com *Extraordinárias*) faz essa distinção entre título e subtítulo.

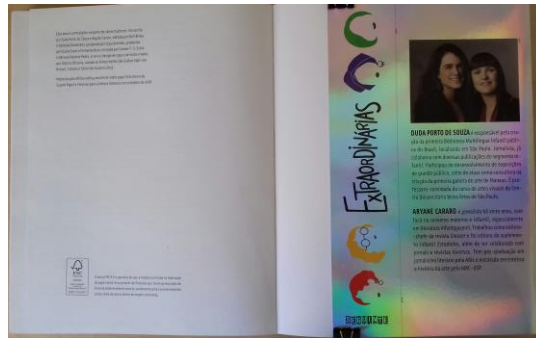


Figura 102 – Colofão e badana final

Internamente, surgem falsa folha de rosto e folha de rosto, ficha técnica, dedicatória, sumário (Fig. 103), apresentação, as biografias das brasileiras por ordem cronológica de nascimento, uma seção dedicada às abrigadas, uma linha do tempo dos acontecimentos marcantes da vida das mulheres no Brasil desde o século XVI à atualidade (Fig. 104), um glossário, uma lista de referências consultadas para cada personagem (Fig. 105), agradecimentos, um currículo das autoras (mais detalhado do que os da badana final) e das ilustradoras (Fig. 106) e, finalmente, o colofão.



Figura 103 – Sumário

Figura 104 – Linha do tempo

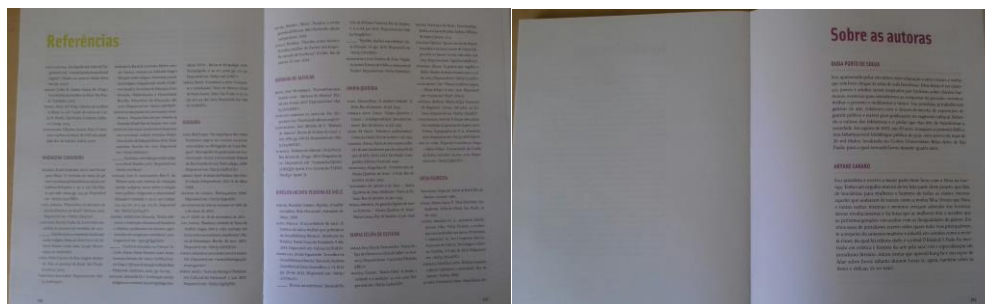


Figura 105 – Referências por biografia

Figura 106 – Apresentação das ilustradoras

Extraordinárias compila 40 histórias de brasileiras e 5 trajetórias²⁶ de abasileiradas que tiveram relevância de transformação nos mais diversos âmbitos de atuação na realidade brasileira²⁷. Com uma estrutura em que cada duas duplas páginas (quatro páginas) são dedicadas a uma personagem no caso das brasileiras de nascença (uma única página é oferecida às mulheres escolhidas para compor a representação daquelas que tiveram parte de suas vidas em terras brasileiras), o texto inicia na página par, a ilustração ocupa a página ímpar da primeira dupla página, e a palavra é retomada na segunda dupla página.

2.2. Ilustração

A componente visual de *Extraordinárias* é formada pelo trabalho de nove ilustradoras brasileiras, tendo a obra sido finalista no eixo Livro, categoria Ilustração, no Prêmio Jabuti 2018. Ilustram a obra: Adriana Komura, Bárbara Malagoni, Bruna de Assis Brasil, Helena Cintra, Joana Lira, Laura Athayde, Lole, Veridiana Scarpelli e Yara Kono. Cada uma dessas artistas ficou responsável pelo elemento imagético de quatro a seis biografias.

As ilustradoras apresentam trabalhos gráficos completamente singulares. Apesar de haver os créditos de autoria na primeira página de cada biografia, as características que distinguem as diferentes artistas saltam aos olhos e é facilmente identificável que se trata de interpretações visuais próprias para cada história. No movimento de leitura, as ilustrações com suas diferentes técnicas, cores, traços vão contando no nível imagético a diversidade de trajetórias que a obra encerra. Houve, nesse sentido, um cuidado para que as ilustradoras desenhassem e pintassem as figuras femininas em ordem que não ficassem em sequência o trabalho artístico de cada uma²⁸. Ao mosaico de histórias verbais corresponde um mosaico de modos de representação estética.

Relativamente à singularidade que se delineia do trabalho das artistas, pode perceber-se como os diferentes modos de arte, ao mesmo tempo que contribuem para uma diversidade visual, em conjunto formam um retrato de marcas autorais. Lole (**Figs. 107, 108, 109 e**

²⁶ Assim como se fez para as páginas «coletivas» de *Portuguesas extraordinárias*, os nomes contidos na seção Abasileiradas não foram utilizados na análise social por não terem a força representativa das biografias de cada duas duplas páginas, gerando desigualdade na análise comparativa desta dissertação.

²⁷ A análise realizada nesta dissertação é referente à segunda edição da obra, publicada em 2018. Em relação à primeira edição, de 2017, verificou-se a inclusão de Olga Benario Prestes nas Abasileiradas e a substituição da biografia de Maria da Penha pela de Djamilia Ribeiro.

²⁸ A exceção se dá nas biografias de Dinalva Oliveira Teixeira e Marinalda Dantas, ambas com ilustrações de Bruna de Assis Brasil, que aparecem seguidas pelo critério de ordem cronológica de data de nascimento.

110), por exemplo, com seus desenhos aquarelados e as figuras humanas com bochechas coloridas; Bárbara Malagoni, com composições, formas, texturas e cores fortes (Figs. 111, 112, 113 e 114); Joana Lira, com a presença da cultura popular brasileira, mais especificamente recifense, numa produção que prestigia as formas geométricas e cores vibrantes (Figs. 115, 116, 117 e 118), como todas as outras, fazem das biografias que lhes cabem a expressão de suas singularidades e belezas enquanto ilustradoras.



Figuras 107, 108, 109 e 110 – Ilustrações de Lole



Figuras 111, 112, 113 e 114 – Ilustrações de Bárbara Malagoni



Figuras 115, 116, 117 e 118 – Ilustrações de Joana Lira

2.3. Texto

Diferentemente das demais obras analisadas no *corpus*, o texto de *Extraordinárias* é de autoria compartilhada entre Duda Porto de Souza e Aryane Cararo. Aryane Cararo tem formação em Jornalismo, Estética e História da Arte e experiência como editora de revista e jornal no âmbito temático infantil, tendo-se especializado na produção de matérias sobre literatura infantojuvenil. Duda Porto de Souza, também jornalista, é professora no curso de Artes Visuais, colabora na organização de eventos artísticos e culturais e se tornou a responsável pela primeira biblioteca pública infantojuvenil multilíngue do Brasil.

Na construção textual da obra, percebe-se duas preocupações principais das autoras: informar os acontecimentos históricos com profundidade de pesquisa e elaborar as biografias com uma linguagem mais informal e acessível. O resultado é um equilíbrio entre a exatidão do dado histórico e a atmosfera atraente e imersiva que se cria, para o leitor, com a linguagem e a seleção das informações, como explica Aryane Cararo:

A maior parte do tempo foi dedicada às pesquisas. Eu não sossego enquanto não tenho todos os detalhes, porque acho que eles fazem a história ficar mais saborosa. Não me basta saber que Anita Garibaldi, por exemplo, fugiu pela floresta com o filho pequeno. Eu queria saber, e contar, que ela fugiu para a mata, de camisola, montada em um cavalo, com o filho de 12 dias nos braços, em plena recuperação do parto, com todas as dificuldades inerentes de ter um bebê minúsculo e passar quatro dias no meio da floresta. Isso tudo me dá uma dimensão mais humana e fantástica de quem foi essa mulher. E assim foi com cada uma de nossas protagonistas.²⁹

O elemento textual de *Extraordinárias* é consideravelmente mais extenso e denso do que o das obras em cotejamento. Há uma escolha editorial e autoral pelo espaço mais estendido em favor de um maior detalhamento das biografias e da relação entre as vidas individuais e seu contexto histórico e social mais alargado. Além das informações que extrapolam as trajetórias, mas que se ligam a elas inseridas em textos destacados nas duplas páginas, há diversos termos grifados ao longo das biografias que remetem para o glossário, citações das biografadas, indicações de materiais (livros, filmes, reportagens) para se conhecer melhor cada história.

²⁹ Disponível em <http://ociclorama.com/entrevista-aryane-cararo/>

2.4. Análise social

Dando continuidade ao estudo da obra, fez-se a análise social segundo os critérios estabelecidos para todo o *corpus*: período histórico em que viveram/vivem, âmbito de atuação, região do país em que desenvolveram suas vidas, origem econômica e origem étnica (**Anexo 2**). Na escolha das histórias a serem contadas, foram analisados cerca de 300 nomes³⁰ para se chegar aos 45³¹ que figuram na obra. As autoras levaram em conta, para essa seleção, histórias, conforme a Introdução, que representassem diferentes períodos da vida brasileira, que se desenrolassem em lugares variados do país e abrangessem áreas de conhecimento diversas. Ademais, houve uma preocupação em não retratar somente trajetórias mais conhecidas do público em geral, buscando nomes que não tiveram reconhecimento significativo da relevância de suas atuações.

Com a ordenação das biografias por meio da data de nascimento das mulheres, *Extraordinárias* retrata vidas desde o século XVI aos tempos atuais. O *período histórico* abarca todos os séculos de vida brasileira documentada, porém a maioria significativa de histórias se desenrolam a partir do século XIX, somando 35 das 40 biografias apresentadas. Os séculos XIX-XX têm 11 representantes enquanto os séculos XX-XXI ficam com 24 das biografias. Os séculos XVI e XVII ganham 1 história cada um e no século XVIII acontecem 3 trajetórias de vida.

A obra inicia com a biografia de Madalena Caramuru, índia tupinambá, representando as primeiras mulheres em solo brasileiro, passa pelos séculos seguintes, e chega às representantes da contemporaneidade, nascidas na segunda metade do século XX, que se destacam em relevância e qualidade em suas profissões em diversos âmbitos. Em consonância com as demais obras, *Extraordinárias* também se direciona para histórias mais recentes. As hipóteses consideradas para essa escolha editorial e autoral em relação ao restante do *corpus* permanecem neste caso: dificuldade de localizar e confirmar informações e decisão intencionada de focar trajetórias de vidas mais próximas temporalmente do momento em que vivemos. Mais uma vez, essa seleção temporal acaba por enfatizar existências que guardam relação mais perceptível com a realidade atual, ou seja, cujo contexto é resgatado mais facilmente pela memória coletiva ou pelos registros

³⁰ Disponível em <http://ociclorama.com/entrevista-aryane-cararo/>

³¹ Do total, foram analisados os 40 nomes contidos nas duas duplas páginas.

documentais e cujos desdobramentos se fazem sentir mais fortemente nas condições de vida, sobretudo das mulheres, na conjuntura contemporânea brasileira.

As *atuações* que a obra retrata se distribuem pelas mais variadas áreas de exercício profissional e ativismo social. Com várias e robustas presenças de mulheres que se distinguiram pela luta nas mais diferentes searas de reivindicações (direitos indígenas, direitos dos negros, direitos trabalhistas no campo, direitos trabalhistas das empregadas domésticas, direitos dos deficientes visuais, direitos humanos dos transgêneros, direitos das mulheres), a coletânea traz também representantes da gestão (administradora do Quilombo dos Palmares, gestora de patrimônio), das artes (escritora, pintora, caricaturista, ilustradora, atriz, estilista, cantora), das ciências (taxonomista de plantas, arqueóloga, geóloga), dos cuidados (enfermeira, médica, terapeuta ocupacional, psiquiatra), das lideranças políticas (regente do Brasil-Império, deputada estadual), entre outras.

O maior número de histórias recai sobre mulheres que se destacaram nas artes e na defesa de direitos que contribuíram e contribuem para a melhoria das condições de vida da população mais carente. A análise da atuação dessas mulheres demonstra relação direta com a origem étnica e com a conformação histórica que se dá devido à miscigenação das três etnias que estão na base da sociedade brasileira. Se a obra se inicia com uma índia, no século XVI, e com uma negra escravizada, no século XVII, recebe, na contemporaneidade, o ativismo indígena de Sônia Guajajara e o trabalho de combate às novas formas de escravidão de Marinalva Dantas. Os desdobramentos dos acontecimentos dos séculos iniciais do Brasil-colônia mostram suas novas facetas. Mudanças e avanços foram conquistados nesses 500 anos, mas o conjunto da obra delinea o caminho que ainda há a percorrer na busca de melhores condições de vida, de respeito pelas minorias, de conquista de direitos por aqueles que ainda não atingiram condições básicas necessárias à dignidade humana e ao acesso a oportunidades mais promissoras para as suas vidas.

A pluralidade de lugares onde se desenrolaram as vidas em *Extraordinárias* se mostra presente, apesar de não haver representantes de todas as *regiões*. A região sudeste, como em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, lidera o número de biografias na coletânea, com 23 das 40 personagens, sendo 13 do estado do Rio de Janeiro, 9 do estado de São Paulo, sobretudo as capitais, e 1 do estado de Minas Gerais. Em segundo lugar, a representação majoritária fica com a região nordeste, que tem 6 estados como

ambientação das histórias, principalmente Bahia e Alagoas, somando 13 biografias. Completando o mosaico espacial, 4 trajetórias de vida ocorrem no sul do país, nos estados de Santa Catarina e Paraná. A recorrência do sudeste e nordeste se dá, como já detalhado na obra anterior, pela relevância histórica, cultural e empresarial que a primeira região detém e pelo forte cariz combatente que se fez necessário na segunda região.

Tendo isso em vista, se, por um lado, a história que se torna comum, recorrente, contada e recontada é uma versão *da* História que se toma como *a* História (da mesma forma que a História que prioriza as figuras masculinas), por outro lado, as histórias individuais são incalculáveis e inviáveis de serem todos os tipos representados. O que diferencia a democratização da narrativa coletiva de um olhar de alcance reduzido é o descortinar de possibilidades, é o colorido que se forma na diferença, é a multiplicidade de caminhos, independentemente de uma exatidão equitativa, seja no critério espacial, seja em qualquer outro. Um ângulo de observação que permita uma visão mais abrangente já simboliza um avanço em direção a um olhar mais fraterno e tolerante às diferenças e um afastamento do olhar limitado e pautado na nossa existência e na nossa vivência em que muitas vezes o outro se torna invisível.

Nesse processo de ampliação dos modos de olhar, a *origem econômica* das personagens escolhidas tem sua relevante contribuição. *Extraordinárias* retrata, no conjunto das 40 biografadas, 4 mulheres provenientes de situação econômica muito confortável e 13 figuram entre as camadas mais pobres da sociedade brasileira. Entre esses extremos, surgem as histórias de 23 das biografias, em que há variação das condições materiais, mas sem ser a situação no início da vida uma grande facilidade ou um enorme entrave à consecução de objetivos individuais. Este quesito, conscientemente, carrega uma complexidade que seria inviável tentar detalhar exaustivamente neste estudo, que se estabelece em relação aos demais critérios, como o temporal e espacial.

Por mais que a situação de grande parte da população brasileira seja aquém do desejado em termos de condições materiais que contribuam para o acesso às benesses de uma boa trajetória escolar, de um salutar ambiente familiar e doméstico, de expectativas de futuro que possam, de fato, ser realizadas, alguns avanços importantes podem ser salientados em políticas públicas que tiveram lugar no início do século XXI no Brasil. Melhorias de vida dos mais pobres, acesso ao ensino superior, criação de universidades em cidades

interioranas, dentre outras iniciativas, colaboraram para que a primeira geração beneficiária dessas mudanças pudesse se movimentar economicamente e aceder a oportunidades antes encerradas aos que enfrentam a realidade mais dura no país. Nesse sentido, há que se reconhecer que a situação econômica, de maneira geral, melhorou e que novas portas foram abertas (muitas delas empurradas) pelas camadas sociais menos privilegiadas, por meio, substancialmente, das oportunidades advindas do sucesso escolar. No entanto, devido a vários fatores, dentre eles as dimensões continentais do país e sua população com mais de 200 milhões de pessoas, mudanças sociais são lentas, desiguais e muito facilmente passíveis de retrocessos.

Por isso, a presença de histórias de mulheres que defenderam causas humanitárias, que lutaram pela diminuição das desigualdades, que levantaram bandeiras pelos direitos dos mais enfraquecidos economicamente se tornam tão relevantes no contexto brasileiro. As cinco mulheres mais novas retratadas na coletânea são todas elas provenientes de camadas mais pobres da sociedade, cada uma delas com uma luta emblemática diferente, mas igualmente importante. Marinalva Dantas, com sua incalculável contribuição para o combate ao trabalho análogo ao escravo, Indianara Siqueira, com sua luta contra o preconceito e pelo reconhecimento de direitos dos transgêneros, Sônia Guajajara, com sua liderança do movimento indígena atual, Djamila Ribeiro, com seu estudo e promoção do feminismo negro e suas questões, e Marta Vieira, com o melhor futebol brasileiro de todos os tempos, entre homens e mulheres. Tão diversas nos tipos e âmbitos de atuação, mas semelhantes nas dificuldades que enfrentaram e enfrentam diariamente, não só por serem mulheres, mas também por terem que transpor a barreira econômica, que conjuntamente, no início de suas vidas, mostraram-se verdadeiras muralhas muito difíceis de derrubar.

Essas histórias de superação diante das adversidades são exemplificativas para o leitor. Podem gerar tanto identificação e, por conseguinte, motivação e inspiração, como podem servir de tomada de consciência diante de realidades que, não sendo próximas à sua, são as realidades do outro e, portanto, merecedoras, como quaisquer outras, de respeito e consideração. A todos os leitores, a pluralidade de histórias de mulheres vindas de origens econômicas distintas reflete a construção social do Brasil e sua divisão desigual de privilégios e oportunidades e deixa em aberto o modo como essas novas gerações irão conduzir a sociedade rumo a maior ou menor igualdade de direitos e condições de vida.

Quando se adiciona a *origem étnica* ao exame da sociedade que se depreende da seleção de personagens a figurar na coletânea, percebe-se uma composição em que 2 mulheres indígenas, 11 negras e 27 brancas europeias são exaltadas. A obra inicia no século XVI com a biografia de Madalena Caramuru (indígena), seguida no século XVII por Dandara (negra) e no século XVIII por Bárbara de Alencar (branca portuguesa). Abrem-se, assim, ao leitor, os três iniciais e principais povos a constituir etnicamente a sociedade brasileira como se conhece hoje.

Nas biografias seguintes, conhecem-se várias histórias de mulheres brancas e negras, as quais, com toda certeza, já são filhas da miscigenação ocorrida no território brasileiro a partir do século XVI, mas cujos fenótipos, ou traços físicos percebidos externamente, que se sobressaem são características pertencentes ou aos brancos europeus ou aos negros africanos. E os atributos deste último grupo são tomados socialmente e constituem motivo de preconceito social, com consequentes dificuldades de convivência e enfrentamento de diversos problemas.

Nas derradeiras biografias, das brasileiras contemporâneas, retoma-se, entre outras histórias, a origem indígena com Sônia Guajajara e seu ativismo pelas causas do seu povo, fechando um ciclo de 500 anos de resistência étnica dos primeiros habitantes das terras brasileiras, e a origem africana com Djamilia Ribeiro e sua força intelectual e filosófica no feminismo brasileiro atual, mostrando que o combate ao preconceito e a todas as formas de violência social derivadas dele ainda está só no começo no Brasil:

Ela e os irmãos costumavam frequentar espaços culturais. «No teatro, ele [o pai] fazia a gente levantar e perguntava: ‘Quantos negros tem aqui? Só a gente. É por isso que eu quero que vocês estudem, para ter as oportunidades que eu não tive, porque esse país é racista.’ Hoje vejo o quanto isso foi importante.» A mãe dela, Erani, foi empregada doméstica e sofreu assédio sexual. Ela inspirou na filha um senso de justiça e a ensinou a não levar desaforo para casa. (...) Embora em casa tenha sido ensinada a ter orgulho de sua cor, ao entrar na escola tudo mudou. Os colegas a chamavam de «neguinha». Os meninos não queriam dançar com ela na festa junina e as meninas faziam roda para xingá-la.

Fora o que ela chama de racismo estrutural: não havia professores negros e a escola não combatia o preconceito, os personagens das histórias eram todos brancos – ou, quando eram negros, estavam associados à escravidão –, assim como as meninas das capas de revistas. Djamilia se retraiu, tentou modificar suas características, mergulhou na leitura. «Eu alisava o cabelo porque ele era visto como ruim, e a gente queria se adequar ao padrão. Demorou alguns anos para ressignificar o que era ser negra e me sentir bem na minha própria pele.» (Souza & Cararo, 2018, pp. 165-166)

3. 50 BRASILEIRAS INCRÍVEIS PARA CONHECER ANTES DE CRESCER VERSUS EXTRAORDINÁRIAS

As obras brasileiras selecionadas para representarem o formato «coletânea biográfica feminina infantojuvenil» apresentam diferenças e semelhanças no resultado editorial obtido para o mesmo ponto de partida de elaboração. Tendo o contexto brasileiro como ambientação espacial e a mesma temática, os livros desenvolvem de formas que ora os aproximam, ora os distanciam, uma compilação de narrativas biográficas ilustradas. As características que foram analisadas individualmente servem, neste momento, ao cotejamento entre as obras com vistas a estabelecer relações e conclusões sobre o tratamento dado à tendência editorial em estudo nestes produtos editoriais específicos produzidos no Brasil.

3.1. Características gerais/formais

Ambas as obras em exame são editadas por selos jovens de grandes conglomerados editoriais em atuação no Brasil. *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* pertence ao Grupo Editorial Record, sob a chancela Galera, e *Extraordinárias* faz parte do catálogo da Companhia das Letras, por meio da chancela Seguinte. Se a primeira editora é um dos maiores conglomerados editoriais da América Latina e com o maior catálogo no segmento dos não didáticos³², a segunda lidera o mercado brasileiro e conta, atualmente, com 16 selos diversos. Nesse macroambiente editorial, os selos Galera e Seguinte são responsáveis por uma gama variada de títulos e gêneros voltados ao público jovem, conforme o posicionamento de mercado de ambas, e as coletâneas analisadas figuram como as primeiras apostas desta tendência editorial pelas respectivas casas de edição.

Ademais, as obras compartilham outra característica relacionada ao mercado editorial: a altura do ano em que foram lançadas. *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* foi publicado em outubro de 2017 e *Extraordinárias* chegou às livrarias em novembro de 2017, em primeira edição, sendo, tradicionalmente o período mais propício, como já foi comentado em relação às obras portuguesas, ao arranque de vendas pela proximidade com as festas natalícias. Além disso, os dois livros estão em 2.^a edição, publicadas, desta vez, no fim de 2018. Apesar da dificuldade de acesso a dados quantitativos sobre vendas específicas de determinado livro e ausência da informação sobre a tiragem de cada edição na ficha técnica, nova edição em ano subsequente indica

³² Informações disponíveis em <http://www.record.com.br/grupoeditorial.asp>

uma positiva absorção pelo mercado das versões locais para o formato editorial em questão. Por fim, ambas as obras tiveram reconhecimento qualitativo do Prêmio Jabuti em 2018, sendo que *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* foi finalista no eixo Literatura, categoria Infantil e Juvenil; e *Extraordinárias* foi finalista no eixo Livro, categoria Ilustração.

Em relação ao objeto-livro, pode identificar-se que, apesar de algumas similitudes como o formato brochura e as dimensões relativamente aproximadas, as obras acabam por apresentar características muito diversas. Externamente, considerando capa, lombada, contracapa e badanas, percebe-se um tratamento diferenciado desses elementos, que, além de constituírem a proteção e a identificação da obra (miolo), são o chamariz, o primeiro contato visual do possível leitor com o livro. *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* traz uma composição visual, com a escolha cromática, os adornos ilustrativos, a tipografia, que remete mais ao âmbito infantojuvenil tipificado, com corações e flores, além da referência a objetos relacionados com profissões representadas pelas histórias biografadas, que ocupa as duas badanas. *Extraordinárias*, por sua vez, brinca com elementos lúdicos, como o efeito espelhado do fundo de capa e os cabelos coloridos das figuras femininas, mas carrega também algo de mais amadurecido, como se a obra estivesse num possível lugar de transição entre as obras infantojuvenis e as dedicadas aos jovens adultos. A contracapa e as badanas delineiam essa direção distinta. Enquanto uma joga com o lúdico e leve, a outra ocupa os mesmos espaços do objeto-livro com comentários/argumentos de autoridade (contracapa), texto-chamariz e minicurrículos (badanas), como é comum nos livros voltados para o público adulto.

Passando para o espaço interno dos livros, percebe-se que as diferenças se acentuam. *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* mantém a estrutura de dupla página que já foi vista em *Portuguesas com M grande* e *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes I e II*, em que o texto biográfico ocupa uma página e a ilustração ocupa a outra. Já *Extraordinárias* não quebra com essa estrutura, mas inova ao dedicar quatro páginas, ou duas duplas páginas, a cada nome biografado. Assim, o texto ganha muito mais espaço e as histórias podem ser desenvolvidas com mais riqueza de detalhes e mais contextualização histórica. O volume e a complexidade textual aumentam. Ademais, a primeira obra segue um padrão de texto biográfico típico, que mescla narração com descrição, enquanto a segunda apresenta um texto biográfico com cariz jornalístico, com presença de primeiro

parágrafo que se assemelha ao *lead* das matérias de jornal, de citações/falas das biografadas, de referência teórica e vocabular.

Ainda no elemento textual, não se pode deixar de mencionar que *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* é de autoria única, de Débora Thomé, ao passo que *Extraordinárias* tem sua construção textual a quatro mãos, de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo. Com quase 100 páginas a mais, a coletânea destas últimas autoras traz, para além dos elementos pré-textuais e pós-textuais básicos comuns às duas obras (falsa folha de rosto, folha de rosto, introdução, sumário, agradecimentos, créditos e colofão), uma complementação histórica significativa, com uma linha do tempo, um glossário e uma bibliografia consideráveis. A obra de Débora Thomé, por sua vez, utiliza o lúdico do universo infantojuvenil com as páginas reservadas ao pequeno leitor para que biografasse as suas próprias heroínas.

No tocante às ilustrações das biografias, as duas coletâneas adotam a participação de várias artistas mulheres na elaboração imagética das personagens. *50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* conta com 16 e *Extraordinárias* com 9 ilustradoras. Em relação à elaboração completa da obra como um produto editorial, pode concluir-se que ambas as coletâneas são manifestamente obras coletivas femininas, com todas as etapas e atividades que envolvem a confecção de um livro realizadas por profissionais mulheres, como é verificado nas páginas de créditos da obra de Débora Thomé e no colofão do livro de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo.

3.2. Ilustração

A componente visual das obras brasileiras em análise é partilhada entre diversas ilustradoras, como já referido. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* conta com 16 artistas a ilustrar 50 biografias, sendo reservadas a cada uma duas a quatro histórias. *Extraordinárias* tem o plano imagético elaborado por 9 ilustradoras, cada qual com quatro a seis trajetórias a ilustrar. Ambas as obras, portanto, aproximam-se neste aspecto. A multiplicidade de modos de representação visual colabora, nas duas obras, para o acesso do leitor a diferentes interpretações artísticas para a criação de um retrato que resume a vida de uma mulher no espaço de uma página.

Tanto a obra de Débora Thomé quanto a de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo têm o cuidado propositado de intercalar as ilustrações das artistas de modo a permitir, no movimento de passar as páginas, o encontro com diferentes formas estéticas de expressar as trajetórias contadas. A pluralidade de nomes responsáveis pelas ilustrações carrega também uma cultura visual rica e diversificada aos mais jovens: mostra traços, cores, técnicas, enfoques distintos e resultados igualmente singulares. Se é possível, como se pretendeu demonstrar nas análises individuais, perceber a identidade dos desenhos e pinturas a partir de um dado momento da leitura, em que as artistas voltam a aparecer em novas ilustrações, de novas biografias, também é facilitado, pelo confronto entre o novo, o diferente, o parecido e o reconhecível, aceder a produtos artísticos diversos, com os seus também distintos e singulares efeitos sobre o leitor que com as obras interage.

3.3. Texto

Como já abordado, a autoria textual das obras brasileiras se distingue pelo trabalho individual em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e pelo trabalho em dupla em *Extraordinárias*. O texto de Débora Thomé, inserido em uma página, mantém uma estrutura biográfica que se percebe frequente nas coletâneas biográficas femininas infantojuvenis. O texto de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo extrapola o espaço de uma página, ao lado da ilustração, e ocupa três páginas no conjunto de duas duplas páginas por biografia. Além da constatação da diferença de volume textual entre as obras, a componente verbal da primeira se assemelha a um pequeno conto enquanto a da segunda carrega elementos característicos dos textos jornalísticos. No primeiro caso, pode considerar-se como fio condutor da obra o *combate a violência contra a mulher* em suas diversas formas e, no segundo caso, a *força revolucionária das mulheres* retratadas.

No entanto, ambas as coletâneas, ao retratarem trajetórias de vida de mulheres relevantes no contexto histórico e social brasileiro, tratam de temas fraturantes que envolveram e envolvem o percurso biográfico dessas personagens e conseguem dosear muito adequadamente a descrição e a narração do fato histórico com detalhes e referências que tragam ao texto uma atmosfera que remeta ao universo infantojuvenil, quando possível, e mescle as fantásticas atuações dessas mulheres com a humanidade que há em cada existência particular.

Dessa forma, escapa-se da informação pura e simples e adentra-se num lugar em que o texto, sem desprezar a realidade dos fatos, traz ludicidade e uma atmosfera de imersão do leitor nas histórias. Considerando as diferenças já cotejadas entre as obras, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* apresenta, de modo geral, uma linguagem mais abrandada para tratar dos episódios de violência, por exemplo, enquanto *Extraordinárias* já inicia uma transição para os textos mais adultos e revela, por isso, mais detalhes de situações que não são usualmente apresentadas às crianças mais pequenas. Aqui, mais uma vez, o público-alvo principal se difere e, assim como nos outros fatores analisados, as obras caminham em direções distintas, apesar de partirem do mesmo formato de livro e pertencerem a uma mesma tendência editorial.

3.4. Análise social

Em seguimento às análises sociais realizadas para cada obra brasileira individualmente, foram utilizados os mesmos critérios para cotejar as coletâneas, ou seja, o período histórico em que viveram/vivem as mulheres biografadas, os campos de atuação em que exerceram sua influência, as localidades onde desenrolaram suas vidas, suas origens econômicas e suas origens étnicas, visando delinear a representatividade social que se depreende da composição de nomes selecionados na perspectiva comparativa.

O período histórico abarcado pelas biografias em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias* coincide, começando nas duas obras no século XVI, com uma personagem indígena e vai até os dias atuais, com mulheres importantes na contemporaneidade brasileira. Se a primeira coletânea seleciona a vida da índia Paraguaçu, que se casa com o português Diogo Álvares para representar o primeiro século de vida documentada em solo brasileiro, o segundo livro escolhe a vida de Madalena Caramuru para abrir a sequência de histórias, sendo esta filha do casal retratado no outro livro. É interessante observar como as obras locais conversam entre si, seja nos nomes selecionados que apresentam em comum, seja nas diferenças que dialogam entre si. Como a seleção de cada trajetória de vida implica a exclusão de outras tantas, os livros acabam por fazer, cada um a seu modo, uma contribuição válida para o resgate histórico da relevância feminina ao longo do tempo no Brasil.

Com 50 biografias na obra de Débora Thomé e 40 personagens femininas na coletânea de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, a seleção de nomes referentes a cada período

temporal se assemelha ao concentrar a maior parte das histórias a partir do século XIX até os dias atuais, sendo em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* 44 das 50 biografias, com especial predominância do século XX, com 23 personagens, e em *Extraordinárias* 35 das 40 biografias, sendo que 24 histórias se desenrolam entre os séculos XX-XXI. Os séculos anteriores recebem de 1 a 3 representantes nas coletâneas. As mulheres contemporâneas totalizam 9 biografias no primeiro livro e 5, na segunda obra. Dessa forma, as histórias cujo contexto histórico se dá entre os séculos XIX e XXI representam, igualmente, 88% do conjunto de cada obra.

A multiplicidade de campos de atuação se faz presente tanto em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* quanto em *Extraordinárias*. Uma das conclusões que interpretativamente se chega ao analisar as quatro obras do *corpus* é a diversidade de caminhos de exercício profissional que ao longo da História se abriram e, sobretudo, foram abertos pelas mulheres. Especificamente em relação às obras brasileiras, pode perceber-se que ambas conseguem criar um mosaico de atuações bastante variado e representativo, abarcando não somente profissões, mas também o ativismo social dessas personagens em defesa de direitos nos mais variados momentos da História e nas mais diversas realidades sociais do Brasil.

Os livros em análise compartilham 20 personagens em comum, o que representa 40% do conjunto de histórias de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e 50% de *Extraordinárias*, sendo que as atuações das mulheres que aparecem nas duas obras também se mostram diversificadas, incluindo artistas, desportistas, cientistas, ativistas, revolucionárias. Nesse sentido, quer na seleção de biografias que se distinguem, quer nas que se repetem, a amplitude e a abundância de modos de exercer diferentes funções e atividades se fazem presentes e descortinam a evolução de acesso feminino aos mais distintos campos de atuação e abrem precedente para que as novas gerações avancem ainda mais em caminho de uma igualdade de oportunidades e direitos no tocante às suas escolhas de como atuar no mundo.

As localidades onde viveram e vivem as mulheres biografadas criam um retrato espacial do qual pode depreender-se a prevalência das *regiões* sudeste e nordeste do país. Tendo em conta que cerca de metade das biografias de cada obra são da mesma personagem, logo a representação de diferentes espaços onde se desenrolam as narrativas acaba por ser a

mesma no mínimo para os nomes em comum. Quando se analisa as histórias que diferem e seus locais de acontecimento, no entanto, percebe-se que também para os casos distintos as mesmas regiões do Brasil são representadas: em primeiro lugar, figura o sudeste, com os estados de Rio de Janeiro e São Paulo em destaque, seguidos do nordeste, onde a Bahia é o estado que mais aparece. A análise social mostra, portanto, neste quesito espacial, o reflexo da constituição da visibilidade de determinadas localidades em detrimento de outras.

A liderança quantitativa do sudeste, tendo 33 das 50 histórias de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e 23 das 40 de *Extraordinárias* (o que significa 66% e 58% respectivamente), justifica-se pela relevância que a região adquiriu ao longo da constituição histórica do país. Rio de Janeiro se tornou um centro de desenvolvimento artístico, enquanto São Paulo, além de também ser um cenário importante nas artes, é a capital do Brasil em termos de oportunidades profissionais nos mais diversos âmbitos de atuação. O nordeste, por sua vez, ocupa a segunda posição em número de histórias nas coletâneas, computando 9 das 50 biografias de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e 13 das 40 de *Extraordinárias* (o que significa 18% e 33% respectivamente). Sendo a região de chegada dos portugueses ao solo brasileiro, foi durante os primeiros séculos da vida documentada do Brasil o ambiente onde muitos dos acontecimentos do período colonial tiveram lugar. Atualmente, a região é uma das mais pobres e problemáticas do país e, ao mesmo tempo, a localidade onde surgem forças desconuais de luta social, com muitas mulheres a liderar movimentos importantes para o desenvolvimento da região, como as coletâneas muito bem expressam ao escolherem várias mulheres nordestinas para contarem a História do Brasil através das suas histórias de vida emblemáticas.

Em relação à *origem econômica* das mulheres retratadas, ao se cotejar a divisão quantitativa das origens baixa, média e alta entre os nomes biografados e o resultado verificado em cada obra, chegou-se a uma conclusão similar nas duas coletâneas. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* apresenta entre as camadas mais ricas 6 nomes ou 12%, entre as camadas intermédias, 27 figuras ou 54%, e entre as camadas mais pobres, 17 personagens ou 34% da obra. *Extraordinárias* tem 4 ou 10% entre as mais privilegiadas economicamente, 23 ou 57% entre as intermediárias e 13 ou 33% entre os estratos mais carenciados da população. Dessa forma, identifica-se uma distribuição proporcionalmente semelhante ao conjunto total de personagens nos dois casos. A camada

mais alta figura com 12% ou 10%, a mediana, com 54% ou 57%, e a mais baixa, com 34% ou 33% nas respectivas obras. Assim sendo, considera-se que a representação econômica que se depreende da origem das personagens biografadas se equipara nos livros.

O mosaico econômico que se forma com a presença de mulheres provenientes de contextos materiais diferentes tem grande relevância quando se pensa na constituição da sociedade brasileira, em que as desigualdades sociais são gigantescas e os direitos e as oportunidades de acesso a bens básicos de sobrevivência passam inevitavelmente pelas condições econômicas individuais ou familiares. Assim, o acesso, a permanência e o êxito escolar, com sua conseqüente ampliação de caminhos a se abrirem, mostra-se uma segunda necessidade para muitas das crianças e jovens brasileiros.

É sabido que muitas melhorias foram conquistadas pelos mais pobres no início do século XXI no Brasil, com destaque ao acesso à educação superior para os filhos de pais com pouco ou nenhum estudo. Por outro lado, é visível também que há muito ainda por ser feito e que muitas conquistas precisam ser diligentemente mantidas pelos seus beneficiários. Nesse sentido, se há nas obras vários exemplos de ascensão social e consecução de objetivos e sonhos das classes intermédias da sociedade brasileira, seja em tempos mais remotos, seja na atualidade, há também exemplos fortes de lutas e superação de mulheres advindas de situações econômicas muito difíceis, mas que descobriram modos de ativamente buscarem as mudanças sociais que almejavam. Laudelina de Campos Melo, por exemplo, que figura nas duas obras, fez da sua profissão a força motriz para lutar pela conquista e reconhecimento dos direitos trabalhistas das empregadas domésticas. Marta Vieira, figura que também se repete, com seu talento para o futebol, fez do desporto sua possibilidade de mudança de vida e, hoje, é ferrenha defensora da igualdade de direitos, patrocínios e espaço para o futebol masculino e feminino.

Outros muitos exemplos surgem nas biografias, seja nomes em comum, seja nos que se diferenciam, e refletem a conformação social e seus desdobramentos na vida individual de cada pessoa ao mesmo tempo que ilustra com vidas reais a capacidade de mudança social que existe nas mãos de cada um. Nesse sentido, ao público leitor, as obras têm um cariz social significativamente importante para a descoberta dessas histórias que dialogam com contextos com que os jovens do Brasil muitas vezes estão familiarizados, sejam eles de que estrato social forem. Conhecer e reconhecer os privilégios e as carências sociais por meio

das trajetórias de vida selecionadas é uma contribuição e um passo relevantes na construção de uma sociedade futura menos desigual e mais sensível à situação do outro por meio das novas gerações.

Tendo em conta o painel que se desenhou, pelas biografias, da sociedade brasileira ao longo dos séculos, nas suas mais diversas localidades, com as mais diferentes ocupações e com as suas classes sociais representadas, chega-se ao *aspecto étnico*, que, de muito importante e indissociável dos outros na conjuntura brasileira, faz-se fundamental para uma análise social minimamente suficiente e adequada. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* traz uma composição étnica em que as mulheres brancas aparecem em 36, as negras, em 13, e as indígenas, em apenas 1 das biografias. *Extraordinárias*, por sua vez, apresenta 27 mulheres brancas, 11 negras e 2 indígenas. Em termos proporcionais, isso representa 72%, 26% e 2% da primeira obra e 68%, 27% e 5% da segunda coletânea, respectivamente.

Percebe-se, portanto, que, em valores proporcionais, as obras, mais uma vez, não se diferenciam substancialmente. No entanto, se se considerar a organização sequencial das biografias e o sentido que se pode interpretar dessa ordem numa análise temporal do conjunto, chega-se a uma diferença primordial identificada no cotejamento. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* apresenta uma ordenação aleatória das personagens, sendo que se vai e volta no tempo ao ler cada história. Já *Extraordinárias* segue a ordem cronológica de data de nascimento das biografadas e deixa ao leitor um retrato progressivo temporalmente do processo constitutivo da sociedade atual e, obviamente, das suas questões étnicas subjacentes.

Nesse sentido, através da organização das biografias, *Extraordinárias* expressa simbolicamente algumas questões que vale a pena retomar. Como foi dito na apreciação individual, esta obra abre a sequência de histórias com as três etnias fundantes da sociedade brasileira: indígena, representada por Madalena Caramuru, a negra, através da vida de Dandara, e a branca europeia, a partir da descendente portuguesa Bárbara de Alencar. Assim, a coletânea apresenta, inicialmente, os povos que darão origem ao processo histórico de que hoje se tem conhecimento.

Mas, mais do que isso, as histórias que fecham a compilação carregam consigo pelo menos duas mensagens subliminares: o caminho por se fazer ainda é longo para as minorias

étnicas e as mulheres seguem resistindo e lutando sem esmorecer. Se Madalena Caramuru abre os textos biográficos representando a primeira etnia em território brasileiro, Sônia Guajajara segue lutando pelos direitos indígenas na contemporaneidade. Se Dandara lidera o mais importante centro de resistência negra do período colonial, o Quilombo dos Palmares, Marinalva Dantas segue lutando contra a forma moderna de escravidão nos recônditos do Brasil, e Djamila Ribeiro e Marta Vieira, ambas negras, seguem inspirando e motivando as meninas, com seus magníficos trabalhos com as letras e com a bola.

Em termos sociais, ou seja, do retrato que se forma no conjunto das biografias representativas das mulheres brasileiras, baseando nos cinco critérios estabelecidos para se analisar a sociedade que subjaz as trajetórias de vida retratadas (período histórico, atuação, localidade, origem econômica e origem étnica), percebe-se que as obras apresentam mais proximidades que diferenciações. Ambas concentram suas histórias a partir do século XIX, trazem uma grande gama de atuações profissionais e sociais, localizam-se, do ponto de vista espacial, prioritariamente no sudeste e no nordeste do país, apresentam a maior parte das mulheres originárias das camadas médias da população, seguidas pelos estratos mais carenciados, e contam as histórias majoritariamente de mulheres brancas, seguidas das de personagens negras.

Diante do exposto, pode concluir-se que as duas obras guardam similaridades e diferenças que, conjugadas de modos distintos, chegam-se a resultados singulares. Para além do retrato social similar a que ambas as obras chegam, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* é, indubitavelmente, um livro dedicado sobretudo às crianças, como vários elementos discutidos e detalhados individual e comparativamente demonstraram. Da capa mais infantil às ilustrações, muitas das quais representam as mulheres quando crianças, passando pelo texto mais leve, mais suave nos temas fraturantes e de menor volume, ou ao próprio título, que ressalta que é «para conhecer antes de crescer», conclui-se que o livro formata a tendência editorial para um público mais jovem. Diferentemente, *Extraordinárias* já caminha para uma faixa etária mais crescida, alcançando, até, uma transição entre o juvenil e o jovem adulto, como se verifica das ilustrações, em que todas as artistas representam as biografadas em fase adulta, ao texto mais denso e extenso, com maior detalhamento de questões fraturantes, com uma cuidada e completa referência teórica, além de todos os elementos que já foram explanados nas análises realizadas.

CAPÍTULO IV

COLETÂNEAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

Portugal e Brasil, dois países que guardam relações históricas indissolúveis, são também nações que, dentro do panorama estabelecido neste trabalho, resolveram apostar em versões locais para a tendência editorial das biografias femininas voltadas para o público infantojuvenil. Como vimos, ambos apresentam, pelo formato «coletânea», duas obras, cada, que biografam mulheres nacionais, resultando em objetos editoriais que ora se aproximam, ora se distinguem. Portanto, o cotejamento, que se pretende neste momento, das obras em conjunto, é um interessante exercício para se perceber como o fenômeno em análise se concretiza nos quatro livros que compõem o *corpus* de análise desta dissertação e como essas obras se relacionam com os contextos em que são produzidas e que retratam e com o contexto de observação comparativa.

Inicialmente, se se pensar nas diferentes formas identificadas como origem das publicações elencadas no panorama realizado (editora independente, grande editora, financiamento coletivo), percebe-se que as obras portuguesas e brasileiras apresentam como proveniência importantes editoras do mercado. *Portuguesas com M grande*, primeira obra analisada, tem como casa de publicação nada menos que a Penguin Random House por meio da chancela Nuvem de Tinta, que atualmente ocupa o lugar de maior conglomerado editorial do mundo após a fusão, em 2013, entre a Penguin e a Random House. Já *Portuguesas extraordinárias* é publicada pela 20|20 Editora, através do seu selo infantojuvenil Booksmile. A 20|20 é uma editora que conta com 10 selos diferentes e tem atuação significativa no mercado português, considerando a concentração da edição nacional entre a Porto Editora e o Grupo Leya. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, por sua vez, é editada pela Galera Record, selo do grupo editorial Record, que ocupa a posição de maior conglomerado da América Latina. E, por fim, *Extraordinárias* pertence à Companhia das Letras, por meio da chancela jovem Seguinte, sendo essa editora a maior do Brasil. Das quatro casas de publicação, pode dizer-se que *Portuguesas extraordinárias* é a coletânea, entre as analisadas, que se publicou por uma empresa editorial de menores proporções mercadológicas. As demais são oriundas de grandes editoras ou conglomerados, com relevância regional ou mundial no mercado livreiro, o que revela o interesse comercial que

a tendência editorial vem tomando a ponto de atrair a atenção das grandes casas de publicação, que passam a incluir em seus catálogos livros que preenchem tal demanda de mercado ao mesmo tempo que estimulam o consumo desse tipo de obras.

Além disso, percebe-se uma adesão das grandes editoras à publicação de biografias femininas infantojuvenis a partir de resultados positivos e promissores identificados por iniciativas editoriais fora do eixo dos grandes conglomerados, como a edição por editoras independentes, como no caso da coleção *Antiprincesas*, ou a edição por financiamento coletivo, como no caso de *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*. Identifica-se, ainda, a busca pelo maior aproveitamento do atrativo mercado aberto às publicações inseridas na tendência em estudo, por meio das obras locais produzidas em Portugal e no Brasil, como forma de explorar ao máximo as potencialidades mercadológicas verificadas tanto nos resultados de vendas de obras internacionais quanto na absorção satisfatória das traduções pelo mercado interno de ambos os países.

Em relação ao momento de publicação, as obras compartilham seus lançamentos no período final do ano. *Portuguesas com M grande* e *Portuguesas extraordinárias* chegaram às livrarias em outubro de 2018. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias* contam, atualmente, com duas edições cada uma, sendo a primeira em outubro e novembro de 2017, respectivamente, e a segunda em setembro de 2018 para ambos os livros. Dessa forma, pode concluir-se que as obras foram planejadas para serem publicadas em uma altura do ano propícia ao arranque de vendas proporcionado pela proximidade natalícia, sobretudo nas primeiras edições no tocante às obras brasileiras, o que revela que têm potencial de venda e de sucesso assegurados.

O período escolhido para o lançamento das obras também guarda relação com as compras por impulso e com a maior disponibilidade do consumidor para aderir a novidades, já que, tratando-se de uma tendência editorial recente, e, no caso das obras locais, de apostas mercadológicas diferenciadas de grande parte das publicações internacionais, que abrangem biografias não delimitadas por nacionalidade, o estímulo desta época do ano se faz maior e com maior propensão de concretização de vendas. Acrescenta-se a isso o fato de que as grandes editoras podem dar destaque a seus livros nos locais de comercialização, tornando-os mais visíveis e, portanto, facilitando o contato objeto-consumidor em

potencial. Assim, tanto compradores atentos às novas tendências quanto consumidores fortuitos são abrangidos pela estratégia de publicação do *corpus* no fim de ano.

Tendo em conta o contexto e o momento de publicação das obras, passa-se ao exame detalhado dos aspectos analisados individual e comparativamente em cada país para o cotejamento completo do *corpus* desta dissertação.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS/FORMAIS

No que diz respeito aos elementos gerais do objeto-livro, as obras apresentam variações que as aproximam ou as distanciam, conforme o caso. Pode considerar-se que, em termos de dimensões gerais, as coletâneas guardam similitude, sendo as proporções de altura e largura não muito díspares entre elas. No entanto, ambas as obras portuguesas apresentam capa dura e guardas ao passo que as obras brasileiras têm um formato em capa brochura³³, com presença de badanas. Assim, interpreta-se que as obras portuguesas têm um maior investimento na durabilidade do objeto-livro, o que é coerente com o manuseio do público a que se destinam. As obras brasileiras, por sua vez, apresentam duas especificidades. Se *Extraordinárias* se dirige a um público mais velho e, portanto, não precisa investir em capa mais resistente ao contato infantil, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* leva a uma observação mercadológica relevante. Sua primeira edição teve investimento em capa dura e a segunda edição teve como alteração principal a versão em capa mole ou brochura, o que impactou em uma diferença média de 10% a menos no valor final do livro ao consumidor, o que permite concluir que foi uma estratégia comercial para atingir uma faixa de consumo maior e distinta da abrangida pela primeira edição, ampliando as possibilidades de vendas.

Além disso, três das coletâneas apresentam subtítulo, que exalta a importância das mulheres retratadas, sendo *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* a exceção ao assumir um título extenso, conforme se verifica na lombada e na ficha catalográfica. Os subtítulos funcionam como uma identificação e um reforço do propósito principal das obras de enaltecer personagens femininas nacionais e servem como um chamariz à atenção do consumidor em potencial. Em relação ao volume do livro

³³ *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* apresenta a primeira edição em capa dura, com guardas, mas nesta dissertação se analisa a segunda edição da obra, em capa brochura e com badanas, conforme já referenciado no capítulo III: Coletâneas brasileiras.

(quantidade de páginas), *Portuguesas extraordinárias* é a obra com menos páginas, *Portuguesas com M grande* e *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* se equiparam, e *Extraordinárias* é a obra mais extensa do conjunto, o que se relaciona com a quantidade de biografias que cada obra compila e com o nível de detalhamento das referências pós-textuais que cada decisão editorial assume.

Em última análise, essas diferenças de extensão, e não só elas, guardam ligação com os públicos distintos, que se podem depreender de todas as análises realizadas, almejados prioritariamente por cada coletânea dentro do âmbito infantojuvenil. Como abordado nos outros capítulos, *Portuguesas extraordinárias* parece direcionar-se a um leitor mais novo e *Extraordinárias* indica um caminho editorial destinado ao jovem mais crescido, com possível transição ao início da vida adulta; entre elas se localizam *Portuguesas com M grande* e *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, como obras que abarcam um leque mais extenso e elástico de faixa etária, sendo perceptível seu direcionamento tanto a crianças quanto a jovens, efeito da medida equilibrada em vários aspectos para um resultado que abranja um público infantojuvenil mais eclético. Não se pode deixar de ressaltar, neste ponto, que, cada vez mais, os públicos-alvo pensados para um livro não restringem nem determinam, de fato, quem irá ler ou se interessar pela obra. Essas coletâneas, por exemplo, têm tido uma aceitação dos leitores adultos, sobretudo mulheres, pois muitas das figuras biografadas são desconhecidas e o tratamento visual atrativo das obras acaba por também atrair uma faixa de idade de leitores mais alargada do que poderia ser o propósito inicial.

Em relação aos aspectos percebidos externamente, na capa, na contracapa e na lombada, todas as obras, de modo geral, buscam composições visuais que as afastam dos estereótipos de gênero propagados pela divisão de cores entre meninos e meninas. As coletâneas, todas elas, buscam, além do combate aos estereótipos femininos, angariar os meninos para a sua leitura, conforme se verifica em todas as introduções ou apresentações, que convocam ambos os gêneros para conhecerem as histórias compiladas em cada livro. Assim, três das obras evitam tanto o rosa quanto o azul, sendo este, juntamente com o branco, as cores predominantes nos elementos externos de *Portuguesas extraordinárias*, em alusão aos azulejos portugueses. Aqui, a presença forte do conteúdo cultural e artístico desses azulejos no contexto lusitano não deixa espaço para uma possível interpretação das

cores relacionadas aos gêneros, pois a ênfase, neste caso, é na regionalidade/nacionalidade que remete para o retrato delineado internamente pelas biografias.

Prosseguindo no exame comparativo, as capas apresentam propostas diferentes, sendo que *Portuguesas com M grande* e *Portuguesas extraordinárias* utilizam parte da ilustração interna das mulheres biografadas, enquanto *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* opta por pequenas ilustrações que aludem às profissões das mulheres escolhidas, e *Extraordinárias* aposta em desenhos de diferentes figuras femininas não identificáveis, o que pode ser interpretado como a remeter às mulheres anônimas ou como a representar a diversidade verificada nas biografias que compila. Ademais, esta última obra se destaca pelo uso de um efeito espelhado na parte externa completamente diferenciado em relação às demais coletâneas. As lombadas, por seu turno, contêm os mesmos elementos informacionais (título, autoria e logotipo da editora) e mantêm concordância e harmonia com a capa e a contracapa em todos os casos. As contracapas, por sua vez, são utilizadas como suporte para os textos-chamariz nas obras portuguesas, para excertos das biografias em *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e para as avaliações (argumentos de autoridade) sobre o livro em *Extraordinárias*, o que, neste último caso, pode ser interpretado como mais um sinal do seu direcionamento a um público mais adulto, visto que os argumentos de autoridade funcionam como uma referência ou comprovação de qualidade atestada por pessoas cujas opiniões são tomadas como respaldo ou orientação a balizar um determinado produto/consumo. O público mais amadurecido já se encontra capacitado a perceber como positivo este tipo de informação, enquanto tal estratégia não faz muito sentido para os leitores mais novos e menos experientes.

Por fim, em relação aos elementos pré-textuais e pós-textuais, todas elas apresentam as páginas comumente constantes nos livros, como folha de rosto, sumário, apresentação ou introdução e ficha técnica. As variações ficam a cargo de glossário, lista de referências, linha do tempo de fatos históricos, espaço para que o leitor biografue suas heroínas. As obras brasileiras guardam, ainda, proximidade ao terem ambas falsa folha de rosto, páginas de crédito e colofão. As páginas de crédito carregam o posicionamento dessas obras como elaborações coletivas femininas de modo bastante explícito, com referência às ilustradoras, designers e tipógrafas, enquanto nas obras portuguesas não se verifica tal característica. Por outro lado, ao analisar a ordem em que são apresentadas as biografias na leitura sequencial das páginas, as obras brasileiras e portuguesas se cruzam, sendo que

Portuguesas com M grande e 50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer não têm um critério definido, sendo, portanto, a ordenação aleatória, e *Portuguesas extraordinárias* e *Extraordinárias* compartilham a sequência cronológica na apresentação das biografias, das épocas mais antigas ao tempo presente. Tal diferença, aparentemente pouco significativa, permite, ou melhor, facilita a percepção do percurso histórico representado por essas mulheres em cada país nos casos em que a cronologia é utilizada, ao passo que a aleatoriedade, por sua vez, coloca em patamar de igualdade todas as histórias biografadas. Dessa forma, neste aspecto, como em todos os outros, as escolhas tomadas não são somente positivas ou negativas, mas, antes, são decisões editoriais e autorais que resolvem privilegiar determinados efeitos ou consequências em detrimento de outros e, que, em conjunto, concorrem para a consecução de objetos editoriais diversos.

A diversidade dos resultados obtidos em cada produto analisado é, por exemplo, identificada e comprovada quando se cotejam os nomes em comum das coletâneas, permitindo interpretar as distintas abordagens formais, ilustrativas e textuais como escolhas de edição pensadas e elaboradas para a consecução de obras que sejam formatadas para os diferentes públicos que prioritariamente se pretende atingir. Toma-se nesta dissertação, portanto, como se buscou explicar sempre que oportuno, o público-alvo como o balizador da concepção de cada coletânea. A análise detalhada das compilações permite corroborar, assim, que os livros editados em cada país apresentam diferenças no resultado estético e verbal almejado em relação, sobretudo, às distintas faixas etárias visadas, ao passo que as semelhanças dizem mais respeito à inserção no tipo de obra de que fazem parte e, no tocante à análise social, aos contextos que compartilham. Dessa forma, as obras do *corpus* mostram possibilidades e potencialidades que foram exploradas dentro do fenômeno em análise e compativelmente com os objetivos comerciais de cada editora de publicação.

2. ILUSTRAÇÃO

O plano ilustrativo das coletâneas é um fator de distanciamento entre as obras portuguesas e as obras brasileiras. Ambas as coletâneas produzidas em Portugal apresentam, cada uma, uma ilustradora responsável pelo nível imagético das biografias. No Brasil, as duas coletâneas optam por um grupo de ilustradoras para compor o aspecto visual das compilações. Como já exposto, cada escolha carrega consigo as vantagens e desvantagens

de si mesma. Assim, em *Portuguesas com M grande* e em *Portuguesas extraordinárias*, a presença de uma ilustradora mantém uma uniformidade, uma coerência, uma harmonia imagética no conjunto das biografias.

O trabalho singular e a identidade artística de Cátia Vidinhas, no primeiro caso, e de Elsa Martins, no segundo, ficam patentes e contribuem para uma unidade visual das obras. Para além dessa semelhança, no entanto, cada artista elabora sua participação nas coletâneas de forma distinta, o que tem, mais uma vez, conexão com os públicos mais visados por cada livro. Nesse sentido, em *Portuguesas extraordinárias*, com uma linguagem visual mais denotativa e simplificada, sem recorrer, por exemplo, a complexas metaforizações ou alusões, Elsa Martins acaba por colaborar na construção de uma obra mais simples, de mais fácil compreensão e com um apelo mais infantil, como se verifica nas imagens femininas bem delicadas, muitas das quais parecidas, e nos adornos que compõem a dupla página com o elemento textual. *Portuguesas com M grande*, por sua vez, já apresenta uma variedade de possibilidades visuais através de um trabalho artístico, também, individual. A possível monotonia é quebrada pelos mais diferentes enfoques dados por Cátia Vidinhas, que muda de perspectiva para retratar aspectos diferentes em cada biografia. Em leitura paralela ao texto, suas imagens ressaltam ora momentos históricos, ora retratos das figuras biografadas, ora seus feitos, ora suas condições psicológicas. Em conjunto, suas ilustrações criam um movimento imagético oscilante e atrativo que acrescenta complexidade visual e camadas interpretativas à obra, permitindo ao leitor mais amadurecido aceder a diferentes interpretações imagéticas dentro de um mesmo livro. Assim, a mesma opção realizada pelas duas obras, de ilustração de autoria única, resulta em ilustrações com efeitos distintos e destinadas, também, a leitores etariamente diferentes.

As obras brasileiras, por outro prisma, integram a colaboração de uma equipa de ilustradoras cada uma, assim como se identifica em *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*, já referenciado no panorama realizado nesta dissertação. Os dois casos privilegiam e enfatizam a multiplicidade visual e artística, contribuem para a visibilidade de um número superior de profissionais em cada trabalho, traduzem no nível imagético a pluralidade de histórias compiladas e dão oportunidade aos leitores de terem contato com uma rica cultura visual e estética por meio de trabalhos muito diversos, com diferentes técnicas e personalidades. A multiplicidade estética é escolhida em detrimento da identidade artística promovida pela autoria única. O que se percebe de distinto, entre os

dois casos brasileiros, não é a opção pela assinatura coletiva das ilustrações da obra, mas, uma vez mais, a atenção ao público leitor principal visado. Dessa forma, se *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* seleciona vários trabalhos ilustrativos que biografam as personagens na fase infantil de suas vidas, *Extraordinárias* já prefere enfatizar para todos os nomes o estágio adulto das biografadas, em clara consonância, em ambos os casos, com os leitores menos ou mais crescidos que objetivam atingir e causar identificação através das histórias contadas.

3. TEXTO

Das quatro obras que compõem o *corpus* desta dissertação, pode dizer-se que, em três casos, a componente textual aproxima as obras, sendo a exceção representada por *Portuguesas extraordinárias*, cujo texto é elaborado e disposto de forma que difere substancialmente dos restantes trabalhos examinados. Enquanto a outra obra portuguesa e as obras brasileiras optam por um texto pensado para a leitura linear, em composição espacial específica para ele em relação às ilustrações, a obra destinada aos leitores mais jovens estabelece entre o texto e as ilustrações uma relação intrínseca, ambos ocupando conjuntamente a dupla página. Neste caso, considerando um público mais infantil, o texto é dividido e organizado de modo a permitir a flexibilidade e a fragmentação da leitura, visto que as crianças mais novas apresentam maior dispersão diante de textos longos, já que sua capacidade de concentração e foco ainda estão em início de desenvolvimento.

Dentre as outras obras, no entanto, percebe-se que *Portuguesas com M grande* e *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* compartilham o mesmo *layout* de dupla página, com divisão espacial igualitária entre texto e imagem, sendo o elemento textual verbal construído contínua e linearmente, compatível com leitores mais experientes e com condições de leitura seguida mais prolongada. *Extraordinárias*, por sua vez, opta por uma predominância verbal em relação às imagens. Com três páginas dedicadas ao texto e uma à ilustração, esta coletânea é a que mais conteúdo verbal utiliza, a que mais aprofunda o contexto social e histórico e a que menos abranda a linguagem em comparação com as demais, o que, claramente, se liga aos leitores mais crescidos, em transição para a fase adulta. Vale lembrar, neste momento, que é a única obra do *corpus* de escrita assinada por duas autoras, o que, também, parece concorrer para maior volume, complexidade e completude textual.

Além disso, não perdendo o leitor pretendido de vista, os nomes que cada livro seleciona para biografar demonstram uma variação quantitativa entre 40 e 50 figuras femininas nas três obras voltadas a crianças mais crescidas e jovens, sendo a obra mais infantil, *Portuguesas extraordinárias*, a coletânea com menor número de biografias, composta por 25 figuras, volume este em consonância com a menor faixa etária visada como principal público. Por fim, pode considerar-se que, de formas distintas, todos os livros tocam em temas fraturantes ao biografar vidas femininas que se sobressaíram nas lutas sociais e pessoais com enfrentamento a inevitáveis atritos, oposições e violências. As diferenciações, neste cariz, se dão principalmente pela linguagem e pela superficialidade ou menor detalhamento identificados em cada caso. Em adição ao que já foi comentado, *Portuguesas extraordinárias*, como obra voltada a um leitor mais novo, é a que carrega a linguagem mais leve e menor conteúdo fraturante, e a obra mais adulta, *Extraordinárias*, é a que aborda mais profundamente e com detalhe as questões mais difíceis e mais críticas. As outras duas obras compartilham uma linguagem que refere situações e fatos polêmicos ou violentos de modo abrandado ou menos detalhado, sendo coerente com a elasticidade etária do público almejado.

4. ANÁLISE SOCIAL

As coletâneas locais produzidas em Portugal e no Brasil, inseridas na tendência editorial internacional das biografias femininas infantojuvenis, a partir da seleção das mulheres que tiveram suas vidas contadas em cada compilação, não só refletem as sociedades portuguesa e brasileira ao longo de seus percursos históricos, como também deixam entrever as visibilidades sociais que se construíram paulatinamente em cada país. Tomando as análises individuais e os cotejamentos entre as obras de Portugal e as obras do Brasil, faz-se interessante comparar, neste momento, os quatro trabalhos para se perceber as intersecções e afastamentos que um resultado editorial carrega em relação aos outros no tocante à representação e à diversidade feminina presente nesses territórios. Os critérios utilizados anteriormente nas análises permanecem os mesmos, mantendo a coerência e o paralelismo com as conclusões já elaboradas.

Primeiramente, analisou-se o *período histórico* abarcado pelas obras e identificou-se que as duas obras de cada país coincidem ao começar a retratar trajetórias de vida no mesmo século. No caso das coletâneas portuguesas, ambas apresentam, em seu conjunto de

histórias, o século XIV como o primeiro a ter uma biografia elaborada, figurando Brites de Almeida, a padeira de Aljubarrota, como a personagem escolhida para representar o início temporal das compilações. Já no Brasil, as duas obras têm como ponto de partida o século XVI, com a presença das representantes indígenas Paraguaçu e Madalena Caramuru, sendo coincidente o primeiro momento retratado com a chegada dos portugueses ao território e início dos registros documentais da vida nas terras brasileiras.

Ademais, a partir desses pontos iniciais, todas as obras do *corpus* atravessam todos os séculos até o tempo presente, com pelo menos uma representante para cada 100 anos, e concentram a maior parcela de biografias do século XIX em diante. *Portuguesas com M grande*, com 76%, *Portuguesas extraordinárias*, com 72%, *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias*, com iguais 88%, localizam suas seleções de nomes no interstício temporal entre os séculos XIX e XXI. Considerando que as trajetórias contadas no Brasil começam dois séculos depois das de Portugal, justifica-se a concentração ainda maior de biografias brasileiras nesse período mais recente. Sem se esquecer que *Portuguesas extraordinárias* é a única obra do conjunto que opta por só biografar mulheres já falecidas (o que, de certa forma, abre uma possibilidade de uma edição apenas com mulheres contemporâneas), pode dizer-se, neste quesito, que as obras compartilham a prevalência dos tempos mais próximos à contemporaneidade da história de cada país, seja pela dificuldade de acesso e confirmação de informações, seja pela escolha propositada de dar ênfase a histórias mais presentes nos desdobramentos sociais sentidos atualmente e com conseqüente maior apelo ao interesse do público infantojuvenil.

Se há um aspecto em que a diversidade aflora em todas as coletâneas, é nos mais diferentes campos de *atuação*. As obras, de modo geral, primam pela variedade e amplitude conseguidas na representatividade das mais diferentes profissões e atuações profissionais. Nesse sentido, as biografias buscam, além de abarcar distintas formas de ocupação dos espaços sociais e profissionais, enaltecer a multiplicidade de atividades que cada biografada desempenhou ou desempenha. Além disso, as biografias, vistas juntamente com a perspectiva temporal, delineiam, cada uma a seu modo e com variações na proporcionalidade, um retrato cronológico das mudanças das sociedades portuguesa e brasileira relativamente ao gradativo progresso da presença feminina a ocupar lugares de exercício profissional e social.

Além disso, as obras de cada país compartilham entre si muitas histórias, sendo que as personagens em comum representam 36% de *Portuguesas com M grande* e 60% de *Portuguesas extraordinárias*, 40% de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e 50% de *Extraordinárias*. Tendo em vista essa semelhança, as obras portuguesas, de um lado, e as obras brasileiras, de outro, escolhem, dentre as possíveis figuras a serem biografadas, significativas vezes as mesmas personagens, diferenciando-se nos enfoques que cada qual dá a determinados aspectos e momentos da vida dessas mulheres. Considerando ainda a seleção dos nomes em cada caso, dadas as circunstâncias que fizeram as Histórias de Portugal e do Brasil se cruzarem, identifica-se a presença da história de Chica da Silva, que de escrava se tornou gestora de grande patrimônio nas terras diamantinas, em Minas Gerais, em *Portuguesas com M grande*, *50 brasileiras para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias*, sendo a única personagem que figura tanto nas coletâneas brasileiras quanto em uma das obras portuguesas.

Salienta-se, também, que a obra que apresenta uma menor variedade nas áreas de atuação é *Portuguesas extraordinárias*, o que guarda relação com a menor quantidade de biografias e, também, com a escolha de enfatizar trajetórias de mulheres aristocratas e artistas. Este último grupo, como se verificou nas análises anteriores, é o que nas quatro coletâneas mais representativas recebeu, configurando um aspecto em que o conjunto do *corpus* se assemelha significativamente e que aponta para um caminho em que portuguesas e brasileiras convergiram na busca de inserção profissional e na obtenção de rendimentos próprios dos tempos mais remotos à atualidade. Por fim, uma profissão que está presente em todos os livros é a figura das aviadoras Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira, em Portugal, e de Ada Rogato, no Brasil, podendo ser interpretado como um simbolismo de expansão e superação da trajetória feminina, com a possibilidade de as mulheres buscarem «novos ares» e de se lançarem em «voos mais altos».

Prosseguindo nos quesitos de análise, o cotejamento das *regiões* onde se desenrolaram as biografias selecionadas em cada compilação demonstrou, neste aspecto, que, paralela e proporcionalmente à concentração de histórias a decorrer em Lisboa nos livros portugueses, há prevalência de figuras a viver na região sudeste do Brasil nas coletâneas brasileiras. Tanto a dimensão territorial quanto o quantitativo populacional diferem substancialmente entre Portugal e Brasil, mas se percebe a convergência espacial de histórias nas duas conjunturas nacionais. Nesse sentido, se no cenário português se

privilegiam as biografias acontecidas na capital lisboeta, no contexto brasileiro se enfoca, sobremaneira, sua região «central» em termos de visibilidade dentro de seu território.

Em outras palavras, se regiões mais interioranas e com menor população ou relevância econômica deixaram de receber, de forma expressiva, representantes lusitanas nas compilações, o mesmo se pode dizer das coletâneas locais do Brasil. Obviamente, não se espera, como já várias vezes dito e lembrado, que essas obras consigam distribuir uniformemente suas biografias por todo o território nacional de Portugal e do Brasil, assim como não se considera necessária ou viável uma exatidão numérica ou proporcionalmente igual em quaisquer dos quesitos analisados. A representatividade que se analisa tem muito mais relação com a variedade e a multiplicidade sociais que se apresentam ao leitor, sendo variáveis conforme a conjuntura nacional e o escopo possível para cada coletânea. Dito isso, e retomando o estudo de Francesca Blockeel (2001) referenciado ao se analisar as obras portuguesas, pode concluir-se, parafraseando essa autora, que muitas das crianças e muitos dos jovens das regiões menos visibilizadas em seus países não se veem representados nas figuras biografadas ao mesmo tempo que as crianças e os jovens habitantes das áreas centrais não têm acesso, por meio das histórias selecionadas por esses livros, a muitas realidades diversas da que experienciam.

Ademais, as personagens escolhidas para comporem as coletâneas foram divididas e avaliadas conforme sua *origem econômica* para se perceber a representatividade de biografadas provenientes de diferentes condições materiais a serem apresentadas ao público-leitor. Tal aspecto, apesar de nem sempre explícito nas biografias³⁴, foi considerado importante para avaliar em que medida as crianças e os jovens com boas condições financeiras, ou pelo menos intermediárias, tiveram acesso a histórias que retratassem realidades diversas das que conhecem e as crianças e os jovens mais pobres tiveram disponíveis biografias que pudessem gerar identificação e, conseqüentemente, motivação e inspiração na busca de caminhos de superação em suas próprias vivências.

As análises realizadas para as quatro obras expressaram uma maioria de histórias cuja origem econômica se situou ou se situa nas camadas médias das sociedades portuguesa e brasileira. As camadas mais altas também tiveram representação considerável em todo o *corpus*. A diferenciação maior que se verificou, neste aspecto, entre as obras portuguesas e

³⁴ Foram realizadas, quando necessário, pesquisas extratexto.

brasileiras diz respeito a presença de mulheres de origem mais humilde nas compilações, tendo sido identificado, no cotejamento entre os países, o dobro de representatividade dessa origem econômica no contexto brasileiro em relação ao português. Assim, *Portuguesas com M grande* e *Portuguesas extraordinárias* compartilham 16% de biografias cujas condições socioeconômicas das biografadas eram baixas e *50 brasileiras para conhecer antes de crescer* e *Extraordinárias* praticamente se equiparam com 34% e 33%, respectivamente, de histórias com origem humilde de vida.

Por último, a *origem étnica*, utilizada nas análises sociais já realizadas, assim como a origem econômica, nem sempre se mostrou declarada nas biografias³⁵, mas se considerou relevante avaliar, buscando consonância com os estudos feministas atuais, que, conforme referenciado no primeiro capítulo, avançam no exame da situação e da representação feminina de modo transversal, ou seja, levando em conta toda a conjuntura social que cria oportunidades ou dificuldades a cada vivência feminina específica. Mas uma vez, analisar tal quesito tem relação com a representatividade que se leva ou não ao público infantojuvenil, seja a gerar consciência da diferença e dos privilégios, seja a gerar identificação e motivação aos grupos etnicamente subalternizados.

Além disso, há que ter em conta diferenças na constituição da sociedade portuguesa relativamente à sociedade brasileira. Enquanto esta tem como base populacional a junção do povo indígena, do branco português e do negro africano, pode dizer-se que a composição étnica de Portugal não tem, claramente, uma miscigenação desse tipo, seja pela ausência indígena, seja por ser sua formação como povo mais diluída no contexto europeu e com outras influências diversas das do Brasil. Considerando, portanto, essas diferenciações basilares, identificou-se a prevalência da origem branca em todas as obras, com 93% de *Portuguesas com M grande*, 100% de *Portuguesas extraordinárias*, 72% de *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* e 68% de *Extraordinárias*, seguidamente da presença negra de 7% na primeira obra e, respectivamente, 26% e 27% nas duas obras brasileiras, sendo o pouco restante da composição total ocupado por representantes indígenas. Dessa forma, proporcionalmente à constituição étnica diferente nos dois países, pode concluir-se que em ambos a centralidade da figura feminina branca é patente. Em seguida, com exceção de *Portuguesas extraordinárias*, buscou-se dar lugar e

³⁵ Foram realizadas, quando necessário, pesquisas extratexto.

voz a mulheres negras, grupo subalternizado nos dois países, sendo, conforme já salientado, maior a quantidade dessas histórias no cenário brasileiro. *Portuguesas com M grande*, no entanto, mostra um movimento em direção a uma presença negra na coletânea a alargar essa representatividade, o que leva a pensar na importância que as três histórias de mulheres negras, nesta compilação, adquire diante de leitores que sejam provenientes desta etnia em Portugal.

A análise comparativa do mosaico social delineado pelas coletâneas nacionais de Portugal e do Brasil, ao cotejar os cinco critérios utilizados neste estudo para se perceber o grau e o tipo de representatividade da sociedade portuguesa e brasileira em seus percursos históricos, a partir das biografias de mulheres emblemáticas em seus contextos, apontou para duas conclusões principais: em três dos aspectos as obras de ambos os países se aproximam e em dois dos aspectos elas se distanciam. Assim, o *corpus* enfatiza, prioritariamente, o período histórico compreendido entre os séculos XIX-XXI, os âmbitos de atuação das mulheres retratadas são bastante variados e representativos de vivências diferentes e as regiões territoriais onde acontecem a maior parte das trajetórias de vida biografadas se concentram nos centros econômicos e populacionais dos dois países. As origens econômicas e étnicas, por sua vez, mostram como as coletâneas locais refletem as especificidades de suas conjunturas intrínsecas e, também, o tipo de visibilidade social que é construída atualmente. Nesse sentido, a significativa presença de nomes em comum nas duas obras de cada país reflete o resgate histórico das histórias femininas que é considerado necessário e possível em cada país e os caminhos aproximados escolhidos pelas obras portuguesas, de um lado, e pelas obras brasileiras, de outro, para reparar o apagamento histórico da presença, participação e relevância das mulheres de seus contextos nacionais.

Nesta medida, o retrato social da parcela feminina das sociedades portuguesa e brasileira coloca em posições distintas as coletâneas biográficas locais. Ao adicionar os demais critérios analisados anteriormente e considerar cada público-alvo, porém, as obras podem ser interpretadas em um *continuum* para além dos países de origem, que vai de *Portuguesas extraordinárias* a *Extraordinárias*, ou seja, do resultado editorial mais voltado ao universo infantil ao que avança em direção ao leitor adulto; *Portuguesas com M grande* e *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, dessa forma, aproximam-se, com a mesma estrutura básica de dupla página, com divisão espacial igualitária entre texto e

ilustração, com o tratamento semelhante da linguagem, concretizando, em contextos diversos, coletâneas biográficas femininas locais que conseguem abarcar uma larga faixa etária do público infantojuvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises, reflexões e conclusões desenvolvidas ao longo desta investigação permitiram perceber como a sociedade e o mercado editorial se conectam e se influenciam mutuamente, estando ambos em constante modificação e evolução. Há mudanças de paradigmas que se tornam irreversíveis e há tendências que se mostram temporárias. Se, na arena social, pode dizer-se, com maior possibilidade de certeza, que as mudanças processadas no tocante à questão de gênero e dos seus relativos estereótipos indicam um caminho em direção à melhoria das condições de vida das mulheres, com menor disparidade de direitos e oportunidades em relação aos homens, no âmbito da edição, não se pode concluir, de forma definitiva, sobre a tendência editorial das coletâneas biográficas femininas infantojuvenis em termos de continuidade e relevância que terão ou não numa perspectiva analítica mais alargada no tempo.

O que se pode afirmar, no que diz respeito ao comportamento editorial, aos resultados comerciais e à cadeia do livro, é que o fenômeno estudado apresenta robusta inserção nas obras não ficcionais dedicadas aos mais novos nos últimos anos, tendo positiva absorção pelo mercado consumidor livreiro, percepção esta corroborada pela profusão de obras e de traduções e pela produção de versões locais para a tendência, em que Portugal e Brasil se destacam com suas publicações que exaltam as mulheres nacionais.

Além disso, como se buscou comprovar, inseridas numa mesma tendência editorial, a diversidade de formatos, seleção de nomes, modos de apresentação, relações texto/imagem, linguagens, tratamentos materiais do objeto-livro, públicos-alvo no espectro infantojuvenil, entre outras variáveis, colabora para a consecução de resultados editoriais distintos, tanto na qualidade literária que conseguem atingir quanto nos diferentes leitores a que prioritariamente se destinam.

Esta investigação procurou demonstrar, também, o valor social que tais obras podem exercer para os leitores mais jovens neste momento, em que essas publicações se encontram em acelerada produção, e um exame transversal do forjamento das sociedades portuguesa e brasileira, depreendido dos resultados obtidos. Assim, as análises das obras que se encaixam nesta tendência editorial, sem desconsiderar seu apelo mercadológico,

buscaram mostrar como a escolha dos nomes a figurarem nas compilações representa um modo como o pensamento sobre quem deve representar o gênero feminino está organizado em cada contexto, e, mais além, reflete, por um prisma, a constituição histórica de um povo, mas, por outro, também suas dificuldades de se relacionar com a alteridade de maneira mais plena, conforme se pretendeu comprovar nas análises sociais promovidas para as obras.

Por fim, a especificidade que se coloca no tocante aos leitores desejados e para os quais as coletâneas foram elaboradas alcança, inevitavelmente, o público adulto, seja pela responsabilidade na compra desses objetos editoriais, seja pela mediação realizada no momento de leitura para os mais pequenos. Nesse sentido, criar obras para crianças e jovens, desconstruir estereótipos de gênero, resgatar histórias esquecidas ou propositadamente silenciadas, além de todo o contexto social que subjaz cada vida biografada, é outrossim um exercício necessário e difícil que se instaura aos mais velhos. Se as crianças estão em fase de construção de seus valores e princípios, cabe a nós, já crescidos e com a mentalidade formada (ou deformada), desconstruir muitos dos conhecimentos e pressupostos com os quais já estamos habituados em favor de uma alteridade saudável para os tempos futuros e para as novas gerações. As coletâneas biográficas femininas infantojuvenis estudadas carregam, assim, uma função e um valor social inestimáveis na contemporaneidade, podendo contribuir positiva e significativamente para a formação de cidadãos mais tolerantes e fraternos, conscientes da pluralidade humana que os rodeia. Afinal, contar uma história é deixar de contar outras. Mas contar uma história plural é deixar entrever a infinidade de histórias por ainda serem contadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA ATIVA

- Carranca, A., & Brasil, B. A. (2015). *Malala: A menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- Favilli, E., & Cavallo, F. (2017). *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes*. Tradução de Isabel Veríssimo. Lisboa: Nuvem de Tinta.
- _____ (2018). *Histórias de adormecer para raparigas rebeldes 2*. Tradução de Isabel Veríssimo. Lisboa: Nuvem de Tinta.
- Fink, N., & Saá, P. (2017). *Frida Kahlo para meninas e meninos*. Tradução de Inês Hugon. Lisboa: Tinta da China. (coleção Antiprincesas)
- _____ (2017). *Violeta Parra para meninas e meninos*. Tradução de Inês Hugon. Lisboa: Tinta da China. (coleção Antiprincesas)
- _____ (2017). *Juana Azurdui para meninas e meninos*. Tradução de Rita Almeida Simões. Lisboa: Tinta da China. (coleção Antiprincesas)
- _____ (2017). *Clarice Lispector para meninas e meninos*. Tradução de Rita Almeida Simões. Lisboa: Tinta da China. (coleção Antiprincesas)
- Ignotofsky, R. (2018). *As cientistas: 52 mulheres intrépidas que mudaram o mundo*. Tradução de Susana Ferreira. Lisboa: Bertrand Editora.
- Almeida, C. M., & Monteiro, M. (2015). *Ana de Castro Osório: A mulher que votou na literatura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Pato Lógico Edições. (Coleção Grandes Vidas Portuguesas)
- Pankhurst, K. (2018). *Mulheres fantásticas que mudaram o mundo*. Tradução de Maria João Trindade. Lisboa: Jacarandá.
- Pedreira, M. R., & Fazenda, J. (2012). *A minha primeira Amália*. Alfragide: Publicações Dom Quixote. (Coleção O meu primeiro)
- Pedreira, M. R., & Martins, E. (2018). *Portuguesas extraordinárias: Mulheres de coragem à frente de seu tempo*. Amadora: Booksmile.
- Souza, D. P., & Cararo, A. (2018). *Extraordinárias: Mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte. (2.^a edição)
- Schatz, K., Faria, J., & Stahl, M. K. (2017). *Mulheres incríveis*. Tradução de Regiane Winarski. Bauru: Astral Cultural.
- Thomé, D. (2018). *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*. Rio de Janeiro: Galera. (2.^a edição)

- Vegara, M. I., & Dorocheva, S. (2018). *Anne Frank*. Tradução de Vasco Gato. Lisboa: Nuvem de Letras. (coleção Meninas pequenas, grandes sonhos)
- _____, & Mariadiamantes. (2018). *Amelia Earhart*. Tradução de Vasco Gato. Lisboa: Nuvem de Letras. (coleção Meninas pequenas, grandes sonhos)
- _____, & Eng, G. F. (2018). *Frida Kahlo*. Tradução de Vasco Gato. Lisboa: Nuvem de Letras. (coleção Meninas pequenas, grandes sonhos)
- _____, & Rosenberg, N. (2018). *Teresa de Calcutá*. Tradução de Vasco Gato. Lisboa: Nuvem de Letras. (coleção Meninas pequenas, grandes sonhos)
- Vicente, L., & Vidinhas, C. (2018). *Portuguesas com M grande: Mulheres que tiveram a coragem de sonhar e mudar a sua vida. E a dos outros*. Lisboa: Nuvem de Tinta.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- Adichie, C. N. (2017). *Para educar crianças feministas: Um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Andrade, I. (2018, jan. 11). Entrevista com Aryane Cararo: Extraordinárias – mulheres que revolucionaram o Brasil. [Web log post]. Disponível em <http://ociclorama.com/entrevista-aryane-cararo/>
- Balça, Â, Azevedo, F., & Sastre, M. S. (2018). O valor da democracia na literatura infantil. *Álabe*, 0(18), 1-12. Doi:10.15645/Alabe2018.18.6
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: Identidade e alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Botton, A., & Neves Strey, M. (2016). O gendramento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas. *Perspectiva*, 33(3), 915-932. doi:10.5007/2175-795X.2015v33n3p915
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro.
- Canazart, K. C., & Souza, O. (2017). Estereótipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da literatura infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI. *Formação@Docente*, 1(6), 713-728. doi:10.15601/1149
- Castelli, C. (2015). *Chega de rosa! Guia de leitura para o professor*. São Paulo: Edições SM.
- Ceccantini, J. L. (2015). A hora e a vez da literatura juvenil. In *Anuario Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil*. Madrid: Fundación SM.
- Coelho, N. N. (1985). *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: Das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Quirón.

- Colman, P. (2007). A New Way to Look at Literature: A Visual Model for Analyzing Fiction and Nonfiction Texts. *Language Arts*, 84(3), 257-268. Disponível em <https://www.csun.edu/bashforth/PDF/305FinalProj/VisualModel4FicAndNonJan7LA.pdf>
- Franchini, B. S. (2018, mar 8). O que são as ondas do feminismo?. [Web log post]. Disponível em <https://medium.com/qg-feminista/o-que-sao-as-ondas-do-feminismo>
- Filha, C. X. (2011). Once upon a time, there were a princess and a prince... gender representations in children's narratives. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 591-603. doi:10.1590/S0104-026X2011000200019
- Freedman, R. (1992). Fact or Fiction?. In E. B. Freeman & D. Goetz Person (Eds.), *Using Nonfiction Trade Books in the Elementary Classroom: From Ants to Zeppelins*. (pp. 2-10). Illinois: National Council of Teachers of English.
- Grazioli, F., Leidens, A., & Rösing, T. (2017). A infância de João Guimarães Rosa: biografia para crianças e literatura para jovens leitores, nasceiro e torrente. *Signo*, 42(74), 47-56. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v42i74.8560>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Brasília: Centro de Documentação e Disseminação de Informações.
- Leal, I. (1982). *O masculino e o feminino em literatura infantil*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina. (Cadernos Condição Feminina)
- Mallett, M. (2004). Children's information texts. In P. Hunt (Ed.), *International Companion Encyclopedia of Children's Literature (Vol. I)* (pp. 622-631). London, New York: Routledge. (2nd edition).
- Medeiros, L. (2017, set. 25). Entrevistas: «50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer», de Débora Thomé. [Web log post]. Disponível em <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/09/25/-brasileiras-incriveis-para-conhecer-antes-de-crescer-de-debora-thome/>
- Moorhead, J. (2018, fev. 28). Return of the Rebel Girls: the runaway success stories of women who changed the world. [Web log post]. Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/womenreturn-rebel-girlsthe-runaway-successstorieswomen-changed/>
- Pires, S. M. F. (2009). Romantic love in children's literature a gender question. *Educar em Revista*, (35), 81-94. doi:10.1590/S0104-40602009000300007
- Publishnews. (2019, jul. 15). A lista mais plural da história da FLIP. [Web log post]. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2019/07/15/a-lista-mais-plural-da-historia-da-flip>
- Ramos, A. M. (2001). Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In B.-A. R. Rechou, I. S. López, & M. N. Rodríguez (Eds.), *O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010)* (pp. 13-40). Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento.
- Rocha, N. (2001). *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Rosado, S. (2009, dez. 27). Biografia [E-dicionário de Termos Literários]. Disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/biografia/>
- Ruiz, R. (2017, jun. 20). This book for «rebel girls» is now the fastest-funded publishing project on Kickstarter. [Web log post]. Disponível em <https://mashable.com/2017/06/20/good-night-stories-for-rebel-girls-volume-2-kickstarter>
- Sagnier, L., & Morell, A. (Eds.). (2019). *As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- The Quarto Group. (2018, out. 11). Little People, Big Dreams series hits the 1 million mark! [Web log post]. Disponível em <https://www.quarto.com/sections/news/post.php?id=141>
- Torres, A. (Ed.). (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

ANEXO I
QUADRO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SOCIAL
OBRAS PORTUGUESAS

Livro: *Portuguesas com M grande*
Autoria: Lúcia Vicente (texto) e Cátia Vidinhas (ilustrações)
Editora: Nuvem de tinta/Penguin Random House Grupo Editorial
Publicação: outubro 2018
Biografias: 42

NOME ³⁶	DATA ³⁷	ATUAÇÃO	LOCALIZAÇÃO ³⁸	ORIGEM ECONÔMICA ³⁹	ORIGEM ÉTNICA
Carolina Beatriz Ângelo	1878/1911	Médica e ativista	Guarda/Lisboa	Média	Branca
Beatriz Costa	1907/1996	Atriz e escritora	Mafra/Lisboa	Baixa	Branca
Branca Edmée Marques	1899/1986	Cientista	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Vieira da Silva	1908/1992	Artista plástica	Lisboa/Paris	Média	Branca
Antónia Rodrigues	1580/?	Grumete e oficial-cavaleiro	Aveiro/?	Baixa	Branca
Catarina Eufémia	1928/1954	Cefeira e ativista	Beja/Beja	Baixa	Branca
D. Maria II	1819/1853	Governante e pedagoga	Rio de Janeiro/Lisboa	Alta	Branca
Ana de Castro Osório	1872/1935	Médica, escritora e ativista	Mangualde/Setúbal	Média	Branca

³⁶ Mantida a ordem estabelecida nas obras.

³⁷ Nascimento e morte.

³⁸ Cidade de nascimento e morte. Estes dados foram utilizados como ponto de partida para a análise do quesito, porém foi considerada a localidade mais relevante de cada história para a elaboração das conclusões detalhadas de cada obra.

³⁹ A condição econômica das mulheres retratadas nem sempre é explicitada nas biografias. Pesquisas extratexto e suposições considerando o contexto social das épocas em questão foram utilizadas para depreender, de forma simplificada, a camada social a que pertenceu/pertence cada personagem. Tem-se em questão a divisão social e econômica mais estanque e diferenciada nas histórias quanto mais se afasta temporalmente em relação à atualidade. Devido à dificuldade de classificar detalhadamente tendo em vista esse largo intervalo temporal e com o intuito de perceber a quais mulheres cada livro dá voz, decidiu-se usar apenas as classificações «alta», «média» e «baixa» para compreender, de maneira geral, esse aspecto na escolha dos nomes que formam a coletânea.

Leonor de Almeida e Lencastre (marquesa de Alorna)	1750/1839	Poetisa	Lisboa/Lisboa	Alta	Branca
Ferreirinha	1811/1896	Empresária	Peso da Régua/Peso da Régua	Alta	Branca
Natália Correia	1923/1993	Poetisa e deputada	São Miguel/Lisboa	Média	Branca
Matilde Bensaúde	1890/1969	Fitopatologista	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Amália Rodrigues	1920/1999	Fadista e poetisa	Lisboa/Lisboa	Baixa	Branca
Josefa D'Óbidos	1630/1684	Artista plástica, figurinista e retratista	Sevilha/Óbidos	Média	Branca
Florbela Espanca	1894/1930	Poetisa e jornalista	Vila Viçosa/Matosinhos	Média	Branca
Maria Veleda	1871/1955	Professora e ativista	Faro/Lisboa	Média	Branca
M ^a de Lourdes Pintasilgo	1930/2004	Deputada, engenheira, primeira-ministra	Abrantes/Lisboa	Média	Branca
Maria Teresa Horta	1937	Poetisa, escritora e ativista	Lisboa	Média	Branca
Brites de Almeida (Padeira de Aljubarrota)	1350/?	Almocreve e padeira	Faro/?	Baixa	Branca
Celeste Mousaco	1941	Polícia e doméstica	Grijó	Média	Branca
Paula Rego	1935	Artista plástica	Lisboa	Média	Branca
Maria José Estanco	1905/1999	Arquiteta e decoradora	Loulé/Lisboa	Média	Branca
Teté	1946	Artista de circo	Gaia	Baixa	Branca
Maria Archer	1899/1982	Escritora e ativista	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Chica da Silva	1732/1796	Escrava liberta, gestora de património	Serro/Diamantina (Brasil)	Baixa	Negra
Alice Moderno	1867/1946	Jornalista, ativista dos direitos dos animais	Paris/Ponta Delgada	Média	Branca
Maria Lamas	1893/1983	Jornalista, escritora, ativista	Torres Novas/Lisboa	Média	Branca

Bárbara Virgínia	1923/2015	Realizadora, atriz e locutora de rádio	Lisboa/São Paulo	Média	Branca
Luísa Todi	1753/1833	Atriz e cantora	Setúbal/Lisboa	Média	Branca
Sarah Affonso	1899/1983	Pintora e ilustradora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Sacuntala de Miranda	1934/2008	Historiadora e ativista	Ponta Delgada/Lisboa	Média	Branca
Virgínia Quaresma	1882/1973	Jornalista e ativista	Elvas/Lisboa	Média	Mulata
Leonor da Fonseca Pimentel	1752/1799	Jornalista e ativista	Roma/Nápoles	Alta	Branca
Adelaide Cabete	1867/1935	Médica e ativista	Elvas/Lisboa	Média	Branca
Margarida de Abreu	1915/2006	Coreógrafa	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Rosa Mota	1958	Maratonista	Porto	Média	Branca
Preta Fernanda	1877/1927	Coquete e cavaleira tauromáquina	Cidade da Praia/Lisboa	Baixa	Negra
Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira	1907/1984	Aviadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Ana Salazar	1941	Criadora de moda	Lisboa	Média	Branca
Virgínia Moura	1915/1998	Engenheira civil, ativista e deputada	São Martinho do Conde/Porto	Média	Branca
Isabel Rilvas	1935	Piloto acrobata	Lisboa	Alta	Branca
Juliana Dias da Costa	1658/1733	Médica, diplomata	Cochim/Deli	Média	Branca
<p><u>Livro:</u> <i>Portuguesas Extraordinárias</i> <u>Autoria:</u> Maria do Rosário Pedreira (texto) e Elsa Martins (ilustrações) <u>Editora:</u> Booksmile/20 20 Editora <u>Publicação:</u> outubro 2018 <u>Biografadas:</u> 25</p>					
Brites de Almeida (Padeira de Aljubarrota)	1350/?	Padeira	Faro/?	Baixa	Branca
Leonor de Avis	1458/?	Rainha	Beja/?	Alta	Branca
Grácia Nasi	1510/1569	Empresária	Lisboa/Constantinopla	Alta	Branca
Maria de Parma	1538/1577	Princesa e cozinheira	Lisboa/Parma	Alta	Branca

Antónia Rodrigues	1580/?	Oficial de cavalaria	Aveiro/?	Baixa	Branca
Josefa D'Óbidos	1630/1684	Pintora	Sevilha/Óbidos	Média	Branca
Catarina de Bragança	1638//1705	Rainha-consorte	Vila Viçosa/Lisboa	Alta	Branca
Leonor (Marquesa de Alorna)	1750/1839	Escritora, tradutora, dama de honra da rainha	Lisboa/Lisboa	Alta	Branca
Luísa Todi	1753/1833	Cantora lírica	Setúbal/Lisboa	Média	Branca
Antónia Pusich	1805/1883	Jornalista e escritora	São Nicolau/Lisboa	Média	Branca
Ferreirinha	1811/1896	Empresária	Peso da Régua/Peso da Régua	Alta	Branca
Maria Luísa de Sousa Holstein	1841/1909	Escultora e camareira da rainha	Lisboa/Sintra	Alta	Branca
Carolina Beatriz Ângelo	1878/1911	Médica ginecologista	Guarda/Lisboa	Média	Branca
Maria Lamas	1893/1983	Jornalista e escritora	Torres Novas/Lisboa	Média	Branca
Amélia Rey Colaço	1898/1990	Atriz e encenadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Branca Edmée Marques	1899/1986	Professora universitária, investigadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira	1907/1984	Aviadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Vieira da Silva	1908/1992	Pintora	Lisboa/Paris	Média	Branca
Sophia de Mello Breyner Andresen	1919/2004	Escritora	Porto/Lisboa	Média	Branca
Amália Rodrigues	1920/1999	Fadista	Lisboa/Lisboa	Baixa	Branca
Bárbara Virgínia	1923/2015	Realizadora, atriz, locutora de rádio, cantora, apresentadora	Lisboa/São Paulo	Média	Branca
Maria Barroso	1925/2015	Atriz, diretora de colégio, primeira-dama, presidente da Cruz Vermelha	Faro/Lisboa	Média	Branca

Natália Cunha	1927/1959	Ginasta	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Catarina Eufémia	1928/1954	Cefeira	Beja/Beja	Baixa	Branca
Mª de Lourdes Pintasilgo	1930/2004	Engenheira química, primeira-ministra	Abrantes/Lisboa	Média	Branca
NOMES EM COMUM NAS COLETÂNEAS					
Brites de Almeida (Padeira de Aljubarrota)	1350/?	Padeira	Faro/?	Baixa	Branca
Antónia Rodrigues	1580/?	Oficial de cavalaria	Aveiro/?	Baixa	Branca
Josefa D'Óbidos	1630/1684	Pintora	Sevilha/Óbidos	Média	Branca
Leonor (Marquesa de Alorna)	1750/1839	Escritora, tradutora, dama de honra da rainha	Lisboa/Lisboa	Alta	Branca
Luísa Todi	1753/1833	Cantora lírica	Setúbal/Lisboa	Média	Branca
Ferreirinha	1811/1896	Empresária	Peso da Régua/Peso da Régua	Alta	Branca
Carolina Beatriz Ângelo	1878/1911	Médica ginecologista	Guarda/Lisboa	Média	Branca
Maria Lamas	1893/1983	Jornalista e escritora	Torres Novas/Lisboa	Média	Branca
Branca Edmée Marques	1899/1986	Professora universitária, investigadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira	1907/1984	Aviadora	Lisboa/Lisboa	Média	Branca
Vieira da Silva	1908/1992	Pintora	Lisboa/Paris	Média	Branca
Amália Rodrigues	1920/1999	Fadista	Lisboa/Lisboa	Baixa	Branca
Bárbara Virgínia	1923/2015	Realizadora, atriz, locutora de rádio, cantora, apresentadora	Lisboa/São Paulo	Média	Branca
Catarina Eufémia	1928/1954	Cefeira	Beja/Beja	Baixa	Branca
Mª de Lourdes Pintasilgo	1930/2004	Primeira-ministra	Abrantes/Lisboa	Média	Branca

ANEXO II
QUADRO ESQUEMÁTICO DE ANÁLISE SOCIAL
OBRAS BRASILEIRAS

Livro: *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*
Autoria: Débora Thomé (texto) e diversas (ilustrações)
Editora: Galera/Editora Record
Publicação: outubro 2017 (1.^a edição), setembro 2018 (2.^a edição)
Biografias: 50

NOME ⁴⁰	DATA ⁴¹	ATUAÇÃO	LOCALIZAÇÃO ⁴²	ORIGEM ECONÔMICA ⁴³	ORIGEM ÉTNICA
Ada Rogato	1910/1986	Paraquedista, aviadora	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Chica da Silva	1731/1796	Escrava liberta, gestora de patrimônio	Serro (MG)/Diamantina (MG)	Baixa	Negra
Irmã Dulce	1914/1992	Freira	Salvador(BA)/Salvador (BA)	Média	Branca
Ana Botafogo	1957	Bailarina	Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Nise da Silveira	1905/1999	Psiquiatra	Maceió (AL)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Zuzu Angel	1921/1976	Estilista	Curvelo (MG)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Paraguaçu	1503/1583	Fundadora de igreja e vila em Salvador	Tupinambá (BA)/Tupinambá (BA)	-	Indígena
Marta Vieira	1986	Jogadora de futebol	Dois Riachos (AL)	Baixa	Negra
Thaisa Storchi Bergmann	1955	Astrofísica	Caxias do Sul (RS)	Média	Branca
Clementina de Jesus	1901/1987	Empregada doméstica, cantora	Valença (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Baixa	Negra

⁴⁰ Mantida a ordem estabelecida nas obras.

⁴¹ Nascimento e morte.

⁴² Cidade de nascimento e morte. Estes dados foram utilizados como ponto de partida para a análise do quesito, porém foi considerada a localidade mais relevante de cada história para a elaboração das conclusões detalhadas de cada obra.

⁴³ A condição econômica das mulheres retratadas nem sempre é explicitada nas biografias. Pesquisas extratexto e suposições considerando o contexto social das épocas em questão foram utilizadas para depreender, de forma simplificada, a camada social a que pertenceu/pertence cada personagem. Tem-se em questão a divisão social e econômica mais estanque e diferenciada nas histórias quanto mais se afasta temporalmente em relação à atualidade. Devido à dificuldade de classificar detalhadamente tendo em vista esse largo intervalo temporal e com o intuito de perceber a quais mulheres cada livro dá voz, decidiu-se usar apenas as classificações «alta», «média» e «baixa» para compreender, de maneira geral, esse aspecto na escolha dos nomes que formam a coletânea.

Maria da Penha	1945	Farmacêutica	Fortaleza (CE)	Média	Branca
Tarsila do Amaral	1886/1973	Pintora	Capivari (SP)/São Paulo (SP)	Alta	Branca
Graziela Maciel Barroso	1912/2002	Taxonomista de plantas	Corumbá (MS)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Carlota Pereira de Queirós	1892/1982	Professora, médica, primeira deputada federal do Brasil	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Alta	Branca
Maria Quitéria	1792/1853	Militar	Feira de Santana (BA)/Salvador (BA)	Baixa	Branca
Maria Esther Bueno	1939/2018	Tenista	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Ruth de Souza	1921/2019	Atriz	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Baixa	Negra
Princesa Isabel	1846/1921	Nobre da família real portuguesa, regente interina do Brasil-Império	Rio de Janeiro (RJ)/Dieppe (França)	Alta	Branca
Lota de Macedo Soares	1910/1967	Arquiteta e urbanista	Paris (França)/Nova Iorque (EUA)	Alta	Branca
Carmen Miranda	1909/1955	Cantora e atriz	Marco de Canaveses (Portugal)/Los Angeles (EUA)	Baixa	Branca
Cecília Meireles	1901/1964	Poetisa	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Liberata	1780/?	Escrava	??	Baixa	Negra
Chiquinha Gonzaga	1847/1935	Compositora, pianista, maestrina	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Média/Alta	Branca
Anita Garibaldi	1821/1849	Revolucionária, participante da Revolução Farroupilha e da unificação italiana	Laguna (SC)/Mandriole (Itália)	Baixa	Branca
Dina	1945/1974	Geóloga, comandante na Guerrilha do Araguaia	Castro Alves (BA)/Região do Rio Araguaia	Média	Negra
Antonieta de Barros	1901/1952	Jornalista, deputada estadual, ativista no combate à discriminação de negros e mulheres	Florianópolis (SC)/Florianópolis (SC)	Baixa	Negra

Eufrásia Teixeira Leite	1850/1930	Herdeira, gestora de património, filantropa	Vassouras (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Alta	Branca
Ivete Vargas	1927/1984	Jornalista, deputada federal	São Borja (SC)/São Paulo (SP)	Média/Alta	Branca
Elisa Frota Pessoa	1921	Física e professora universitária	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Jacqueline e Sandra	1962 e 1973	Jogadoras de vólei de praia, campeãs olímpicas	Rio de Janeiro(RJ)	Média	Branca
Bidu Sayão	1902/1999	Cantora lírica	Itaguaí (RJ)/Rockport (Maine/EUA)	Média	Branca
Aracy de Carvalho	1908/2011	Funcionária do Consulado Brasileiro na Alemanha, defensora dos judeus	Rio Negro (PR)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Mãe Menininha	1894/1986	Mãe de santo	Salvador (BA)/Salvador (BA)	Média	Negra
Zilda Arns	1934/2010	Pediatra, especialista em saúde pública, fundadora da Pastoral da Criança	Forquilha (SC)/Porto Príncipe (Haiti)	Média	Branca
Fernanda Montenegro	1929	Atriz	Rio de Janeiro	Baixa	Branca
Maria Rita Soares	1904/1998	Juíza, advogada, defensora de presos políticos	Aracaju (SE)/Rio de Janeiro (RJ)	Baixa	Negra
Margarida Maria Alves	1943/1983	Camponesa, sindicalista, defensora dos direitos trabalhistas no campo	Alagoa Grande (PB)/Alagoa Grande (PB)	Baixa	Branca
Dilma	1947	Economista, secretária de Fazenda de Porto Alegre, de Energia do Rio Grande do Sul, ministra de Energia do Brasil, Presidenta do Brasil	Belo Horizonte (MG)	Média/Alta	Branca
Elza Soares	1937	Cantora e compositora	Rio de Janeiro (RJ)	Baixa	Negra

Clarice Lispector	1920/1977	Escritora	Chechelnyk (Ucrânia)/Rio de Janeiro (RJ)	Baixa	Branca
Cora Coralina	1889/1985	Poetisa e contista	Cidade de Goiás (GO)/Goiânia (GO)	Alta	Branca
Dandara	?/?	Administradora do Quilombo dos Palmares	?/Capitania de Pernambuco	Baixa	Negra
Pagu	1910/1962	Ilustradora, atriz, escritora, tradutora, jornalista, militante comunista	São João da Boa Vista (SP)/Santos (SP)	Média	Branca
Leila Diniz	1945/1972	Atriz	Niterói (RJ)/Nova Delhi (Índia)	Média	Branca
Bertha Lutz	1894/1976	Bióloga, política e ativista feminista	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Carolina Maria de Jesus	1914/1977	Empregada doméstica, escritora	Sacramento (MG)/São Paulo (SP)	Baixa	Negra
Elis Regina	1945/1982	Cantora	Porto Alegre (RS)/São Paulo	Média	Branca
Laudelina de Campos Melo	1904/1991	Empregada doméstica, sindicalista em defesa dos direitos das empregadas domésticas	Poços de Caldas (MG)/Campinas(SP)	Baixa	Negra
Lygia Clark	1920/1988	Pintora, artista plástica, performer, professora universitária	Belo Horizonte (MG)/Rio de Janeiro(RJ)	Média	Branca
Maria Lenk	1915/2007	Nadadora	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca

Livro: Extraordinárias

Autoria: Duda Porto de Souza e Aryane Cararo (texto) e diversas (ilustrações)

Editora: Seguinte/Editora Schwarcz S.A./Grupo Companhia das Letras

Publicação: novembro 2017 (1.ª edição), setembro 2018 (2.ª edição)

Biografias: 40

Madalena Caramuru	1ª metade sec. XVI/?	Defensora dos direitos indígenas	Bahia (BA)/?	–	Indígena
Dandara	?/1694	Administradora do Quilombo dos Palmares	?/União dos Palmares (AL)	Baixa	Negra
Bárbara de Alencar	1760/1832	Líder política	Exu (PE)/Fronteiras (PI)	Média	Branca

Hipólita Jacinta Teixeira de Melo	1748/1828	Gestora de patrimônio, inconfidente na Inconfidência Mineira	Prados (MG)/Prados (MG)	Alta	Branca
Maria Quitéria	1792/1853	Militar	Cachoeira (BA)/Salvador (BA)	Baixa	Branca
Maria Filipa de Oliveira	?/1873	Marisqueira, pescadora, líder de resistência contra os portugueses	??	Baixa	Negra
Nísia Floresta	1810/1885	Escritora, defensora nas mulheres, negros e indígenas	Nísia Floresta (RN)/Rouen (França)	Média	Branca
Ana Néri	1814/1880	Primeira enfermeira de guerra do Brasil	Cachoeira (BA)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Anita Garibaldi	1821/1849	Revolucionária, participante da Revolução Farroupilha e da unificação italiana	Laguna (SC)/Mandriole (Itália)	Baixa	Branca
Maria Firmina dos Reis	1825/1917	Escritora, romancista	São Luís (MA)/Guimarães (MA)	Média	Negra
Princesa Isabel	1846/1921	Nobre da família real portuguesa, regente interina do Brasil-Império	Rio de Janeiro (RJ) /Dieppe (França)	Alta	Branca
Chiquinha Gonzaga	1847/1935	Compositora, pianista, maestrina, defensora do fim da escravatura	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Alta	Branca
Georgina de Albuquerque	1885/1962	Pintora, primeira diretora da Escolha Nacional de Belas-Artes	Taubaté (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Nair de Teffé	1886/1981	Primeira caricaturista do mundo, primeira-dama	Rio de Janeiro (RJ)/Niteroi (RJ)	Alta	Branca
Anita Malfatti	1889/1964	Pintora	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Bertha Lutz	1894/1976	Bióloga, política e ativista feminista	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca

Antonieta de Barros	1901/1952	Jornalista, deputada estadual, ativista no combate à discriminação de negros e mulheres	Florianópolis (SC)/ Florianópolis (SC)	Baixa	Negra
Carmen Portinho	1903/2001	Engenheira civil, urbanista, feminista	Corumbá (MS)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Laudelina de Campos Melo	1904/1991	Empregada doméstica, defensora das domésticas	Poços de Caldas (MG)/Campinas (SP)	Baixa	Negra
Nise da Silveira	1905/1999	Psiquiatra	Maceió (AL)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Pagu	1910/1962	Ilustradora, atriz, escritora, tradutora, jornalista, militante comunista	São João da Boa Vista (SP)/Santos (SP)	Média	Branca
Ada Rogato	1910/1986	Paraquedista, aviadora	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Graziela Maciel Barroso	1912/2002	Taxonomista de plantas	Corumbá (MS)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Carolina Maria de Jesus	1914/1977	Empregada doméstica, escritora	Sacramento (MG)/São Paulo (SP)	Baixa	Negra
Maria Lenk	1915/2007	Nadadora	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Dorina Nowill	1919/2010	Professora, defensora dos direitos dos deficientes visuais	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Cacilda Becker	1921/1969	Atriz	Pirassununga (SP)/ São Paulo (SP)	Média	Branca
Dona Ivone Lara	1921/2018	Terapeuta Ocupacional, cantora	Rio de Janeiro (RJ)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Negra
Zuzu Angel	1921/1976	Estilista	Curvelo (MG)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Josefa Paulino da Silva	1924/1999	Empregada doméstica, costureira, líder camponesa pelos direitos trabalhistas e à terra em Alagoas	São Miguel dos Campos (AL)/ Niterói (RJ)	Baixa	Negra

Niède Guidon	1933	Arqueóloga, professora universitária	Jaú (SP)	Média	Branca
Zilda Arns	1934/2010	Pediatra, especialista em saúde pública, fundadora da Pastoral da Criança	Forquilha (SC)/Porto Príncipe (Haiti)	Média	Branca
Margarida Maria Alves	1943/1983	Camponesa, sindicalista, defensora dos direitos trabalhistas no campo	Alagoa Grande (PB)/Alagoa Grande (PB)	Baixa	Branca
Leila Diniz	1945/1972	Atriz	Niterói (RJ)/Nova Delhi (Índia)	Média	Branca
Dinalva Oliveira Teixeira	1945/1974	Geóloga, comandante na Guerrilha do Araguaia	Castro Alves (BA)/Região do Rio Araguaia	Média	Negra
Marinalva Dantas	1954	Auditora fiscal do trabalho	Campina Grande (PB)	Baixa	Branca
Indianara Siqueira	1971	Ativista de direitos humanos dos transgêneros	Paranaguá (PR)	Baixa	Branca
Sônia Guajajara	1974	Empregada doméstica, educadora, líder do movimento indígena brasileiro atual	Terra indígena Arariboia/ Maranhão (MA)	Baixa	Indígena
Djamila Ribeiro	1980	Filósofa, professora universitária, principal voz do feminismo brasileiro atual	Santos (SP)	Baixa	Negra
Marta Vieira	1986	Jogadora de futebol	Dois Riachos (AL)	Baixa	Negra
NOMES EM COMUM NAS COLETÂNEAS					
Dandara	?/1694	Administradora do Quilombo dos Palmares	?/União dos Palmares (AL)	Baixa	Negra
Maria Quitéria	1792/1853	Militar	Cachoeira (BA)/Salvador (BA)	Baixa	Branca
Anita Garibaldi	1821/1849	Revolucionária, participante da Revolução Farroupilha e da unificação italiana	Laguna (SC)/Mandriole (Itália)	Baixa	Branca

Princesa Isabel	1846/1921	Nobre da família real portuguesa, regente interina do Brasil-Império	Rio de Janeiro/Dieppe (França)	Alta	Branca
Chiquinha Gonzaga	1847/1935	Compositora, pianista, maestrina, defensora do fim da escravatura	Rio de Janeiro/Rio de Janeiro	Alta	Branca
Bertha Lutz	1894/1976	Bióloga, política e ativista feminista	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Antonieta de Barros	1901/1952	Jornalista, deputada estadual, ativista no combate à discriminação de negros e mulheres	Florianópolis (SC)/ Florianópolis (SC)	Baixa	Negra
Laudelina de Campos Melo	1904/1991	Empregada doméstica, sindicalista em defesa dos direitos das empregadas domésticas	Poços de Caldas (MG)/Campinas (SP)	Baixa	Negra
Nise da Silveira	1905/1999	Psiquiatra	Maceió (AL)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Pagu	1910/1962	Ilustradora, atriz, escritora, tradutora, jornalista, militante comunista	São João da Boa Vista (SP)/Santos (SP)	Média	Branca
Ada Rogato	1910/1986	Paraquedista, aviadora	São Paulo (SP)/São Paulo (SP)	Média	Branca
Graziela Maciel Barroso	1912/2002	Taxonomista de plantas	Corumbá (MS)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Carolina Maria de Jesus	1914/1977	Empregada doméstica, escritora	Sacramento (MG)/São Paulo (SP)	Baixa	Negra
Maria Lenk	1915/2007	Nadadora	São Paulo (SP)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Zuzu Angel	1921/1976	Estilista	Curvelo (MG)/Rio de Janeiro (RJ)	Média	Branca
Zilda Arns	1934/2010	Pediatra, especialista em saúde pública, fundadora da Pastoral da Criança	Forquilha (SC)/Porto Príncipe (Haiti)	Média	Branca

Margarida Maria Alves	1943/1983	Camponesa, sindicalista, defensora dos direitos trabalhistas no campo	Alagoa Grande (PB)/Alagoa Grande (PB)	Baixa	Branca
Leila Diniz	1945/1972	Atriz	Niterói (RJ)/Nova Delhi (Índia)	Média	Branca
Dinalva Oliveira Teixeira	1945/1974	Geóloga, comandante na Guerrilha do Araguaia	Castro Alves (BA)/Região do Rio Araguaia	Média	Negra
Marta Vieira	1986	Jogadora de futebol	Dois Riachos (AL)	Baixa	Negra